

OBRAS  
DE  
CAMILLO CASTELLO BRANCO

---

EDIÇÃO POPULAR

---

VI

O BEM E O MAL

Rights for this book: [Public domain in the USA](#).

This edition is published by Project Gutenberg.

Originally [issued by Project Gutenberg](#) on 2020-07-12. To support the work of Project Gutenberg, visit their [Donation Page](#).

This free ebook has been produced by [GITenberg](#), a program of the [Free Ebook Foundation](#). If you have corrections or improvements to make to this ebook, or you want to use the source files for this ebook, visit [the book's github repository](#). You can support the work of the Free Ebook Foundation at their [Contributors Page](#).

The Project Gutenberg EBook of O Bem e o Mal, by Camilo Castelo Branco

This eBook is for the use of anyone anywhere in the United States and most other parts of the world at no cost and with almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away or re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included with this eBook or online at [www.gutenberg.org](http://www.gutenberg.org). If you are not located in the United States, you'll have to check the laws of the country where you are located before using this ebook.

Title: O Bem e o Mal  
Romance

Author: Camilo Castelo Branco

Release Date: July 12, 2020 [EBook #62624]

Language: Portuguese

\*\*\* START OF THIS PROJECT GUTENBERG EBOOK O BEM E O MAL  
\*\*\*

Produced by Rita Farinha and the Online Distributed  
Proofreading Team at <https://www.pgdp.net>

OBRAS  
DE  
CAMILLO CASTELLO BRANCO

EDICÃO POR...

EDIÇÃO POPULAR

## VI

### O BEM E O MAL

---

#### VOLUMES PUBLICADOS

Eis os titulos dos ultimos volumes:

N.º 29—As virtudes antigas—Um poeta portuguez... rico!

N.º 30—A filha do Doutor Negro.

N.º 31—Estrellas propicias.

N.º 32—A filha do regicida.

N.ºs 33 e 34—O demonio do ouro.

N.º 35—O regicida.

N.º 36—A filha do arcediago.

N.º 37—A neta do arcediago.

N.º 38—Delictos da Mocidade.

N.º 39—Onde está a felicidade?

N.º 40—Um homem de brios.

N.º 41—Memorias de Guilherme do Amaral.

N.ºs 42, 43 e 44—Mysterios de Lisboa.

N.ºs 45 e 46—Livro negro de padre Diniz.

N.ºs 47 e 48—O judeu.

N.º 49—Duas épocas da vida.

N.º 50—Estrellas funestas.

N.º 51—Lagrimas abençoadas.

N.º 52—Lucta de gigantes.

N.ºs 53 e 54—Memorias do carcere.

N.º 55—Mysterios de Fafe.

N.º 56—Coração, cabeça e estomago.

N.º 57—O que fazem mulheres.

N.º 58—O retrato de Ricardina.

N.º 59—O sangue.

N.º 60—O santo da montanha.

N.º 61—Vingança.

N.º 62—Vinte horas de liteira.

N.º 63—A queda d'um anjo.

N.º 64—Scenas da Foz.

N.º 65—Scenas contemporaneas.

N.º 66—O romance d'um rapaz pobre.

N.º 67—Aventuras de Bazilio Fernandes Enxertado.

N.º 68—Noites de Lamego.

N.º 69—Scenas innocentes da comedia humana.

N.ºs 70 e 71—Os Martyres.

N.º 72—Um livro.

N.º 73—A Sereia.

N.º 74—Esboços de apreciações litterarias.

N.º 75—Cousas leves e pesadas.

N.º 76—Theatro:—I. Agostinho de Ceuta.—O marquez de Torres-Novas.

N.º 77—Theatro:—II. Poesia ou dinheiro?—Justiça.—Espinheiros e flores.—Purgatorio e Paraizo.

N.º 78—Theatro:—III.—O Morgado de Fafe em Lisboa.—O Morgado de Fafe amoroso.—O ultimo acto.—Abençoadas lagrimas!

N.º 79—Theatro:—IV.—O condemnado.—Como os anjos se vingam.—Entre a flauta e a viola.

N.º 80—Theatro:—V.—O Lubis-Homem—A Morgadinha de Val-d'Amores.

---

*CAMILLO CASTELLO BRANCO*

# **O BEM E O MAL**

ROMANCE

**SEXTA EDIÇÃO**

LISBOA

Parceria Antonio Maria Pereira

LIVRARIA EDITORA

*Rua Augusta, 44 a 54*

1910

1910

OFFICINAS TYPOGRAPHICA E DE ENCADERNAÇÃO

MOVIDAS A ELECTRICIDADE

Da PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA

*Rua Augusta, 44, 46 e 48—1.º e 2.º andar*  
LISBOA

---

# PREFACIO DA SEGUNDA EDIÇÃO

Foi vagarosa a sahida da primeira edição d'este livro.

É obvia e, ao mesmo passo, desconsoladora a explicação. A novella não perdeu por mal escripta; mas por mal pensada. Quanto a linguagem tanto montava o quilate d'esta como o das suas irmans. A incorrecção é o castigo de quem escreve muito á pressa para ir acabando mais de vagar. Em Portugal é preciso isto.

O defeito d'este livro é a superabundancia de virtudes de infastiar leitores que as exercitam eguaes e maiores, todos os dias.

Ainda bem.

Quem quizer voga e fama pinte e salpique de sangue e lama os seus paineis. Ganhar a curiosa attenção dos leitores sómente é permittido a quem lhes dá noticia de cousas não sabidas nem experimentadas. A virtude é o ranço d'estas gordas almas da nossa terra. Relatem-se crimes de cafrárias em linguagem de cafra.

S. Miguel de Seide, agosto de 1868.

*Camillo Castello Branco.*

---

AO

PADRE ANTONIO DE AZEVEDO

Nome que os pobres, seus irmãos, reverenceiam, e os enfermos da alma abençoam; ancião virtuoso; operario infatigavel em serviço de DEUS e da humanidade

OFFERECE ESTE ESCRIPTO

*O Auctor.*

---



*Meu Amigo:*

*Ha vinte e tres annos que eu vivi em sua companhia.*

*Lembra-se d'aquelle incorrigivel rapaz de quatorze annos, que ia á venda da Serra do Mesio jogar a bisca com os carvoeiros, e a bordoada, muitas vezes?*

*Esse rapaz sou eu; é este velho, que lhe escreve aqui do cubiculo de um hospital, muito visinho do cemiterio dos Prazeres.*

*Eu sou aquelle a quem padre Antonio de Azevedo ensinou principios de solpha, e as declinações da arte franceza.*

*Sou aquelle que leu em sua casa as «Viagens de Cyro», o «Theatro dos Deuzes», os «Luziadas», «As perigrinações de Fernão Mendes Pinto», e outros livros, que foram os primeiros.*

*Sou aquelle que, sem saber latim, resava matinas, laudes, terça, sexta, etc., com padre Antonio.*

*Sou, finalmente, aquelle, a quem padre Antonio disse:—«O tempo ha de fazer de você alguma cousa.»*

*Passados vinte e tres annos, como eu acabasse de escrever o meu quadragésimo segundo volume, lembrou-me dedicar-lh'o, meu venerando amigo, e rogar-lhe que peça a Deus por mim.*

*Lisboa, 22 de junho de 1868*

---

# I

## A visão do presbyterio

Apresento o sr. Ladislau Tiberio Militão de Villa Cova.

Nasceu no termo de Pinhel em 1818. Seu pae, viuvo sem consolação, vestiu o habito de frade mendicante no convento de Vinhaes. Assim cuidou elle que dignamente honrava a memoria de sua santa mulher. Escolhera convento pobre como penitencia, e deixara sua casa e filho unico sob a vigilancia de um irmão clerigo, sujeito de clara fama e varão doutissimo.

N'aquella casa de Villa Cova, que dera o appellido a dez gerações de honrados lavradores, floreceram, na passagem de cinco seculos, padres de muito saber, uns famigerados na oratoria, outros grandes cazuistas, e alguns bastantemente notaveis por sua virtude sem letras, e nenhum por letras sem virtudes.

O educador de Ladislau sobre ser virtuoso, era grande letrado; a sua sciencia, porém atrazára-se dous seculos na historia do espirito humano.

Padre Praxedes de Villa Cova sabia de cór Aristoteles e Platão. Philosophia, physica, historia natural, grammatica, logica, metaphysica, poetica, meteorologia, politica, e mais um centenar de sciencias todas lh'as ensinaram os dous sabios de Stagira e Athenas. Na opinião d'elle, a intelligencia do homem, depois de Platão e Aristoteles, envelhecera, ou fingira remoçar-se com atavios de ouropel e pechisbeques, sem quilate na experimentada mão de um sabio.

Era padre Praxedes copiosamente lido em livros portuguezes anteriores ao seculo XVII, e possuia os melhores nas suas ponderosas estantes de castanho. Da epocha dos Senhores Reis D. João V e D. José I já pouquissimos volumes, e esses mesmos entremados do ouro puro dos classicos, se honravam de prender-lhe a attenção.

Foi, desde menino, Ladislau encaminhado por esta, em parte, errada vereda da sabedoria util e verdadeira.

Começou a escrever como caligraphicamente se escrevia ha dous seculos: letra garrafal, com as hastes a prumo, longas e enfeitadas com mui engenhosos quadrados, mórmente as maiusculas. Era a escripta de padre Praxedes, tal qual a

que seu tio avô, sabio fallecido em 1707, transmittira a um padre Heliodoro, seu filho, e este ao avô de Ladislau, e o avô ao filho, que vinha a ser o tio paterno d'este padre Praxedes. De modo que, n'aquella familia, o «traslado» da escripta em 1830 era fielmente copiado do de 1680. Em tudo mais como na escripta.

Está situada a casa dos Militões de Villa Cova nas faldas de uma serra chamada a *Castra*. Affirma documentalmente o padre que o chamar-se *Castra* o sitio, vem de ter estado alli presidio romano, ha vinte seculos; e quer elle que sobre as ruinas d'aquella atalaia dos senhores do mundo esteja cimentada a modesta habitação dos Militões desde o seculo IX.

É a casa grossa de cantaria com dez janellas de peitoril sem vidraças, quasi a roçarem nas proeminentes cornijas, assentadas em fortes cachorros sem lavor. É largo e alto o portão de castanho, que abre sobre um espaçoso quinteiro, intransitavel na maior parte do anno, por causa das gabellas de tojo e urze, que os pés do gado vão calcando e curtindo.

Do fundo do quinteiro, sobe larga escadaria a um pateo lageado com guardas de pedra tão em bruto e sem visos de esquadria que parecem ter alli ficado casualmente postas umas contra outras pelo revolutear aquoso de algum diluvio.

Este exterior assim é triste, mais triste que a soledade das ruinas de outras casas, que em redor existiam até ao começo d'este seculo, e ás quaes os francezes acossados pegaram fogo, na sua ultima evasão de Portugal. Do desastre da Pova de Villa Cova salvou-se a casa dos Militões, porque os incendiarios não acharam brecha por onde lançassem o lume: o morro de pedra era incombustivel; as portadas de castanho tão sómente a bala raza poderiam saltar dos seus enormes gonzos.

Os donos das ruinas não quizeram reedificar no sitio onde seus antepassados tinham construido os pobres casalejos. Ajuizadamente edificaram em terreno mais ao centro das suas leiras, visto que, em casa de mais fertil torrão, já os avós dos actuaes tinham levado longe o arroteamento e a cultura.

A casa dos Militões ficou, porém, solitaria, e tomou a si em bem dos pobres o desmontar da terra deixada a monte.

As corpulentas arvores, que se abraçaram no declive da serra, mal deixavam entrever a casa de Villa Cova. O vestigio unico de vida n'aquelle fundão era o

rolo de fumo que o vento rarefazia em apparencia de nevoeirinhos sobre a copa do arvoredor, o qual, visto da cumiada da Castra, semelhava uma mouta de arbustos.

Volviam mezes e mezes sem que pessoa estranha descesse a serra, em demanda da casa dos Militões, excepto o viandante, que, surprehendido pela noute, se guiava pela neblina de fumo, vista ao entardecer, ou pelo convidativo cantar do gallo.

Em dias santificados, a familia fiava dos cães de gado a guarda da casa, e ia ouvir missa á igreja parochial, um quarto de legua distante. Desde tempos immemoriaes era a freguezia pastoreada por clérigo da casa de Villa Cova. Este clérigo que, no discurso de tres seculos, parecia sempre o mesmo, tinha sempre comsigo uma irmã, que, no traje, no dizer, e no sentir, era a mesma irmã do padre do seculo XV.

Depois da missa, o pastor acompanhava os seus a Villa Cova, onde pasava o dia; e á noute, entoadas as preces das Ave-Maria, lá transmuntava o serro, que o separava da sua igreja, abordoando-se d'um cerquinho, que diziam ter trezentos ou mais annos de uso—tradição fundada na certeza de outras muitas.

Este era ainda em 1830 o viver d'aquella patriarchal familia.

Ladislau Tiberio Militão estudava n'este tempo a grammatica de Aristoteles. Frei Braz, seu pai, morreu n'aquelle anno; e no seguinte, o tio, que parochiava. Ficou reduzida sua familia ao padre, que o ensinava, e á tia Sebastiana, que, por morte do tio, voltára da igreja á casa, onde uma serie de onze antecessoras tinha voltado com o lucto no coração e a vida por um fio.

Apenas fallecido o pastor, foi padre Praxedes nomeado interinamente para a vigararia de S. Julião da Serra. Não havia outro clérigo na familia, nem outro administrador para a lavoura. Quiz o padre declinar a pesada herança; mas, mal o souberam, os parochianos acudiram em rogos e lagrimas a Villa Cova, pedindo ao virtuoso irmão do defuncto vigario que os não desamparasse. Praxedes arrendou os bens, e transferiu-se á residencia parochial com irmã e sobrinho, esperando ainda que algum clérigo pobre das cercanias lhe tirasse dos hombros o cargo, e lhe libertasse o tempo necessario ao ensino de Ladislau.

Malograda a esperança, e nomeado pelo governo, o parochio trasladou a sua livraria, como quem já tinha ao certo que seus derradeiros annos, muitos ou

poucos, alli seriam vividos ao pé da sepultura dos seus onze antepassados.

Na casa do presbyterio, continuou a educação litteraria de Ladislau.

Vivia o mocinho entre seus tios; não conhecia rapaz da sua idade com que entretivesse as horas feriadadas, ou conversasse em materia de estudo. Mui naturalmente lhe pendeu o animo a umas tristezas que nem viço e contentamentos de primeiros annos podiam desassombrar. Isto não faria especie ao vigario nem á senhora Sebastiana. Era aquella soturna melancolia a norma commum do viver d'esta familia. Muita quietação, silencio tumular, um moverem-se de phantasmas, perpassando uns por outros com glacial taciturnidade.

Estava ainda gravado no animo de todos o lance funereo da viuvez de Braz. A mãe de Ladislau morrera como quem passa de um tumulo para outro. Nem mesmo, depois que sahira o esquife, os gemidos se ouviram longo tempo. E o viuvo, quasi sem declarar seus intentos, sahiu, ao terceiro dia, de casa, foi orar sobre a lagea de sua mulher, e d'alli se partiu, a pé, caminho de Vinhaes. Aqui, bateu á porta do mosteiro, que se lhe abriu como casa de infelizes, e lá ficou. Tudo assim na vida ordinaria, modelado por este extraordinario succedimento!

Ladislau contou os dezoito annos da sua idade, sem sentir abrir-se-lhe o coração a alguma poesia: nem sequer á poesia da natureza!

As graças campestres das Georgicas de Virgilio sabia traduzil-as em termos frios, rigorosamente grammaticaes, irreprehensiveis em sã e fradesca latinidade; porém, no interno da sua alma, nenhum enlevo o transportava da euphonia do verso para a formosura dos prados, das fontes e do luar das suas noutes solitarias. Dormia-lhe o coração; ninguem á volta de si proferira aquella palavra, que é bastante a despertal-o para as alegres alvoradas do primeiro dia de amor, amor sem mulher, sem esperança, sem emblema, amor em competencia com o ideal do amor dos serafins.

Como se padre Praxedes premeditasse amortallar este mancebo, já morto antes de haver experimentado o palpar estranho da vida, que estremece em confusos desejos, uma vez, acabando de traduzir com Ladislau alguns capitulos da «Cidade de Deus», de Santo Agostinho, fallou assim ao moço de dezoito annos, sem uma só primavera:

—Ladislau, pensava eu esta noute, e muitas noutes hei vellado a pensar que,

d'aqui a pouco, voltarás á casa onde nasceste, deixando teu mestre debaixo da pedra onde esperam o grande dia todos os nossos. Pensei com tristeza que não virá tão cedo de nossa casa o padre guardador d'este rebanho que os nossos antepassados acceitaram como de Deus, e vieram, no atravessar de tantos annos, passando o cajado uns a outros. Agora é que se acabou este legado de serviços, desvelos, e caridades aos nossos irmãos... Quão grata seria a Deus que o não regeitassemos! Não estás tu aqui tão bem inclinado á virtude, e aproveitado na sciencia das cousas santas?!... Queres tu ser padre, Ladislau?

—Quero, meu tio—disse o moço com inalterado semblante, como se fosse convidado a traduzir a «Carta aos Pisões» ou as «Lamentações de Jeremias».

—Sentes em ti vocação ao sacerdocio?—reperguntou o padre com alegre sombra.

—Sinto, sim senhor; porque não hei de sentir?—disse Ladislau.

—Não tens pensado em outro futuro, meu sobrinho?

—Outro futuro!?—perguntou o moço como alheado na estranheza da insistencia.

—Sim: outro futuro... Pensaste alguma vez em te casares?

—Não senhor.

—Nem te pende para a vida de esposo e pai a inclinação de teu animo?

—Nem tenho cogitado n'isso.

—Pois pensa, sobrinho, pensa, que esta vida de padre tem grandes alegrias e grandes amarguras, como todas as vidas, todas as vocações. Se queres a paz, que me tens visto no rosto, entra na trilha de meus passos; os dissabores de dentro, esses, que são muitos, Deus te afaste o calix d'elles; mas se t'o der, acceita-o, que a remuneração é infallivel: acceita-o, meu sobrinho, que o descanso, vindo apoz a batalha, é ineffavel como o jubilo dos Santos. Ora pois: pensarás um anno; consultarás o teu espirito; e, em cada amanhecer, pedirás ao divino Espirito Santo que te allumie.

Antes de findado o anno, padre Praxedes deu a alma ao Senhor; e Sebastiana, que vivia para sepultar o ultimo vigario de S. João da Serra, lá ficou na campa mais proxima, adormecendo-se a benelacito de Deus, como quem cumpriu sua

mais proxima, adormecendo-se a beneplacito de Deus, como quem cumpria sua missão.

Ladislau voltou á casa de Villa Cova com a sua livraria, e as supremas palavras do tio moribundo, que tinham sido estas:

—Espera um anno mais, o conselho do Espirito Santo. Se o teu coração estiver desatado de paixões, que prendem á terra, dá-o a Deus; se não, meu sobrinho, sê um bom marido e bom pai, que esta virtude é por si tambem um sublime sacerdocio. A vida solitaria, que tens vivido, se poderes continual-a, filho, não a troques pelo mundo. Sacerdote, marido, ou simples homem, sem mais obrigações que as communs com os outros homens, além das que o decalogo te manda, foge, quanto poderes, da vida que traz comsigo o esquecimento da morte. Ladislau, a sciencia é um grandissimo mundo povoado de espirituaes amigos; os teus livros encerram, cada um, sua alma, que te falla como amiga. N'este, acharás um desgraçado constricto, que te conta os seus infortunios com o bispo de Hippona, ou o fundador da nossa Arrabida<sup>[1]</sup>. Outro, como o thesouro de Kempis, se te desentranha em balsamos para quantas feridas a dôr do ermo ou os desenganos do mundo te abrirem no seio. Nos livros apprendi a fugir ao mal sem o experimentar. Confessor quarenta annos, vi as angustias, que vão por esse mundo, tantas, que não cabiam lá, e transbordavam até ao nosso escondrijo. Recolhe-te a ti; não deixes os teus campos; affaz-te a amar estas serras, onde o pé do impio não chegou ainda. Olha tu com que serenidade eu fio meu remedio e salvação da divina misericordia: aqui tens, na morte, um exemplo das vantagens da vida, que eu tive. É isto, filho; é este acabar sem remorso nem temor, consolando-me de ter sido tão moderado em meus desejos, que nem se quer peço a Deus que me dispense mais um dia de existencia.

Estas e poucas mais foram as ultimas palavras do presbytero.

Ladislau Tiberio viveu um anno esperando o conselho do Espirito Santo.

Os chorosos parochianos de S. Julião da Serra, quando viram suas consciencias em guarda de um sacerdote moço, que viera de longe pastoreal-os, foram ter com Ladislau, representados pelos lavradores mais abastados da freguezia.

—Que querem de mim?—perguntava o moço—que hei de eu fazer-lhes?

—Seu tio, que Deus haja—respondeu o mais respeitado—nos disse que talvez o sr. Ladislau tomasse ordens para ser o nosso vigario.

—Pois sim; mas é cedo ainda, meus amigos. Deixai-me esperar o dia destinado á minha decisão.

O dia chegou: era o anniversario da morte do padre Praxedes.

Ladislau, na manhã d'aquelle dia, foi orar ao templo, e ajoelhou sobre a campa dos sacerdotes seus antepassados.

Raiava a aurora, quando entrou á egreja.

E enxergou um vulto, orando no arco da capella-mór.

Mais tarde, como o sol coasse pela estreita fresta lateral um raio de luz sobre o vulto ajoelhado, Ladislau reconheceu uma mulher.

---



## II

### Amor de predestinação

A mulher ajoelhada á sombra do escuro arco, era Peregrina, irmã do vigário.

Viera de longe para alli com seu irmão, sacerdote pobre, que devia a sua ordenação ao bemfazer do padrinho, velho fidalgo de Pinhel. Em quanto João se ordenava em Bragança, Peregrina vivera e educara-se sob o amparo do padrinho de seu irmão, e querida das filhas do fidalgo, que a vestiam de seus vestidos, e a sentavam entre si á meza.

Disse padre João a sua missa nova na capella do bemfeitor, e alli ficou estimado como da familia, até que, por diligencias do fidalgo, recebeu a apresentação na igreja de S. Julião da Serra.

Peregrina beijou a mão do velho caridoso, beijou o rosto de suas amigas de infancia, e sahiu com o presbytero em demanda da vetusta igreja. Os parochianos, posto que descontentes ao verem semblantes desconhecidos no adro dos seus mortos, disseram:

«Assim é que vinha o pastor de Villa Cova com a irmã».

Era melancolico o presbyterio; as arvores ressequidas; o chão arido; as penedias calvas; os tectos assentes em vigas; as paredes interiores afumadas; os taboados movediços. Alli, as primaveras passariam despresentidas, se não fosse o azulejar-se o céu, e os festões das giestas na serra, e o calar-se o estridor das torrentes despenhadas dos cerros das montanhas.

Peregrina, quando alli se viu, por um anoutecer de novembro, disse:

—Como isto é triste e feio!

Padre João olhou em redor de si, e respondeu:

—Irmã, este chão triste é que nos ha de dar o pão santo da independencia. Bemdigamos o coração generoso dos nossos amigos, que me deram terra onde lavrar com minhas proprias mãos o nosso sustento de cada dia. A casa parece-nos agora triste, porque é noute. Amanhã um raio de sol nos virá alegrar estas

paredes.

E, como assim fallasse, o vigario desceu ao adro, subiu sobre uma peanha tosca, travou da corda que movia o sino unico do simulacro de torre, e tangeu as nove badaladas de Ave-Marias. Os lavradores, que iam passando, descobriram-se, pararam, oraram, benzeram-se, e seguiram seu caminho murmurando:

—Os padres de Villa Cova faziam o mesmo. Quer Deus que todos os nossos vigarios sejam bons e devotos.

Entretanto, Peregrina, rezada a oração final da sua prece da tarde, alongou os olhos ás sombrias serras que avultavam para o lado de Pinhel, e chorou. Eram saudades das filhas do bemfeitor, e do casal onde nascera, e onde seus pais, caseiros do fidalgo, haviam morrido.

A irmã do vigario tinha 18 annos. Era dotada de abundantes graças, compleição menos robusta que o ordinario das moças aldeãs, senhoril talvez extraordinariamente, rica de negros cabellos, formosa de olhos, doce e meiga no dizer, modestissima, parca em sorrisos, meditativa, laboriosa, e muito dada á oração.

Costumava ella erguer-se ante-manhã, quando ouvia os passos do irmão no sobrado visinho do seu quarto. O vigario madrugava assim para dizer missa á hora em que os parochianos saham ás suas lavouras. Peregrina accendia o lume, aconchegava o pucaro das brazas, cegava as couves, ia assistir á missa do irmão, e vinha depois cosinhar o caldo que era a refeição matinal do sacerdote e d’ella.

Uma grande parte do clero, que pastorêa almas, póde bem ser que me não acceite a verosimilhança d’este caldo de couves. Espero que se desçam de sua incredulidade, se eu lhes disser que a congrua e pé-de-altar de S. Julião da Serra não davam para chá, n’aquelle tempo em que os direitos da charopada chinesa eram enormes, e os paladares eram genuinamente portuguezes, lá d’aquellas serranias, se saboreavam de preferencia no salutar cozimento de couves adubadas de saboroso unto. Ora eu, que n’esta fidalga e franceza Lisboa tenho sido espectaculo de riso, pedindo nos hoteis, e recommendando aos meus amigos o caldo verde, insisto contumazmente em me expôr á mofa da gente culta, dando á estampa, n’este logar e para meu duradouro opprobrio, o panegyrico do caldo verde, caldo de meus avós, e de padre João e de sua irmã.

N’aquella madrugada, em que Ladislau fôra celebrar o anniversario da morte de

seu tio, orando na igreja, Peregrina demorára-se a rezar, finda a missa, porque seu irmão entrára no confessionario. Déra ella conta de ajoelhar-se alli perto de si o moço, já quando o templo estava vazio. Soffreu, em quanto pôde, sua curiosidade, que teimava em querer conhecer o recolhido devoto. Não era costume seu voltar a cabeça a um lado ou outro, quando fallava a Deus; porém, tanta força lhe fazia o animo para o sitio onde estava o moço que, apesar de profanação, aventuro-me a suppor que o coração lhe estava tirando para alli os olhos por uns filamentos mysteriosos que, alguma vez, a anatomia ha de encontrar entre olhos e coração.

Foi o raio de sol nascente, vertido pela fresta esguia da capella-mór, que de todo em todo aliciou Peregrina a olhar. Um raio do sol do Senhor a alumiar-lhes o escuro do templo para se verem! Donoso e sublime confidente de duas almas carecidas uma da outra! Nunca tão auspiciosos preludios de um amor começaram n'esta vida. São dous moços: ella virgem, e formosa, e immaculada; elle gentil, puro, e alli ajoelhado em consultação de seu destino. A que bemdita e predita hora se entreluzem as duas almas, embebidas em Deus e subitamente encontradas no mesmo arco da igreja, em que os esposos costumam receber as benções!

Ladislau tinha as mãos erguidas, quando encarou no rosto de Peregrina. As mãos ficaram na postura fervorosa; mas a oração, cortada em meio, olvidou-se-lhe. E ella, que entrepassava nos dedos as contas do seu rosario, continuou a dizer as palavras santas, mas sem ouvir-as na audição interior do espirito.

Ambos a um tempo acordaram da fixidez da sua contemplação, e córaram. Ladislau baixou os olhos, e ella ergueu-os. Um parece que pedia contas á terra d'uma delicia, que nunca lhe havia dado nem presagiado; outro ia no ceu como a decifrar o enigma da sensação nunca experimentada.

Instantes depois, padre João appareceu á porta da sacristia, e mandou á irmã que accendesse os castiçaes do altar-mór, enquanto elle se revestia para ministrar a sagrada communhão á confessada. Ladislau, como ouvisse as ordens do vigario a Peregrina, ergueu-se e disse:

—Eu vou, se o sr. vigario quer. Já sei este serviço, que era minha obrigação, em tempo de meus tios, que Deus haja.

Padre João já conhecia o sobrinho do defuncto Praxedes, como primeiro lavrador da freguezia, e moço de estudo e virtudes, segundo lhe disse o regedor da

parochia, e o gravíssimo mordomo do orago confirmára.

Acceitou o vigario o serviço a que Ladislau se teria offerecido, ainda mesmo que a presença de Peregrina o não movesse á delicadeza. Esta delicadeza era instinctiva certamente, e ensinada pelo coração, a fundamental de todos os cerimoniaes, que nas activissimas cidades os meninos aprendem em livros, como se a cortezia com damas não fosse pagina escripta no mais diamantino do peito desde que abrimos olhos para vel-as.

Accendeu Ladislau as velas, e proveu de agua o jarro da communhão, enquanto o vigario se paramentava. Subiu o ostiario ao altar, abriu o sacrario e tomou a particula da pyxide. Uma nuvem escura de trovoada imminente entoldára o sol, e a capella-mór voltava á frouxa luz crepuscular. O ministro, severissimo em todo o ritual de seu sagrado encargo, como não fiasse da claridade de uma só vela a perfeita passagem da hostia á lingua da commungante, acenou á irmã para que tomasse uma vela do outro lado.

Ladislau tremeu quando a viu tão perto de si; mas assim mesmo, não desatremou em desconcerto com a urbanidade: entregou-lhe o cirio, que tinha e foi tomar outro da tocheira.

Em verdade lhes digo, meus sensiveis leitores, que eu desejava ter assim um painel, para serem dous os papeis da minha estimação. O que já possuo é uma menina lagrimosa, que está dando de comer ao seu cão moribundo, que não vê o alimento mas ainda a vê a ella, e parece despedir-se a chorar. O outro quadro queria eu que fosse o vigario de S. Julião da Serra pendido á fronte humilde da christã; d'um lado, Peregrina com o rosto banhado do escarlata da flamma, que ella quer affastar de si, adivinhando que os olhos do moço a estão contemplando; do outro lado, Ladislau, involuntario, captivo, alheado de si, sem poder desfital-a. Eis aqui as minhas quatro figuras todas absorvidas em amor de Deus. O padre está enlevado na suprema magestade do seu ministerio: a penitente está-se identificando a divindade do corpo e sangue de Jesus; Ladislau, em seu silencioso spasma, está psalmeando o hymno de graça que o primeiro homem deu ao Senhor, no instante de ver inclinado a si um seio amparador de mulher. E ella, Peregrina? De ti, purpureada virgem, só podem sentir teus extasis, e contar-no'l-os as tuas iguaes n'este mundo, as que tiveram simultaneamente a intuição do amor e a visão do primeiro homem amado. Todos, pois, enlevados em aspirar divino: o sacerdote e a commungante pela consciencia, os outros pelo coração, aberto em perfumes que queimam a Deus o mais selecto e fino bago do seu incenso.

INCENSO.

Findo o acto sacramental, o padre subiu os dous degraus do altar, cerrou o sacrario, ajoelhou, e voltou á sacristia. Ladislau ficou em pé, rente com o tocheiro de castanho tosco, d'onde tirara o cirio. Peregrina foi depor a sua vela sobre a credencia, desceu ao fundo da igreja saudando os quatro altares lateraes, e sahiu do adro, e logo entrou na vigairaria. Ladislau, viu-a desaparecer, e disse de sua consciencia para Deus: «Não tornarei a vel-a?»

Assomou o pastor no limiar da sacristia, e disse a Ladislau, que ia sahindo:

—Desejo tel-o em minha companhia algum pouquinho tempo, sr. Ladislau. Se não vai com pressa, tenha a bondade de esperar, que eu faço oração, e vou já.

—Espero no adro o tempo que o sr. reverendo vigario quizer.

—Por que ha de ser no adro e não em casa?—tornou padre João.—Entre na residencia, que a porta do sobrado está aberta.

Ladislau esperou no adro, e, enquanto esperava, tinha os olhos na janellinha da saleta, em que seu tio costumava estar nas noites quentes, esperando os freguezes, que voltavam das ceifas, e a todos fallava, mandando-os sentar nos troços brutos de pedra, que alli tinham ficado d'uma casa incendiada pelos francezes.

Assim contemplativo, viu elle chegar á janella a irmã do vigario, e esconder-se, apenas o encarou, surprehendida.

Que instantes aquelles para ambos! Que ceus e ceus, vistos á lus d'um relampago! Que extensos poemas de lagrimas costuma a saudade fazer depois com as reminiscencias de uns momentos tão fugitivos!

Sahiu o vigario do templo, fechou a porta, e disse:

—Estava o sr. Ladislau a recordar-se de seus tios?... Não admira, que eu mesmo, sem os ter conhecido, lhes respeito a memoria, pelos grandes louvores que ouço dar ás suas virtudes. Basta ver o que este bom povo é, para se avaliar as excellencias de quem assim o educou. O espirito dos dous ultimos e defuntos vigarios de S. Julião da Serra está ainda com o seu rebanho. Facil me ha de ser a mim, homem sem virtude nem experiencia, pastoreal-o. Mais tenho que aprender que ensinar.

E, no sentido d'estas humildes palavras, foi dizendo outras, que se insinuavam ao coração do moço já captivo do conciliador semblante do sacerdote; e assim entraram na casinha parochial.

—Peregrina—disse o padre á irmã que os vira subir, e, sem saber por que, se alvoroçara—olha que temos hospede; vê lá como te saes; não queiras que o nosso convidado nos julgue forretas. Almoço de abbade rico, ouviste?

A moça não respondeu. Affastou da fogueira o caldo que fervia, lançou alguns ovos á certã, e, tão depressa os cosinou, foi á modesta arca do seu fragal tirar a melhor toalha, e os garfos de ferro ainda lusidios em primeiro uso.

Peregrina, posto o almoço na mesa, sentou-se no seu lugar de costume, que era um banquinho tosco achegado do escano. A mesa, construida de uma só taboa afumada, engonçava n'aquelle adorno da lareira, talvez tão antigo como a vigairaria de S. Julião da Serra.

Quando a moça se assentou, disse Ladislau:

—Aquelle banco era o lugar de minha tia, que Deus tem!

E ficou contemplativo.

—E eu—disse padre João—estou no lugar de seu tio, e o sr. Ladislau vem sentar-se no lugar que era seu.

Estava já na meza a travessa de barro vidrado com a fritada de ovos e farinha triga. O vigario sorriu-se, e disse:

—Na meza de seu tio havia um prato e um talher para cada pessoa?

Ladislau, que não sabia o significado da palavra «talher», respondeu:

—Comiamos todos do mesmo prato; e na minha casa de Villa Cova, tanto meu pae como meus tios comiamos á mesma meza dos creados e jornaleiros.

—Como ha trezentos annos—ajuntou o padre—como os patriarchas idumeos com os seus servos e escravos. O sr. Ladislau ainda não viu, á luz da civilisação, a grande distancia a que está dos seus criados. Vive, por em quanto, na fé de que senhor e servo são homens filhos do mesmo pai, um favorecido, outro

desfavorecido pelo acaso do nascimento... O sr. não lê as gazetas?—perguntou o vigario abruptamente.

—Não leio, nem as vi nunca—respondeu o moço—Ouvi dizer a meu tio que um padre, d’aqui tres leguas, quando acertava de encontrar-se com elle na feira de Pinhel, lhe mostrava gazetas.

—Pois—tornou o padre—as gazetas são uns papeis escriptos em letra redonda, creados e sustentados para demonstrarem que todos os homens tem direitos eguaes. Muito me admira que seus avós e o senhor tenham praticado a egualdade sem terem lido as gazetas! Provavelmente em casa dos Militões de Villa Cova lia-se o Evangelho de Jesus Nazareno.

—Lia, sim, senhor.

—Só assim pode explicar-se a virtude sem a doutrinação das gazetas. Dizem que ellas são o baluarte da liberdade, da egualdade, e da fraternidade; e eu estou em defender que o sermão da montanha, prégado pelo filho de Deus ha mil e oitocentos annos, e o sermão da natureza, que sem cessar se está ouvindo, bastam para fazer um homem irmão e amigo do outro homem, por amor de Deus, que é pai de todos.

Posto que não excedesse os vinte e oito annos, o vigario, no pausado e reflectido do seu dizer, competia com os cincoenta annos de algum egresso d’aquelle tempo.

As faculdades d’este bem-fadado ministro da verdade tinham amadurado antes da sasão propria. Costuma ser a desgraça quem antecipa, com a precoce experiencia, a reflexão; porém observa-se que o juizo—o que commummente se chama *siso*—proveniente das lições do infortunio, é um recolhimento melancolico, mysantropo, deshumano ás vezes, e quasi sempre intolerante. Em exemplos d’esses, que os ha em grande copia, acerto seria arguirmos ao enojo das chimeras d’esta vida o que attribuimos á reflexão.

A madureza do vigario não era apressada pela desventura, nem triste, nem intolerante. A indole, o habito da soledade, o estudo, a clara vista da alma com que entrava no secreto e desconhecido do coração alheio, explicam o ar grave, monacal, e discordante de seus annos. Não obstante, o geito com que dizia as suas satyras ás gazetas dava mostras de espirito faceto ou *humoristico*, segundo

agora francezmente se diz.

Dos estudos do seminário passára o presbytero á capellania do padrinho de Pinhel, fidalgo, como se disse, intractavel desde 1834, retrahido ao seu quarto, em lucta permanente com os achaques da alma igualmente dolorosos que os do corpo. A gota, o rheumatismo, a sciatica impacientavam-no tanto ou menos que o desmancho das cousas politicas. Ruy de Nellas Gamboa de Barbedo, que assim se chamava o gothico solarengo de Pinhel, se alguma vez chamava padre João Ferreira ao seu quarto, era para lhe perguntar pela quinquagesima vez:

—Que me dizes a isto, padre João?

—A isto?

—Sim, á queda do rei legitimo?

—É um facto consummado—dizia o padre.

—É uma usurpação consummada!—replicava o fidalgo, e sibillava um agudo ai, levando a mão ao artelho esquerdo, cuja dor só podia comparar-se á do artelho direito.

E como o afilhado não pudésse restaurar ao throno usurpado o senhor legitimo á vontade do padrinho, Ruy voltava-lhe as costas, e o padre sahia melancolico a encerrar-se no seu quarto com os seus poucos livros, ou ia leccionar em primeiras letras as filhas do fidalgo, a segunda das quaes principiara o alphabeto aos dezeseis annos, Deus sabe com que repugnancia.

Demorei-me accintemente n'estas dispensaveis explicações para dar tempo a que os tres convivas almoçassem e conversassem. *Conversassem*, é menos exacto. Quem fallou sempre foi o vigario, e é de presumir que o auditorio o attendesse escassamente. Ladislau, se alguma cousa escutava, era o poema interior, os hymnos descompassados, mas sublimes, que soavam dentro em seu coração. Estranhas musicas deviam de ser aquellas para o moço surprehendido, na alva do seu primeiro dia de amor, por enchentes de luz desconhecida! O amor, que vem procurado, como sensação necessaria á felicidade da vida, perde dous terços da sua embriagante doçura; porém, o amor inesperado, impetuoso e fulminante, esse é um abrir-se o céu a verter no peito do homem todas as delicias puras que não correm perigo de impestarem-se em contacto com as da terra. Era d'esta especie o sentimento de Ladislau, nascido na hora em que elle ia confirmar sobre



a sepultura de seu tio o pacto de ser sacerdote, abjurar as desconhecidas alianças do coração com o mundo, e aceitar as que atam o coração ao mundo com o laço da caridade evangelica.

Ora, aquelle poema interior, se alguém podia decifral-o, era Peregrina. A mulher innocente e admiravelmente dotada do sexto sentido, que recebe as impressões não classificadas na ordem physica nem moral. Adivinha quem a ama, antes que lh'o digam. Parece que o ar se lhe povoa de espiritos amigos, que giram entre ella e os olhos de quem, a fito ou de revez, a requesta. Aquelle diaphano veu de escarlata que lhe purpurea o rosto, não é sangue como dizem os materiaes definidores de tudo: a mimosa susceptibilidade de cutis, chamada pudor, não pode ser sangue; em quanto a mim, é o sombreado das azas iriadas dos espiritos que voejam no ambiente da mulher immaculada, ou então reflexo das coroas de rosas, com que o deus festivo dos amores a infeita, cioso de ter nos seus altares o pouco d'este mundo que merece e desculpa a idolatria.

Posto que este dizer tenha um sabor mythologico, pagão, e, sobretudo, antiquissimo, ha-de o leitor conceder que o seu servo romancista, tal qual vês, se desgarre do caminho trilhado á moderna, para não dizer sempre que os seus personagens estavam arrobados, extaticos, ou, o que é peor, perdidos de amor.

Os meus personagens, Ladislau e Peregrina, não estavam arrobados nem extaticos, porque ambos confessam que comeram da travessa vidrada a sua porção de ovos, e tomaram cada qual o seu caldo-verde (palavra indigna de tão levantado assumpto!)

Perdidos tambem não estavam; porque o perder-se ou transverter-se o coração é quasi sempre a prova real de não ter sido o primeiro nem o melhor um certo amor com que os alienados se desculpam.

O amor, que não perde nem desvaira, esse é que é o amor.

Eil-o ahi, pois, profundo, sereno e bello como o oceano em calmaria.

---

### III

## Casamento patriarchal

Eu, que já escrevi doze casamentos felizes de uma assentada, querendo agora enfeitar o de Ladislau e Peregrina, é tamanha a penuria do engenho em que me vejo, que—a não me acudir a fada do estylo—hei de contar o ditoso enlace, como elle está escripto no livro dos casamentos da freguezia de S. Julião da Serra.

Convém saber que é cousa para pouco discurso a passagem do amor ao sacramento, que o completa, lá n'essas terras abençoadas do obscurantismo, como era o termo de Pinhel, e continuará a ser por estes quatro seculos por vir, em virtude de lhe andar por muito longe das raias o caminho de ferro. De S. Julião da Serra, então, isso aposto eu que nunca ha de ser desalojada a santa ignorancia, que faz amarem-se e casarem-se logo as pessoas que se querem.

Vamos a bosquejar o casamento de Ladislau e Peregrina. Se a descripção me sair muito florida, não servirá. Guardarei os enfeites para exornação de outros casamentos, onde as flores sejam empregadas em disfarçar a mingua de coração e virtudes.

Findo o almoço Ladislau disse ao vigario:

—Como o dia está soalheiro e alegre, pedia eu ao sr. padre João e a sua irmã, que viessem passar o dia a Villa Cova. Se houver precisão da sua vinda á egreja para administrar a extrema-uncção, depressa o irá chamar alguém a minha casa; porém, graças a Deus, não está ninguém, que eu saiba, doente na freguezia.

—Pois vamos—disse o vigario sorrindo.—Caro lhe ha de ficar o almoço... O bom presunto vai pagar os maus ovos. Vem d'ahi, Peregrina, vamos lá ver a casa d'onde sahiram tantos homens grandes e obscuros, como são os homens que se escondem da sociedade para serem bons. Quem dirá, sr. Ladislau, que no curto horisonte d'estas serras que nos cercam, estão fechadas as lembranças dos santos ministros do altar, que vieram de sua casa para dentro d'estas quatro paredes velhas!... E seu pai, o viuvo amortalhado no habito de frade pedinte!... Vamos!... A minha indole melancolica chega a ser rustica! Vejo que o sr. Ladislau está alegre, e eu a chamal-o a lembranças pesarosas!...

No decurso da caminhada de um quarto de legua, foi Ladislau contando em miudos a sahida de seu pai para o convento de Vinhaes, e a saudade escura dos que ficaram, encarando a porta, que se abrira á passagem de um caixão, e logo ao desterrado perpetuo das alegrias d'esta vida. E o moço, a fallar de sua mãe, chorava; que é sabida cousa a facilidade que temos de chorar, quando o amor nos amollece, e, para assim dizer, anima o coração. Sem a presença de Peregrina, Ladislau seria mais insensitivo, mais duro, mais homem. O amor afemina as condições mais viris, e tem feito que as faces queimadas e negras da polvorada das pelejas se orvalhem e brilhem de lagrimas. No animo tenro e como infantil do moço de Villa Cova, a bem dita influença da meiga menina, que o ia ouvindo e amando, devia de abrir-lhe no peito os conductos todos das lagrimas maviosas. Não sei que mysterio santo e dulcissimo está no fallarmos de nossa mãe fallecida á mulher que nos bem quer. Póde ser que venha esta sensibilidade de recebermos de uma o coração, que damos a outra. Ou, talvez, seja de nos faltarem carinhos de mãe, e cuidar a gente que a esposa nol-os-ha de reviver.

Subiram os tres caminheiros o serro de uma quebrada, d'onde se entrevia a casa de Villa Cova, mal distincta do arvoredado de soutos e carvalhaes. N'este alto, está um rochedo, a pender sobre uma gruta de lage, ageitada pela natureza, e conhecida dos pastores, com guarida segura das trovoadas.

—Esta lapa convida—disse o vigario. Sentemo-nos aqui um pouco.

—Minha mãe,—disse Ladislau—chamava a esta penedia a sua gruta... eu ainda lhes não disse que minha mãe era pastora.

—Pastora?!—acudiu Peregrina, com ar de lisongeira admiração, significando sentir a patriarchal poesia da vida pastoril.

—Olhem se avistam—tornou o moço—pela garganta d'estas duas quebradas, lá em baixo, uma casa, nas costas de um souto fechado? Alli nasceu minha mãe de uns lavradores remediados; e, logo que teve a idade, tomou conta da rez, e vinha todos os dias com ella para a serra. Aqui no cavo d'este penhasco é que ella comia a sua merenda; e, assim que o sol começava a descer, tambem ella descia ao valle.

—Sosinha?—atalhou Peregrina, com visagem de sústo.

—Sosinha com dous cães de gado, os quaes, assim que anoutecia, um tomava a dianteira do rebanho, outro ia á beira d'ella. Muito chorou minha mãe, ao

morrerem-lhe de velhos os seus cães! Quando vinhamos á igreja, minha mãe sentava-se sempre ahi n'essa pedra, onde está a sr.<sup>a</sup> Peregrina, e dizia a meu pai: «Olha, se te lembras, meu santo!» E ficavam-se a olhar um no outro com semblante alegre.

Ladislau cessou de dizer o quer que fosse que attentamente o padre e a irmã esperavam. Por mais curiosa e lhana, Peregrina perguntou:

—E que seria? Porque lhe dizia ella que se lembrasse?

O moço sorriu-se candidamente, e continuou:

—Meu pai estudava para padre, e já tinha ordens menores, quando encontrou aqui minha mãe, andando elle ás perdizes. D'ahi a pouco tempo estavam casados. Isto me contaram meus tios. É bem de ver que ella se lembrasse, quando aqui chegava, da primeira vez que se viram, depois que eram grandes. Em pequeninos tinham sido muito amigos; mas, como meu pai desde os doze annos começou a estudar com um tio vigario, e veio habitar na residencia de S. Julião, quando se tornaram a ver foi tamanho o amor que...

Ladislau susteve-se com feminil pudor.

—E foram muito amigos?—disse Peregrina.

—Tão amigos—respondeu o padre—que se amortalharam ao mesmo tempo.—E, erguendo-se, acrescentou:—Ora vamos lá por ahi abaixo.

D'alli até casa, Ladislau foi contando ao vigario os estudos que tinha feito com seu tio, os livros que lêra, e os que mais eram do seu gosto. No tocante ao intento de ordenar-se, nada tinha dito, quando padre João lhe perguntou:

—Segundo me disseram, o sr. Ladislau está na ideia de ordenar-se?

—Faz hoje um anno que morreu meu tio—disse o sobrinho do padre Praxedes.

—Pouco antes de ir a Deus, me disse elle que esperasse um anno a inspiração do Espirito Santo. Agora venho de orar sobre a sepultura de meu tio, pedindo-lhe...

—Que o allumiasse no difficil transito—atallhou o vigario, e ajuntou logo:—E vem decidido a ordenar-se?

Peregrina, que os seguia com alguma distancia, como ouvisse aquella pergunta,

—Pergunta, que se pergunta com alguma hesitação, como se fosse alguma pergunta, insensivelmente estugou o passo para ouvir a resposta.

Ladislau respondeu:

—Ainda não.

E, como voltasse o rosto ao padre no acto de responder, e visse os olhos de Peregrina, fitos em si, e expressivos de anciedade intima, Ladislau recebeu dentro da alma uns tamanhos abalos de alegria que não pôde nunca mais topar delicias comparaveis ás d'aquelle momento.

Entraram no quinteiro da casa de Villa Cova.

Á porta da córte dos cevados estava uma mulher octogenaria, com uma varinha na mão, accommodando os recos, que brigavam em redor da pia.<sup>[2]</sup> Esta mulher que tinha setenta annos de serviço em casa dos Militões, quando o amo, Peregrina e o vigario entraram no quinteiro, deixou cahir da mão trémula a varinha, e benzeu-se murmurando: «em nome da Santissima Trindade, Padre, Filho e Espirito!»

—*Amen*, disse padre João.

—Que tem vm.<sup>ce</sup>, tia Brazia?!—perguntou Ladislau.

—Ainda não estou em mim!—respondeu a velha Brazia, caminhando para o grupo, e formando com as mãos um sobreceio aos olhos para poder enxergar os recém-chegados; e proseguiu:—Cousa assim! Pois não me havia de parecer agora que via entrar por essas portas dentro... credo!...

—Quem lhe parecemos nós?—tornou Ladislau.

—Esta moça—tornou Brazia, aproximando-se de Peregrina—pareceu-me sua mãe, que Deus tem; o meu menino parecia-me seu pae, o santinho; e este sr. padre dava-me ares do sr. reverendo vigario Praxedes. Estou a vel-os como eram ha trinta annos, quando vinham da igreja, depois da missa do domingo, cá jantar a casa!

—Pois repare bem—disse o moço—que somos pessoas vivas, tia Brazia, e havemos de jantar para a convencermos de que não somos phantasmas.

—Pois sim, meu menino; graças a Deus ha muito quê; mas olhe que os servos estão todos por fóra, e eu não tenho pernas para andar atraz da gallinha. Cozinhal-a cozinho-a eu; mas pilhal-a isso ha-de ser vm.<sup>ce</sup>. E quem é essa mocinha tão bem posta e ageitada, benza-a Nosso Senhor?

—É irmã do sr. padre vigario, que está aqui.

—Ah! este é que é o sr. reverendo vigario? Bem me tinham dito que era ainda bem moço; mas isso não tira. Se a santidade fosse aquella dos velhos, então já eu estava no altar! Deite-me a sua benção, sr. reverendo vigario, e com Deus venha a esta casa d’onde sahiram tres santos só dos que conheci. Eu tenho dou carros de annos, aqui onde me vê, sanzinha e escorreita, bem dita seja Nossa Senhora. [3] Conheci, só á minha parte, o sr. padre Timotheo, o sr. padre Heitor, e o sr. padre Praxedes, afóra o santo pai do meu Ladislau, que morreu com o habito dos missionarios de Vinhaes.

Ladislau interrompeu Brazia, que ia sentar-se n’um feixe de vides para mais commodamente contar os successos alegres e tristes dos ultimos setenta annos da casa de Villa Cova. Pediu-lhe elle com brandura e graça que reservasse para depois de jantar as suas historias.

—Então vamos para dentro—disse ella—eu cá vou com a nossa menina mostrar-lhe a casa. Como é a sua graça?

—Peregrina.

—Por muitos annos e bons. Era melhor chamar-se Rosa, que é mesmo uma flôr; que Pelingrina tambem é bonito nome. Ora, pois, vá o menino apanhar a ave, que a panella vae já p’ro lume.

Ladislau e o vigario sahiram do quinteiro entraram na eira onde esgaravatavam as gallinhas. No entanto, Peregrina, como a velha se agachasse na lareira para espertar o lume amarrado, pediu-lhe que se assentasse no escabello, e a deixasse a ella cosinhar. Brazia cedeu ás instancias, repartindo o trabalho com a hospeda.

Ladislau entrou na cosinha com a ave, e viu Peregrina com um alguidar no regaço, cegando as couves. Estranhou a Brazia o estar a irmã do sr. vigario n’aquelle serviço, e a velha respondeu serenamente:

Ella assim o quer; e bem haja a moça! Estou-me a regalar de a ver! Parece-me mesmo sua mãisinha, quando aqui entrou pela primeira vez. O noivo estava lá no sobrado com os padrinhos e parentes, e ella desceu cá p'ra cosinha a ajudar as criadas.

—Pois sim—replicou Ladislau—mas minha mãe era dona da casa e esta senhora é hospeda.

—E por que não ha de ser dona? Se o não é, ella o será, querendo Nossa Senhora.

Estas palavras avermelharam as faces de ambos, que não poderam sustentar o relance de olhos que se trocaram.

—Pois então!—continuou a serva, cortando do presunto uma boa talhada.—A vida de padre boa é; mas não queira o Senhor que o menino seja padre. O que é preciso é casar, sr. Ladislau. Deus que lhe deparou esta creatura, lá sabe por que o fez. Vamos; é casar depressa, que eu não quero morrer sem ver gente miuda n'esta casa. O menino fez-me cabellos brancos, quando era pequeno (que a fallar a verdade eu já não tinha cabelo preto nem para uma mézinha). Andava sempre a fugir p'ros campos, e eu a procural-o, e ia dar com elle a caçar grillos á torreira do sol: e de inverno andava sempre por essas fragas acima em risco de malhar aos fundões. Deu-me que fazer; mas é o mesmo: quero aturar também os seus filhos. Quando eu vim para cá, seu pae tinha cinco annos, e eu dez; se eu morrer, deixando cá um netinho d'elle, vou contente... Então não dizem nada?

Ladislau, sem a velha dar fé, tinha sahido envergonhado, e mais ainda por ver que a Peregrina, ao passo que Brazia fallava, descia o rosto sobre a hortaliça, voltando-o de modo a não ser visto de frente pelo moço, que por sua parte se estava também escondendo no mais sombrio da cosinha, até encontrar a porta por onde sahiu.

O vigario, estava esperando Ladislau, na vasta casa da livraria.

Havia muito que ver e admirar nas estantes dos numerosos sabios d'aquella familia. A bibliotheca fôra principiada no ultimo quartel do seculo XIV por um padre Vicente Militão, que fôra peregrino a Roma, e estivera no concilio tridentino, e lá fôra muito acceito, por seu saber, e reportadas virtudes, ao santo arcebispo de Braga, D. Bartholomeu dos Martyres. Encadernadas em pergaminho, com o Breviario do padre Vicente, lá estavam algumas cartas do

primaz das Hespannas, cartas magoadas revelando o peso das obrigações prelaticias, e outras mais de folga, datadas no convento de Vianna do Minho, onde o humilde principe da igreja se fôra a descansar, e morrer nas delicias «d'uma estreita cella, paredes nuas, em mezas sem panno, um candieiro de ferro pendurado de um prego, uma cama de frade ordinario sem cortina, nem genero de paramento sobre uma táboa de pinho.» Estas palavras de fr. Luiz de Souza recordava o padre João Ferreira, quando religiosamente deletreava os caracteres amarellados e meio delidos das cartas do arcebispo.

Voltando á livraria, os successores de Padre Vicente enriqueceram-n'a, empregando n'ella quanto dinheiro podiam amealhar, sem prejuizo dos pobres. Como quer, porém, que o rendimento de sua grande lavra sobre-excedesse o gasto, o remanescente era trocado por livros, enviados á escolha de entendedores monasticos, com quem os padres de Villa Cova, por amor da sciencia e piedosamente, entabolavam correspondencia.

Os tres ultimos sacerdotes d'esta familia não tinham comprado livro algum, desde os ultimos annos do reinado de D. João V, em que a religião degenerou de sua simplicidade em luxuosa, e, até certo ponto, hypocrita ostentação; e, de mais a mais, os que a tractavam moral ou dogmaticamente, escreviam-n'a em linguagem, que não era a de Domingos Feo, Thomé de Jesus, Heitor Pinto, Arraes e Lucena. Para bem aquilatarmos em qual grau de purismo classico andava a vernaculidade n'aquella serie de padres letrados, basta dizer-se que no frontespicio do primeiro volume dos sermonarios do padre A. Vieira, um padre Timotheo Militão escrevera: «Tambem este grande engenho está gafado!» A gafa de que se lastimava o escrupuloso idolatra dos aureos escriptores sem liga era aquelle geito de conceitista italico-hispano em que o preclaro jesuita, a espaços, se descuidava na oratoria.

Em quanto Ladislau e o vigario se entretem n'estas e semelhantes praticas, ingratas ao leitor de paladar mais delicado, Brazia está assim conversando com Peregrina, hombro a hombro, no escano da lareira, emquanto a galinha ferve:

—Brazia não seja eu, se Deus me não ha-de ajudar! Lá que os moços se querem, como eu á menina dos meus olhos, isso vou eu jural-o sobre umas Horas, sendo preciso! A menina é uma perfeição; o meu Ladislau é aquillo que alli está. Duas creaturas assim já vem lá de cima talhadas para serem uma da outra; e, quando acertam de se toparem no mesmo caminho, vão ambas p'ra direita, ou p'ra esquerda. Não tem remedio senão casarem-se.



—Pois sim—repetia Peregrina o que havia dito duas vezes:—Ainda hoje nos vimos, e já a sr.<sup>a</sup> Brazia nos quer ver casados?

—Então a menina cuida que uma pessoa só se conhece por ser vista muitas vezes? Eu ouvia ler a Historia Sagrada á sr.<sup>a</sup> Sebastiana, que sabia ler como um padre, e já lá está na corte dos bemaventurados... Rezemos-lhe por alma.

A sr.<sup>a</sup> Brazia rezou alto, e Peregrina mentalmente.

—*Requiescat in pace*,—disse a velha.

—*Amen*,—respondeu Peregrina, e benzeram-se.

Brazia continuou:

—Pois como eu vinha dizendo, a Historia Sagrada conta que antigamente um moço sahia da sua terra em cata de outra terra, onde estava a noiva, que elle nunca vira. Batia á porta do sogro, pedia-lhe a filha e casava. Isto é que eram tempos, moça! «O coração não tinha peccado que fosse preciso descobrir com o tempo» dizia o sr. padre Praxedes, quando a irmã se admirava de casamentos assim de fugida. Olhe-me bem n'isto, que estas palavras teem muito que deslindar. N'aquelle tempo, a moça casadoura era por dentro como por fóra; via-se como á luz do meio dia o que ella lá tinha no seu interior: agora, pelos modos, é preciso espreitar muito tempo as inclinações das pessoas! O pai do sr. Ladislau era dos rapazes antigos: viu a menina lá em cima na lapa da Crasta, gostou d'ella, tornou lá a saber se ella o queria, foi ás Chãs aonde ao sogro; e, d'ahi a dias, já ella aqui estava a encher esta casa de satisfação. É como foi, e é como ha de ser! Senhor Jesus do bom despacho, não me deixeis ficar mal!

Ladislau e o vigario, chamados pela velha, desceram á cosinha, onde estava posta a meza. Jantaram alegremente e de vontade. Os dizeres de Brazia, tendentes todos ao casamento, assazoavam as singelas iguarias do vigario, que pondo os olhos, quer na irmã quer em Ladislau, reparava na gravidade com que em silencio escutavam as facecias da inquebrantavel velhinha.

—Será possível que...

Disse entre si padre João, e cuidou ler no rosto do hospede e no rosto da irmã esta resposta:

—É possível, e é certo.

—É possível, e é certo.

Findo o jantar, sahiram a tomar o sol na eira.

Brazia, porém, puchou da batina ao vigario, chamou-o de parte, e disse-lhe:

—Deixe-os lá...

Padre João não achou que responder á velha, e fez menção de seguir sua irmã, que o estava esperando.

—Não vá sem me ouvir duas palavras, sr. reverendo vigario. Sente-se n'este tamborete, que eu vou dizer aos moços, que vão á sua vida, e nós lá iremos ter.

O dialogo deteve-se boa meia hora. Depois sahiram á eira; e o padre levava amparada no braço a velha, que jogava difficilmente os joelhos.

—Ora diga-me o que elles estão fazendo, que eu já não enxergo nada— murmurou a velha.

—Ladislau está apanhando flores na ribanceira.

—Vê?—acudiu Brazia—que lhe disse eu? Flores são amores... E ella que faz? Não anda tambem ás flores?!

—Não, tia Brazia. Está sentada.

—A enfiar algum annel de missanga?

—Tambem não.

—Não? Então é uma ingrata. Vou ralhar com ella. E, acercando-se com extraordinaria presteza de Peregrina, disse-lhe em tom de graciosa severidade:

—Vá fazer tambem um raminho, ande, menina, e dê-o ao sr. Ladislau.

Peregrina poz a vista timida no irmão. O vigario fez um gesto de consentimento. Ergueu-se ella a colher umas enfezadas flores silvestres e inverniças que se definhavam entre os silvedos, e Brazia, ao mesmo tempo, dava umas palmadas e tregeitava uns saltinhos de cegonha, muito para riso, senão justificassem a alegria que lhe acreeçava os oitenta annos. Santa creatura para namorados era aquella Brazia! Estar ella dizendo tudo que elles queriam dizer-se: fazer-se

aquella Brazia. Estar ella dizendo tudo que elles queriam dizer se, fazer se lingua de corações á hora em que nem os proprios donos saberiam articular a linguagem d’elles; obrigar Peregrina a colher flores, quando a moça estava perguntando a si propria se parecia mal colher-as e offerecel-as! E hão de rir-se pessoas, que amaram ou amam, da velhinha que tudo aquillo fez com tanto sizo e proposito e angelicas intenções!

Peregrina deu as suas flores a Ladislau, e recebeu o ramilhete d’elle. Qual dos dous tinha coração mais feminil? Pelo rubor da face não havia estremal-os.

—Onde iria a tia Brazia?—perguntou o vigario, vendo-a sahir açodada e regamboleando as rebeldes pernas pela eira fóra.

A velha pouco se deteve. Chegou esbofada. Chamou de parte Ladislau, e disse-lhe de modo que o vigario e a irmã ouviram:

—Esta argolinha de ouro deu-a seu pae á mãisinha na vespera de se casarem, e já foi de sua visavó. Aqui a tem. Vá dal-a á sua noiva, senão levo-lha eu.

Ladislau ficou atonito e immovel. O vigario sorriu, e disse á velha:

—Sr.<sup>a</sup> Brazia, vm.<sup>ce</sup> está sonhando um alegre sonho. Deixe ver se o tempo, com a vontade de Deus, confirma os seus bons desejos, que serão tambem os meus.

Ladislau, como levado de insuperavel força, avisinhou-se de Peregrina e offereceu-lhe o annel. O vigario, abalado e commovido pela acção inesperada do mancebo, tomou a mão convulsa de sua irmã, e vestiu-lhe o annel. Depois, apertando nos braços o noivo de Peregrina, exclamou:

—Pois não é um sonho?

Accudiu Brazia:

—Qual sonho? O que eu quero é os primeiros banhos apregoados no domingo; e de hoje a um mez esta menina é minha ama.

—Sua amiga, sua filha!—disse Peregrina abraçando-a.

Assim foi. Na quarta dominga seguinte receberam as benções estas duas creaturas preordenadas para a felicidade da terra e ceu.

Os casamentos, que Deus escolhe, são assim determinados com uma singeleza

Os casamentos, que Deus escolhe, são assim determinados com uma singelesa, copiada dos tempos visinhos da criação de varão e femea, como entes necessarios a si, e de repente identificados por unidade insolúvel de almas. E então era o viverem tão sós e um, como quem de uma só vida tinham de prestar contas ao juiz supremo.

A mim parece-me que o cazar-se a gente devia ser como Ladislau e Peregrina. Andar annos com o coração em ancias é desvigorisa-lo para quando elle é mais necessario. Pelo ordinario, os noivos que se amam longo tempo, cazam-se quando o mais fino da sensibilidade está desgastado na abstracção e na chimera.

---

## IV

### Outros amores

No dia immediato ao das bodas, o saudoso vigario fôra passar a tarde com sua irmã, que o viera esperar com o marido ao rochedo da Crasta.

Ao entardecer, quando o padre se despedia, chegou um portador da residencia com uma carta para Peregrina.

—Para mim?!—exclamou ella duvidosa.

—E letra da sr.<sup>a</sup> D. Christina—disse padre João.

—Ella está lá—acrescentou o portador.

—Ella quem?—acudiu Peregrina.

—A fidalga, que escreveu a carta.

—Que novidade é esta?!—disse o vigario, abrindo e lendo.

—Lê alto, meu irmão!—disse Peregrina impaciente.

E o padre continuou a ler mentalmente, dobrou a carta, embolçou-a na sotaina, e disse ao portador:

—Vai indo, que eu lá vou ter.

E, depois que o criado sahiu, murmurou com mui entranhada mágoa:

—Eu presaguei esta desgraça!

—Desgraça!—exclamou Peregrina.—Que é, meu João?

O padre, voltado a Ladislau, disse:

—A senhora, que escreve a minha irmã, é a filha mais nova de meu padrinho e bemfeitor. Lê tu, Ladislau, e minha irmã que ouça.

Ladislau leu:

«*Peregrina*. Pela carta de teu irmão ao papá sabíamos que ias casar; mas não cuidei que fosse tão depressa. Cheguei aqui a buscar o amparo de teu irmão e o teu. Felizmente estaes perto, e sei que vireis em meu soccorro. Eu venho fugida, e commigo vêm o homem que amo, e a quem meu pai me negou, sem compaixão das minhas lagrimas. Vimos rogar a teu bom irmão que nos receba, e legitime a nossa união. A pobreza não nos aterra. Logo que estejamos casados, teremos força do céu para supportarmos todos os trabalhos. Vem, se podes, com teu irmão para me ajudares a vencel o, se elle resistir ao sagrado dever de nos abençoar este amor, que não deve ser a nossa perdição. Tua amiga *Christina*.»

—E vaes casal-os não é verdade?—exclamou a commovida senhora.

—Não é verdade—respondeu friamente o sacerdote.

—Como?!—tornou Peregrina—não os casas?

—Não. A filha desobediente não acha onde quer um ministro do Evangelho que lhe galardoe a rebellião contra seu pai. A lei de Deus diz: *honrarás teu pai e tua mãe*; a lei ecclesiastica diz ao cura d'almas: *não casarás a menor sem consentimento de quem a governa, ou ordem superior do teu prelado*. Eu vou sahir.

—Eu tambem vou... disse Peregrina.

—Não vaes—replicou o vigario.—Estás ao lado de teu marido, e Christina apparece-te ao lado d'um homem que... não lhe é nada.

Peregrina baixou os olhos, e Ladislau disse:

—Tu ficas; eu é que vou. Manda apparelhar a egua, que a filha do teu bemfeitor virá commigo.

A esposa lançou-se-lhe nos braços, e exclamou:

—Tu vaes buscar a infeliz menina?

—Pois se ella é infeliz!... murmurou Ladislau.

E sahiram.

Christina estava á janella do sobrado da residencia quando o vigario e o cunhado chegaram.

Era noite muito escura.

—Estás ahi, Peregrina?—perguntou ella.

—Não está, minha senhora—respondeu o padre.—Está o marido de minha irmã.

A secura d'esta resposta intimidou Christina. E, receosa, voltando-se a um moço de boa presença, disse: «Enganei-me, Casimiro; o padre não nos recebe.»

O vigario entrou na saleta, seguido de Ladislau. Cortejou com mui respeitosa reverencia a filha do seu bemfeitor, e levemente o cavalheiro, a quem chamou Casimiro Bettencourt. Depois disse:

—Vi a carta que v. ex.<sup>a</sup> escreveu a minha irmã. Peregrina não veio, por ser inteiramente inutil a sua vinda. Eu não posso sem authorisação canonica e civil ligar matrimonialmente v. ex.<sup>a</sup> com este senhor.

—Eu vinha tão confiada na sua bondade...—disse Christina, retrahindo os soluços sem reter as lagrimas.

—Em minha consciencia—tornou o vigario—digo que o mais prudente e urgente acto n'este desgraçado successo é casarem-se; mas eu não posso fazel-o...

—E então—atalhou Casimiro Bettancourt—um sacerdote do Christo assim nos abandona, como quem diz: «sêde criminosos e infames á vossa vontade...»

—Não, senhor. O sacerdote de Christo faz, n'estes casos, o que faria qualquer homem de boas entranhas. Irei pedir ao sr. Ruy de Nellas consentimento para salvar sua filha da continuação do crime e da infamia.

—Meu pai é inexoravel!—acudiu Christina.

—Não pode ser—disse Ladislau.—Um homem, que amparou e educou dous filhos desvalidos d'um seu cazeiro, não póde ser impiedoso com sua filha. Minha senhora, peço licença para interpor o meu parecer n'uma questão em que minha mulher não é estranha e eu tambem não nosso sê-lo. Ella não veio; mas

minha mãe não é estranha, e eu também não posso ser o. Ella não veio, mas encarregou-me de vir aqui offerecer-lhe nossa casa; e, tão certa está de que v. ex.<sup>a</sup> nos honra em aceitar-a, que já vim preparado para a conducção de v. ex.<sup>a</sup>.

—Pois heide eu ir!...—exclamou Christina, encarando anciada em Casimiro.

—O sr. Casimiro fica sendo meu hospede—respondeu o vigário.

—Separados!—bradou ella rompendo contra todos os estorvos do pudor, e abraçando-se em Casimiro.

—Não!—clamou elle.—Christina, sacode os teus sapatos fóra d'esta porta, e vamos ao nosso destino.

—O agravo não me fere, que o não mereço, senhor!—disse placidamente o vigário.—Eu convido o sr. Casimiro a ser meu hospede, em quanto se solicita a licença do pai d'esta senhora. Se lhes é dolorosa esta separação temporaria, Deus permittirá que os retornos de contentamento a façam esquecer. Soffram alguns dias para merecerem o premio. Eu não posso implorar o perdão para a desobediencia, allegando que os fugitivos permanecem em criminosa união. Ha o recurso da mentira; mas eu não sei mentir. Despeçam-se para um dia, que breve virá, se Deus nos ouvir. O sr. Casimiro, que me applicou as palavras de Jesus aos apostolos, mostra que lê e sabe os livros da religião. Seja, pois, religioso: peça comnosco ao Senhor que lhe despache em bem o seu requerimento.

Casimiro apertou a mão de Christina, e disse:

—Vai, e esperemos.

—E esperemos—acrescentou o padre—por que, a baldarem-se os nossos bons intentos, quem lhes ha de empecer ajuntarem-se? O mundo, quando vê dous desgraçados, deixa-os passar, e vinga-se. Se o mundo é justo, não o direi eu: vingança justa creio que não ha nenhuma ahi. O inverso da caridade é a vingança. Tenham valor, que, se o não tem são mais fracos, desconfiam do poder de Deus, e da sua propria fidelidade um a outro.

—Adeus! balbuciou Christina, suffocada de suspiros. Casimiro beijou-lhe a mão, dobrou o joelho, e disse:

—Se te fiz desgraçada, perdôa-me.



Ladislau, debulhado em lagrimas, abraçou Casimiro, e exclamou:

—Sou seu amigo! O senhor ama deveras esta menina!

—Eu sei que se amam!—disse o vigario—por isso serei parte, quanto em mim couber, na sua boa fortuna.

—E eu não?!—disse com vehemencia o de Villa Cova.

—Tu tambem, meu irmão. Ajudar-me-has com os teus conselhos, por que no teu coração tenro está a sabedoria dos virtuosos, que te educaram.

—Não fomos infelizes, Christina!—clamou Casimiro.—Aqui estão connosco duas generosas almas. Vai, minha amiga!

—Venha—disse Ladislau—que minha mulher está pedindo a Deus que vamos.

Já não choravam ao separarem-se.

Cumpre narrar, o mais breve que ser possa os antecedentes d'esta fuga.

De uma familia pobre de Pinhel sahira em 1814 um mancebo a assentar praça no regimento de cavallaria de Bragança, onde serviu até furriel. De Bragança passou para Lisboa em 1815. Aqui seguiu os postos até que fez a campanha do cerco do Porto, já major do exercito sitiante, e ahi morreu na ultima batalha. Este militar era pai de Casimiro Bettancourt.

Casimiro sabia que nascera em Lisboa em 1816, e não conhecia sua mãe. Com referencia ao seu nascimento, apenas possuia a pagina de uma velha carteira, que dizia: «Meu filho Casimiro nasceu em 15 de janeiro de 1816: foi baptisado em S. Domingos de Santarem, aos 22 do mesmo mez. Foi creado no Cartacho, d'onde sahiu em 1820. Entrou no collegio dos Nobres em 1825. Tenho pago todas as prestações até hoje 31 de dezembro de 1830.» Em nenhum outro caderno de apontamentos encontrou indicios de sua mãe; nem das muitas cartas que seu pai deixou esquecidas n'um bahu de folha, pôde colligir quaes pertencessem a sua mãe. As que tinham data eram quasi todas muito posteriores ao seu nascimento. Apenas duas assignadas com a inicial E, posto que sem data, queria e conjecturava elle que fossem de sua mãe: este querer fundava-se um pouco em vaidade, e muito em presagio, como depois se verá.

Morto o pai, e transvertida a ordem politica, claro é que o joven alumno do

MORTO O pai, e transvertida a ordem politica, claro e que o joven alumno do collegio dos Nobres havia de sahir entre dezeseis e dezeseite annos de idade, desvalido, desconhecido, e indifferente a toda a gente. Dos sabidos amigos de seu pai uns tinham morrido, outros emigrado, e outros esmolavam.

Sabia Casimiro que seu pae nascera em Pinhel, e se correspondia com sua irmã, a largos espaços. Achou cartas assignadas por uma Marianna de Bettencourt. Escreveu, ao acaso, á senhora d'aquelle nome, ou ao nome d'aquelle senhora. Responderam-lhe que sua tia tinha fallecido em 1832. A pessoa, porém, que respondia, era o viuvo, carpinteiro de seu officio, bom homem que lhe offerecia sua casa, e metade de suas sopas.

Obrigado a optar entre a fome e as sopas do artista, Casimiro foi para Pinhel, auxiliado pela esmola de um condiscipulo, filho de um brigadeiro liberal, camarada do finado major antes de 1828.

O artista redobrou de trabalho para não obrigar o sobrinho de sua mulher a pegar da serra e da enxó. Comprava-lhe vestido á feição de que usavam os moços remediados, e esperava que seu compadre Ruy de Nellas—padrinho d'um filho que mandára para o Brazil, quinze annos antes—cedo ou tarde conseguisse algum decente emprego para Casimiro.

O fidalgo admittia á sua casa e presença o moço, em attenção ao pai, que morrera fiel á justa causa, como honrado e bravo. As filhas do fidalgo achavam-n'o distincto, delicado, bem fallante, e divertido, quando a tristeza, a dolorosa introversão o deixavam dissimular contentamento, que o pobre, a bem dizer, nunca sentiu deveras. Ruy de Nellas mostrava desejos de lhe abrir a carreira da independencia. Aos dezenove annos, Casimiro pensava em ser soldado; o fidalgo, porém, queria que elle fosse padre com um patrimonio fantastico, e o carpinteiro inclinava-se ao generoso parecer de seu compadre.

Sacerdote é que não! Casimiro amava Christina, Chistina ia chorar com elle; e sabia em que sombras de arvores, ou margens de ribeiras o moço ia chorar.

E ella ia, tremendo de medo e paixão, e a pedir resguardo ás azas dos anjos, buscal-o onde elle estivesse. Tremia, mas não corava de pejo. As flôres que viam, invejavam-lhe a pureza. Arquejava-lhe o seio cansado de retrahir-se: cuidava a doce creatura que o espirar alto a denunciava. Era o offegar d'aquelle seio como o da avesinha anciada, que busca, de fronde em fronde, o ninho que lhe desfizeram. De longe o antevia pelos olhos da alma. As lagrimas tem seu

ouor. so m o nao presentem os que as deixam gotejar sem misericordia, sem do.

E quem havia de ter pena do sobrinho do carpinteiro a não ser ella; que o intendera ao primeiro instante de ser amada, e ao mesmo raio ardente se queimára, e, se o timorato moço esmorecia de medo e pejo, era quem o acoroçoava e levantava do seu abatimento?

Exceptuada a cumplice d'este enorme crime—o enormissimo crime de erguer homem pobre olhos affectuosos á filha d'um Ruy de Nellas Gamboa de Barbedo—o restante do mundo seria contra elle, se podesse adivinhal-o.

Adivinhava-o o padre João Ferreira, quando voltou de tomar as ultimas ordens. A Casimiro disse:

—Subjugue o coração enquanto é tempo. Tenha sempre deante de seus olhos os beneficios que deve ao sr. Ruy. Recompensar-lh'os com desgostos será crueza e indignidade.

Casimiro não respondeu. O amor, aos dezoito annos, quando assim é surprehendido, não sabe mentir.

A Christina disse o padre:

—A maior prova de estima, que v. ex.<sup>a</sup> póde dar a Casimiro, é desvial-o de si. Dos dous hade ser elle o mais desgraçado. Na sua idade, menina, o amor é sempre uma creancice, e como criancice se esquece quando é contrariado; porém, a primeira affeição do moço póde ser a ultima e volver em desgraça irremediavel.

—Quem sabe?—disse Christina com pueril audacia e destemor.

—Eu não sei senão que v. ex.<sup>a</sup> está amando um homem que seu pae repulsará de casa, logo que desconfiar de tão estranhas intelligencias. A menina será perdoada como inocente, e elle perseguido e castigado como villão. Como penso que assim vem a acontecer, entendo que o seu amor será funesto ao pobre orfão. Seria querer-lhe muito desenganal-o.

Observou padre João que as duas cegas creaturas, depois do aviso, praticavam como se, em vez da censura, recebessem louvores. Buscavam-se mais, escondiam-se mais, e, de dia para dia, pareciam ir declarando a toda a gente o seu amor, como se contassem com o apoio do fidalgo.

Ruy de Nellas chamou o padre e disse-lhe:

—Ó afilhado, tu não desconfias de nada?

—A qual respeito, meu padrinho?

—Que minha filha Christina olha o Casimiro de um certo modo?

—Póde ser que v. ex.<sup>a</sup> se não tenha enganado. Eu supponho que se estimam; e meu padrinho não podia embaraçal-os de se estimarem.

—Essa não me parece tua!—exclamou o fidalgo.—Não posso embaraçal-os?! Então quem é que póde?

—Ninguém, meu padrinho: o tempo é que corrige estes defeitos do coração humano. Deixe v. ex. em silencio a suspeita que eu tomo a meu cuidado o descanço de v. ex.<sup>a</sup>.

—Nada de pannos quentes!—bradou Ruy de Nellas. Casimiro vai ser posto fóra d'esta casa, e talvez de Pinhel. É assim que elle me paga? É-me bem feito! muito bem feito! Não seja eu tolo de estar aqui de braços abertos para receber desgraçados, que afinal...

Padre João esperou que seu padrinho desabafasse a sua ira, e disse com humilde e pacato animo:

—Sou eu um dos desgraçados que v. ex.<sup>a</sup> recebeu nos braços abertos para todos: o que posso dar em troca de tantos beneficios é a lealdade do meu coração, o meu leal aviso em coisa tão melindrosa. Se v. ex.<sup>a</sup> perseguir Casimiro, a sr.<sup>a</sup> D. Christina, se já o ama como creio que sim, amal-o-ha mais depois. Conheço de fundamento a indole d'esta menina, e algum tanto a de Casimiro. Este moço tem espiritos de condição muito altiva, que se revoltam contra a baixeza em que o lançou a desfortuna. Por vezes me tem fallado do seu futuro com uns raptos de visionario, que me fariam rir, se me não compadecessem. Presagiam-se brilhantes destinos, e esquece-se de que o honrado carpinteiro está a suar para que elle se não avilte no trabalho incompativel com as suas imaginações. Em quanto á sr.<sup>a</sup> D. Christina, é minha opinião que esta menina desobedece ao raciocinio, e á força, se lh'a impozerem. Sabe v. ex.<sup>a</sup> que, de todas as suas filhas, esta foi a mais remissa em aprender o pouco que sabe, sobejando-lhe talento para

muito. Observei que uma palavra aspera m'a afugentava por oito dias, e transtornava todo o anterior aproveitamento. Argumentando d'estas coisas simples, por analogia, todas me levam a crer que o emprego de providencias energicas dará mau resultado.

—Qual?!—atalhou o fidalgo.

—Uma fuga, uma vergonha.

—Tu pensas isso, João?!

—Ousaria eu dizer a meu padrinho o contrario do que penso?!

—E os ferrolhos dos conventos para que se fizeram?

—Para as freiras estarem seguras da inviolabilidade de suas pessoas.

—E para as filhas rebeldes.

—A rebellião continua nos conventos, a rebellião do espirito, contra a qual não prevalecem os ferrolhos.

—Veremos.

—Seria acêrto não experimentar, meu padrinho.

—Então que queres tu que eu faça?: Deverei cazar minha filha com o sobrinho do carpinteiro?

—Não, senhor. Penso que v. ex.<sup>a</sup>, simulando inteiro desconhecimento do que se passa, deve favorecer Casimiro para que siga a vida militar que deseja.

—Agora! agora que elle ousou pôr olhos em minha filha! o ingrato! pois não! Vou mesmo agora estabelecer-lhe mesada em Coimbra ou Lisboa para elle se formar em mathematica, e namorar-me de lá a filha! Estavam bem avisados os pais, se tivessem de mandar a Coimbra os maltrapilhos que lhes requestam as filhas! Não haveria ahi aprendiz de sapateiro, que se não fizesse galan das herdeiras ricas! Ora, sr. padre João Ferreira, outro officio! Não sei em que livros e em que terras tu foste estudar e experimentar semelhantes desconchavos. Eu consultarei o meu travesseiro...

—Deus responda ás suas consultas, meu padrinho—disse o padre, quando o fidalgo lhe voltou as costas.

No dia seguinte, ás cinco horas da manhã, já o fidalgo estava a pé, e abria subtilmente a janella do seu quarto sobre o jardim cujo muramento partia com a rua. Viu elle Christina sahir ao terreiro pela porta da cozinha, atravessar as aleas de amoreiras, destrancar um postigo de communicação com a estrada, e debruçar-se no peitoril. Desceu Ruy de Nellas, de manso, ao jardim, e ia já em meio, quando a filha deu tento da espionagem. Solto um ai; mas de turvada que ficou, nem aviso deu a Casimiro. O pai apertou o passo, correu impetuosamente ao postigo, e viu o moço quieto, e sereno como se a surpresa fosse um gracejo de futuro sogro, que se entretém a fazer foscas ao futuro genro, muito do seu agrado.

Não assim Christina, que, passado o momento do spasma, dobrou o joelho e balbuciou:

—Meu pai, eu é que sou a culpada!

Não attendeu, nem acaso ouviu estas vozes o fidalgo. Inclinou-se á estrada, e exclamou:

—Vá lá contar a seu tio carpinteiro a maneira como vossa mercê pagou a hospitalidade, que lhe dei! E não me torne a rondar a casa, que não vá algum dos meus criados apalpar-lhe as orelhas!

Fechou-se o postigo com estrondo. Aquellas palavras continuaram a martellar nos ouvidos do moço, que levava as mãos á cabeça, como para as não ouvir. Pensou em se matar, como toda a gente, alguma vez, excepto os bons christãos, os felizes, e os tolos, que não são christãos nem felizes, nem precisam ser senão tolos para viverem e até sobreviverem a si proprios.

Caminhou ás cégas por uns trilhos de cabras, que se aplanavam n’uma chã, arborisada de sômbros, onde padre João regularmente amanhecia com os seus livros de theologia moral ou historia ecclesiastica.

—Casimiro viu-o, correu a elle, e exclamou:

—Valha-nos!

O padre recebeu-o nos braços e ouviu a seguinte

O padre recebeu-o nos braços e ouviu acontecido.

—O remédio virá do céu—disse elle.—Não sei que lhe faça, a não querer receber-me um conselho. Espere, soffra, conforte-se, ore, e humilhe-se: não sei que mais lhe diga.

Casimiro Bettancourt, ao anoutecer d'esse dia, adormecera com a face encostada a uma pedra: era a lethargia da fome, da fadiga, e da desesperação.

Não orára.

---

## V

### Veredas penhascosas

Ruy de Nellas, contente do feito, mas não seguro ainda, scismava na escolha do convento em que devia encerrar Christina, quando o padre João Ferreira chegou de dizer missa. Chamado a dar seu voto, o sacerdote respondeu que obedecia, mas não aconselhava; que iria onde s. ex.<sup>a</sup> o mandasse negociar a reclusão de D. Christina, mas declinava de si o minimo de responsabilidade em uma violencia, sobre inutil, perigosa.

Excitado pela colera, o fidalgo foi de encontro á prudencia do padre com termos rudes; mas a humildade do servo paciente despontou-lhe as iras, e introverteu-lh'as no seio em arrependimento. Ruy quasi lhe supplicou o seu voto. Padre João repetiu o que dissera, e contou a situação em que deixara Casimiro Bettancourt. Outra vez se irou o fidalgo, ouvindo o tom lastimoso com que o padre fallava do filho do major; porém, não sabemos dizer porquê, marejaram-se-lhes de lagrimas os olhos, quando o clerigo disse:

—Agora vou ver se encontro o desgraçado ahi pela serra, que não vá elle tentar contra a vida, e, matando-se, legar a v. ex.<sup>a</sup> uma tristeza pezada de mais para seus annos e sua nobre alma.

Sahiu o padre, e, ao anoitecer, encontrou Casimiro deitado na terra humida, com a cabeça na pedra, e o rosto chammejante de febre. Agitou-o, ergueu-o, amparou-lhe os passos, até o trazer á estrada, e d'ahi quasi em braços a casa do carpinteiro.

Conversaram até altas horas da noite. Casimiro ouviu as ultimas palavras do padre, e disse:

—Farei a sua vontade.

A vontade de padre João era que elle sahisse de Pinhel, e fosse a Bragança assentar praça. A resistencia de Casimiro fôra pertinaz, até ao derradeiro golpe, que o padre lhe descarregou, dizendo que a demora d'elle em Pinhel seria a causa á clausura de Christina. Casimiro sentou-se no catre, embebeu o suor frio da face na dobra do lençol, e exclamou:



—Irei.

E foi cinco dias depois, caminho de Bragança; mas, ao fim do primeiro dia de jornada, adoeceu perigosamente. O sangue refervido no peito principiava a vulcanizar-lhe a cabeça. Deram-lhe uma enxerga, n'uma taverna de Escalhão, e um padre que, em virtude de o ter confessado e ungido, pôde saber que o viandante era de Pinhel e se chamava Casimiro Bettancourt.

O carpinteiro ergueu mão do trabalho, embolçou as economias do seu mealheiro, e foi caminho de Escalhão. O anjo do amor estava á cabeceira do enfermo repellindo a morte. O coração repuchára a si a onda escaldante de sangue, que banhara o cerebro, e espedaçava-se para deixar resurgir a rasão. O artista esteve nove dias e nove noites ao lado de seu sobrinho. Quando se lhe acabaram os escassos recursos, que levára, empenhou a cruz de prata, que trazia ao peito; e pediu primeiro ao Crucificado que lhe dêsse a vida do sobrinho de sua mulher.

Ao decimo dia, o carpinteiro construiu uma camilha n'um carro de lavoura, e Casimiro, convalescente, foi transportado a Pinhel.

Ruy de Nellas e suas filhas, tirante Christina, passeavam n'uma alameda fóra da povoação, quando o carro chegou. O carpinteiro, que caminhava lentamente apoz o carro, descobriu-se, á vista do fidalgo, e disse:

—Guarde Deus a v. ex.<sup>a</sup>, sr. compadre.

—Que levas ahi, Antonio?—disse o fidalgo.

—É meu sobrinho.

—Teu sobrinho?—Disseram-me que tinha ido assentar praça. Querem ver que elle foi ferido em alguma batalha?

—O sr. compadre está a mangar com os pobres!... respondeu o carpinteiro com um sorriso mais de pungir que propriamente a injuria.

N'este lanço, Casimiro Bettancourt affastou a ourella da manta, que formava o pavilhão do carro, pôz fóra o rosto macerado, e disse:

—Sr. Ruy de Nellas, quem me feriu na batalha foi a espada da honra. Agora vou eu travar uma batalha com o orgulho de v. ex.<sup>a</sup>: veremos quem é o vencido.

—Ora, sôr Casimiro!—replicou o fidalgo galhofando sarcasticamente—as suas ameaças tem muita graça... passe muito bem.

E proseguiu no passeio, chibatando, com ares de Tarquinio ou Pombal, as florinhas que se abriam por entre o ervaçal que arrelvava a alameda.

—Chama lá os bois, moço!—disse o artista ao carreiro.

Christina encerrada voluntariamente em seu quarto, nem de suas irmãs era já bem vista. As outras senhoras, como izemtas e intactas de coração, conservavam os espiritos excelsamente afidalgados, e levavam muito a mal que sua irmã as quizesse aquinhoar no desdouro de um casamento desigual. O fidalgo obrigára Christina, nos primeiros dias, a tomar o seu lugar na meza commum; como visse, porém, que ella scandalisava a familia com suas lagrimas ordenou que lhe levassem as criadas os alimentos ao quarto. E assim se finava a pobre menina, desconsolada da voz humana, e descrida da misericordia divina.

Peregrina, a sua confidente, a sua alegria, tinha ido com o irmão para S. Julião da Serra. Queria escrever-lhe: mas que portador ousaria levar-lhe a carta? Pensava em fugir para ella; mas com quem, com que recursos? A não ser ella, quem faria chegar ás mãos de Casimiro as suas cartas, o adeus sùpremo de sua alma, ao arrancar da vida? Respondia-lhe o calado pavor da soledade ao afflictivo interrogatorio, em que se debatia, e já por fim, desesperava.

Havia na caza um criado moço, que Casimiro Bettancourt ensinára a lêr nas horas feriadas dos domingos. Nunca os dous namorados fiaram d'elle segredos seus; mas o muchacho, que era atravessado, adivinhava o que não via, e espreitava para examinar se tinha adivinhado.

Soube elle que o seu mestre de leitura chegára doente n'um carro, viu que o fidalgo e as meninas andavam a passeio, foi de corrida a caza, bateu de mansinho á porta do quarto de Christina, e disse-lhe pelo espelho da fechadura:

—Fidalga, o sr. Casimiro chegou agora doente n'um carro.

Christina espediu um grito, e abriu a porta.

—Vem cá!—disse ella ao rapasito, que se ia escapulindo.—Que disseste? Viste o sr. Casimiro?

—Vi-o descer do carro nos braços do tio Antonio carpinteiro. Vem amarello como uma cidra.

—Tu és nosso amigo, José?—perguntou ella offegante.

—Sou, sim, senhora.

—Levas-lhe um bilhete?

—Dê-o cá, fidalga.

—Espera, que eu vou escrevêl-o... O melhor é tu ires esperar no pateo, que eu lanço-t'ó da janella, que não vá ver-te alguém aqui no corredor.

O mocinho esperou um quarto de hora, e levou a carta a Casimiro, que respondeu logo.

Este rapaz de nove annos faz lembrar o mosquito que matou o leão, e o braço fundibulario que derribou o gigante. Ahi estão a vigilancia e omnipotencia de Ruy de Nellas Gamboa de Barbedo, senhor solarengo mais velho da Beira Alta, anniquilladas pela intervenção do peguireiro, que o senhor feudal nunca distinguia dos carneiros que apascentava!

O effeito das primeiras cartas foi uma transfiguração maravilhosa no semblante de Christina e Casimiro. Já ella punha as mãos e ajoelhava a orar: é certo que, pelo ordinario, attribuímos ao demonio o mal acintoso, que o mundo nos faz, e agradecemos a Deus o bem casual ou intencional que nos faz o mundo. Tudo isto redunda em elogio de Deus e nosso.

Ruy entrou pensativo em casa, dizendo entre si: «Mal fiz em a não metter no convento; mas ainda não é tarde.»

Mandou vir á sua presença os creados e creadas, excepto o José-pastor, como lhe chamavam. O rapasito ainda não gosava honras de creado appellavel para assumpto grave. Declarou o fidalgo que faria entrar n'uma cadeia o servo ou serva, que levasse ou trouxesse cartas entre sua filha e Casimiro. Os creados innocentes e impeccaveis n'esta materia—por isso que zelavam a fidalguia do seu amo contra o plebeismo do sobrinho de mestre Antonio—juraram de espreitar os passos de Casimiro, e, em testemunho de sua probidade, offereceram-se a quebrar-lhe as costellas, sendo necessario.

Ruy de Nellas despediu-os satisfeito, e disse entre si: «Tanto faz tel-a fechada em casa, como no convento. Parece-me até que está mais segura aqui.»

José-pastor ouviu a creadagem na cosinha discorrer ácerca da recommendação do fidalgo, e fez que não intendia. D'ahi a pouco, andava elle no pateo a escrever com um pau carbonisado o seu nome nas lages pollidas, e de vez em quando olhava, por debaixo do avental de saragoça, contra a janella de Christina.

Viram-se. E elle escreveu a palavra *carta*, olhando de revez e indicativamente para a menina. Fez ella um gesto de intelligencia, e elle aspou a primeira palavra com os pés, e escreveu n'outra lage: *telhado*. Outro signal de comprehensão, e logo outra palavra: *torre*, e depois *trapeira*.

Queria isto dizer que elle ia ao postigo de uma especie de pombal, que lá chamavam *torre*; que lançava de lá a carta ao telhado; e que fosse Christina á trapeira, superior ao seu quarto, e colhesse a carta.

Sahiu-se excellentemente com a traça, e até sobreexcedeu o programma; porque a menina, recebendo uma, atirou outra carta á base da torre, e o rapasinho, que era optimo volatim em esgalhos de arvores, pendurou-se pelos pés no banzo do postigo, e com um troço de uma aguilhada de seu uso pastoril arpoou o papel. Estas habilidades é que Casimiro Bettancourt lhe não havia ensinado com as primeiras letras. Se a instrucção primaria lh'as desenvolveu, isso é materia para mais dilatadas e opportunas pesquisas.

Aligeirando o alcance d'estes successos, até ao ponto em que os deixamos na vigairaria de S. Julião da Serra, direi que a fuga estava pactuada desde as primeiras cartas, que se trocaram. As apostillas subseqüentes versavam sobre qual caminho e destino convinha seguir. Casimiro lembrava-se do condiscipulo de collegio a quem devia o favor de dinheiro com que jornadaára de Lisboa a Pinhel. Presumia elle que, se fugissem para Lisboa, e procurassem aquelle amigo, achariam protector para alcançar-se um emprego. Mas um fio de espada lhe cortava por alma e coração, quando a nevoa negra da pobreza se lhe punha diante da esplendida aurora do seu dia feliz. Quem lhes daria meios para caminharem até Lisboa?

Como adivinhando esta pergunta, Christina propunha que fossem a S. Julião da Serra, casassem lá, e pedissem ao padre João recursos para fugirem á perseguição, até que Deus lhes acudisse.

N'estes dias revesados de alegrias e amarguras, para elles, que já tinham aprasado o da fugida, o carpinteiro recebeu carta do filho, estabelecido no Brazil, e o primeiro donativo de dinheiro. Quando Casimiro viu ouro em mãos de seu tio, apertou o artista ao seio, e disse-lhe com os olhos cheios de esperança e lagrimas:

—Empreste-me parte d'esse dinheiro, que é o preço da minha felicidade.

—Se é o preço da tua felicidade, ahi o tens todo—respondeu o carpinteiro, lançando as peças sobre a meza.

—Menos de metade me basta—replicou Bettancourt.

—Pois toma d'aqui o que quizeres; mas conta-me o que vaes fazer.

Casimiro, temeroso da probidade de seu tio, nunca lhe havia revelado o plano do rapto. Prudente receio era o seu. Mestre Antonio, bem que estomagado das soberbas de seu compadre, não consentiria que seu sobrinho o vingasse por semelhante meio. A ida de seu filho para o Brazil devia-se em parte á generosidade do padrinho, que lhe dera enxoval e algum do dinheiro da passagem. O mesmo fidalgo o ajudára a comprar o fato de Casimiro, sem querer que o moço soubesse a obrigação em que ficava. Mestre Antonio, além d'isto, reprovava o ousio de seu sobrinho em inquietar uma menina talhada para marido de outra linhagem e haveres. Não dominava ainda n'aquella epocha a aristocracia das artes, inchada hoje com uns descomedimentos de orgulho, que prevalecem propriamente sobre os da aristocracia de nascimento; de modo que a gente sisuda lastima que o artista não seja bem creado para sustentar o seu real valor, sem andar a todas as horas, de arremettida contra as distincções herdadas. Agora, importuna a philaucia do artista; logo anoja a humilhação a que se desce.

Cingindo-me ao ponto: Casimiro reteve ainda o seu segredo, sophismando-o d'est'arte:

—Eu vou continuar em Coimbra ou Lisboa o meu curso de mathematicas para seguir a vida militar mais vantajosamente. Bem sei que este dinheiro a pouco chega; mas espero achar, sem baixeza, recursos em mim proprio para me alimentar. Ensinarei particularmente o que sei, e com o pequeno salario me irei remindo.

—Se é isso, Casimiro—redarguiu mestre Antonio—leva o dinheiro todo, que eu

tanto faço com elle como sem elle. Assim como assim, duzentos mil réis não me quitam de trabalho. Gosto bem de te ver botado ao caminho da vida. Vai, moço; que o mundo é p'róis homens. Teu pai sahiu d'aqui com duas camisas n'uma trouxa, sentou praça, e morreu major na flôr da idade: teria quarenta annos. Se não morre, e o seu partido vinga, podia acabar general. Tira-te d'aqui d'esta aldeia, homem! Tu tens lá umas ideias que precisam de terras grandes. Vai-te á vida que eu cá estou com o meu pouco para te acudir nas necessidades. Logo que teu primo mande mais dinheiro, lá irá ter onde estiveres. Se um dia tiveres de teu, e eu já não poder com o machado, então me irás pagando como poderes.

Casimiro debulhava-se em lagrimas, abraçado ao carpinteiro, que embebia as suas no canhão da jaqueta de saragoça remendada nos cotovellos. Aquella jaqueta deshonrar-se-ia grandemente se a puzessem á beira de muitas fardas batidas a ouro e coalhadas de veneras!

Era como picar de remorso o doer-se de Casimiro. Mentir assim aquelle velho tão bom, tão franco, tão desprendido, tão pobre!

Não importa! A sua paixão absolve-o já; o homem honrado e illudido absolvel-o-ha depois.

Tinha, pois, Casimiro dinheiro para a fuga; d'isto avisou Christina; a menina, porém, instava pelo casamento em S. Julião da Serra, e o moço, de vontade e coração, condescendia, e desejava assim tão abrasadamente como ella.

Ruy de Nellas encontrou o carpinteiro, e não lhe fallou, nem respondeu á saudação com um gesto sequer.

—Porque está de mal commigo, sr. compadre?!—perguntou o operario com magoada submissão.

—Porque és um ingrato!—bradou o fidalgo.

—Ingrato, senhor! Nemja isso! Deus me não ajude, se eu sou ingrato a v. ex<sup>a</sup>!

—Tens ahi teu sobrinho, que deu um pontapé no seu bemfeitor, e causou a desgraça de minha filha, e a tristeza de minha casa!

—Meu sobrinho, sr. compadre, fez mal, é verdade; mas o mal está remediado. Meu sobrinho vai-se embora por estes dias. Vai para Lisboa continuar os seus estudos. Leva duzentos mil réis que eu recebi do meu filho e afilhado de v. ex<sup>a</sup>

estados. De va dazentos mil reis que eu recebi do meu pai e amado de v. exa., e por lá ficará até se fazer homem como meu cunhado.

Ruy de Nellas deu um grande suspiro de desabafo, e disse:

—Fallas-me verdade?

—Como quem se confessa, fidalgo.

—Então compadre, o dito por não dito. Se eu soubesse que elle estava ainda em tua casa, por falta de meios, o dinheiro dava-t’o eu, sem elle o saber. Quando é que vai?

—Estão-se fazendo umas camisas, e, o mais tardar no fim da semana, vai com Deus.

N’este dia á noute, Ruy disse a uma das filhas:

—Vai ao quarto de tua irmã, e diz-lhe com bons modos que venha tomar chá connosco. A tempestade está a passar: é preciso que a trateis, como d’antes, d’aqui por diante.

Christina, maravilhada da brandura de sua irmã, desceu á sala, e beijou a mão paternal, que se lhe offerecia com affavel sorriso.

Tomou chá trocou leves palavras com suas irmãs, e volveu ao seu quarto, onde desvelou a noute, scismando na transfiguração de seu pai.

A horas de almoço, passou Ruy de Nellas no corredor contiguo ao quarto de Christina, e disse-lhe tocando na porta:

—Vai o almoço para a meza, menina.

Christina estremeceu, e sumiu entre os cobertores a carta, que estava escrevendo, cujo periodo mais importante era assim:

«..... Como penso que terei liberdade de descer ao jardim ao fim da tarde, sahirei pela porta da quinta, que abre para a estrada. Se me enganar, então ámanhã te avisarei.....  
.....

Não se enganára

Não se enganara.

O caricioso pai sahiu com ella e suas irmãs a passear depois do almoço. Amimou-a, depois de jantar, brindando-a com um vestido de tafetá azul para festa dos annos da morgada. Ao fim da tarde viram-n'a sahir ao jardim, e a mais abelhuda das irmãs disse:

—Papá, olhe que a Christina vai só...

—Deixal-a ir. Coitada! o inverno já lhe desfolhou as rosas que ella ha um mez ainda regava!... Vai ver as suas plantas... Pobre filha, que pena me faz vê-la tão abatida!...

Christina demorava-se e o vento assobiava, impellindo contra a janella borrifos de chuva.

—Vossa irmã, já está no seu quarto?! Vão ver.

As meninas alvoroçadas vieram dizer que no quarto não estava ella nem a capa.

—Pois não viram que ella saiu de capa ao jardim?—reflectiu o pai.—Vamos ao jardim, que ella deve lá estar abrigada da chuva... ou (ajuntou elle no silencio de seu coração) escondida a chorar... pobre menina!

Espreitaram todos os escuros do arvoredor, chamando-a a brados. O fidalgo, esporeado por diabolica suspeita, correu á porta do carro, e achou-a aberta.

—Fugiu!—exclamou elle. Os criados que saiam todos por essas estradas, e... que o matem!

E os criados sahiram todos na ideia... de o matarem!

Até o José-pastor lá ia na chusma, clamando que queria tambem matar o ladrão da fidalga, e teimava que via as pegadas da menina lá por uns caminhos onde ninguem via cousa nenhuma!

A estas horas, Christina e Casimiro transmuntavam o cabeça da primeira serra, que descia para umas gargantas intransitaveis.

Na ante-vespera, palmilhara Casimiro o terreno menos trilhado, e orientara-se cabalmente da direcção que devia seguir até assomar á serra visinha de S. Julião.





## VI

### A humildade vencedora

Os servos iam e vinham por estradas reaes, atalhos e mais desfrequentados caminhos. Ninguém déra noticia dos fugitivos, excepto um guardador de cabras, o qual disséra ter visto n'uma chã, passarem um senhor, vestido á cidade, e uma senhora assim a modo de fidalga, e depois os vira entrar á estrada de Trancoso. Estas novas quem as colheu foi o José-pastor, o velhaco! Elle não viu guardador nenhum de cabras: inventou-o, sem que ninguém lhe encommendasse a fabula. O que elle queria era attrahir as pesquisas para o lado opposto de S. Julião da Serra. Serviçal até alli!

Quando, ao quarto dia de baldadas buscas, os criados mais pimpões se abalaram para Trancoso armados até aos dentes, Ruy de Nellas foi procurado por sujeito desconhecido. Entrando á presença do fidalgo, e interrogado sobre quem era, disse:

—Sou um lavrador da freguezia de S. Julião da Serra.

—Onde está vigario meu afilhado padre João Ferreira?

—Sim, senhor.

—Como está elle!

—Doente de cama.

—Coitado! E Peregrina? Conhece a irmã do vigario?

—É minha mulher.

—Ah! sim? quanto folgo! Já cá sabiamos que ella casára bem.

—Estimo-a muito, que é digna d'isso.

—E vm.<sup>ce</sup> creio que é lavrador abastado...

—Graças a Deus, tenho mais que o necessario...

—Queira sentar-se. Esqueceu-me de o mandar sentar, com a satisfação de ver o marido da nossa Peregrina... *Satisfação*, digo eu!... Vão por cá muitíssimas afflicções, senhor... como é a sua graça?

Ladislau, criado de v. ex.<sup>a</sup>

—Muitas afflicções, sr. Ladislau! Cahi em minha casa um raio!... Deus... não sei que mal lhe fiz! Eu, que faço o bem que posso, que dou tudo quanto me sobeja aos pobres, que eduquei minhas filhas na religião de meus avós, estou aqui esmagado por uma vergonha, que me está cavando a cova!... Quando ha sete annos me morreu minha mulher, pedi a Deus a morte: oxalá que elle me tivesse ouvido!... Logo, em seguida, morreu o meu unico filho varão. Resisti ainda. Depois vi cahir o Senhor D. Miguel do throno á miseria da proscrição, e fiquei ainda em pé. Agora... agora... esta punhalada corta-me o ultimo fio! Nos tres infortunios passados, o Senhor Deus dos afflictos collocou a meu lado um dos seus apostolos, que me amparou, e me fechou as chagas com o balsamo da religião. Era um frade da sua freguezia, creio eu: Fr. Braz Militão do convento de Vinhaes. Morreu o santo, que passou tres noutes á cabeceira do meu leito, quando enviuei. Elle tinha experimentado a minha dôr, porque vestira o habito de frade mendicante, quando Deus lhe chamou sua mulher...

—Esse frade era meu pai—disse Ladislau.

—Seu pai!—exclamou o fidalgo, erguendo-se a abraçar-o.—Pois o marido de Peregrina é filho d'aquelle predestinado, a quem eu recorro ainda nas minhas angustias?

—E eu recorrerei tambem para que meu bom pai alcance do Senhor o socego de v. ex.<sup>a</sup>

—Desculpe-me, que eu estou todo absorvido pela minha magua! Ainda não fiz senão carpir-me; porém o sr. Ladislau calculará, quando fôr pai, a natureza da minha dor... Que motivo o traz a esta casa?

—O seu infortunio, sr. Ruy.

—Pois sabia que minha filha fugiu? Já lá chegou a noticia? Foi sua mulher que o mandou saber a atroz verdade? É certo, é horivelmente certo que essa desgraçada fugiu ha cinco dias, e todas as diligencias em procural-a com o infame raptor se tem baldado!

—A sr.<sup>a</sup> D. Christina está em minha casa—atalhou Ladislau.

Ruy de Nellas aproximou-se, quasi rosto a rosto, de Ladislau, e exclamou:

—Que diz?! em sua casa? com elle?

—Não, sr. Ruy. Em casa do filho de fr. Braz Militão não se agasalham amantes fugitivos, salvo se elles forem tão desgraçados que não tenham pão nem tecto. Em minha casa está unicamente a filha de v. ex.<sup>a</sup>; em casa do vigario está Casimiro Bettancourt.

—E meu afilhado—interrompeu iroso o fidalgo—consente que se recolha em sua casa o roubador de minha filha, da filha de Ruy de Nellas, a quem elle deve tudo o que é?!

—Lamento,—disse Ladislau—que meu cunhado aqui não esteja para dignamente responder a v. ex.<sup>a</sup>. Eu não tenho a virtude nem as expressões santas, persuasivas, e affectuosas do afilhado de v. ex.<sup>a</sup>. Estou aqui, porque a doença ha tres dias o tem a elle na cama: apressei-me a vir para que o padre, despresando a enfermidade, não viesse por este mau tempo arriscar a vida. As intenções, todavia, de meu cunhado, acolhendo em sua casa Casimiro Bettancourt, são obvias e justas. Os dous, desgraçados pela cegueira do amor, foram pedir ao sacerdote a benção matrimonial; o sacerdote não podia abençoal-os sem consentimento de v. ex.<sup>a</sup>, e não podia tambem abandonal-os sem faltar á caridade que professa, á sua propria consciencia, e ao que deve ao sr. Ruy de Nellas. Abrir mão d'elles, na situação em que os viu, o mesmo seria declarar-lhes que não ha divina nem humana misericordia. Elles iriam porta fóra desconfiados da virtude do ministro de Deus, em que tinham posto sua esperança, e julgar-se-iam desquites de serem ou procurarem ser virtuosos...

—Bem!—atalhou Ruy, a que vem o senhor?

—Implorar a v. ex.<sup>a</sup> consentimento...

—Para se casarem?

—Sim, senhor.

—Sabe o que pede? o sr. Ladislau sabe o que pede?!—bradou o fidalgo com os olhos afuzilando ira e gestos descompostos.

—Sei que peço, segundo meu cunhado diz, o unico remedio de tal desgraça.

—Seu cunhado é um parvo!—rebradou o velho, batendo rijamente com o punho fechado sobre a meza.—Repito: seu cunhado é um parvo, e não tem desculpa nenhuma, porque sabe quem é o pai de Christina, e quem são os parentes d’esse ninguem que roubou minha filha. Não lhe disse elle que Casimiro é sobrinho d’um carpinteiro?

—Sim, senhor, disse.

—E então? Parece-lhe que é bem arranjado o casamento do sobrinho do carpinteiro com a filha de Ruy de Nellas? Responda!... Que pena eu tenho que, em lugar do senhor, não estivesse ahi o padre, a ver que me respondia!...

—Parece-me que o padre responderia a v. ex.<sup>a</sup> que a sr.<sup>a</sup> D. Christina...

—Diga, diga!

—Casada com o sobrinho do carpinteiro está mais honrada que na situação em que se acha agora.

—Quer isso dizer que da parte do mariola é muito grande favor casar-me com a filha!?

—Não, sr. Ruy; eu não quiz dizer semelhante cousa; não vim aqui offender v. ex.<sup>a</sup>.

—Pois então?... A vontade do meu amigo padre (replicou o fidalgo, sorrindo á palavra *amigo*) é que eu admita em minha casa os noivos?

—Não lhe ouvi isso. O que elle unicamente pede é a certeza de que v. ex.<sup>a</sup> lhe levará a bem que elle os case, embora o seu consentimento não seja escripto.

—Prohibo-o expressamente de os casar, sob pena de eu o fazer sahir da igreja, e metter em processo!

—Que quer, por tanto, v. ex.<sup>a</sup> que faça sua filha?—redarguiu Ladislau com os olhos humidos de lagrimas de desanimação—Que ha de ella fazer?

—Entrar n’um convento, chorar o seu crime, e morrer lá, é o que eu quero. A elle hei de perseguil-o até ao inferno! hei de mettêl-o n’uma masmorra, e

impontal-o para as Pedras-negras.

Ladislau recolheu-se breves instantes, e sahiu de si, dizendo com grande impeto de pranto:

—Se aqui estivesse frei Braz de Villa Cova, que diria, n'este ponto, o bom christão a v. ex.<sup>a</sup>? Eu creio, senhor, que meu pai diria: «Perdão, e misericórdia. A neta dos reis de Judá, Maria, mãe de Jesus, foi eleita pelo Eterno esposa d'um operario: era carpinteiro o pai putativo do Redemptor dos homens.»

—Não me pregue sermões!—interrompeu Ruy de Nellas, cujas convicções, no tocante ao casamento da Virgem Maria, eram muito pela rama. O fidalgo acreditava que uma sua tia freira bernarda em Lisboa tinha oração infusa, e, em seus extasis, se erguia sobre a terra quatro covados; acreditava que S. Thiago e S. Jorge vieram em pessoa combater e vencer pelos portuguezes; acreditava outro sim que a morte e vinda de D. Sebastião era por ora cousa duvidosa, porém o casamento da filha dos reis de Israel com um carpinteiro custava-lhe a tragar!

—Não me pregue sermões!—dissera, pois, Ruy de Nellas, e proseguiu:—Seu pai, se aqui estivesse, iria sem que eu lh'o pedisse, procurar essa mulher perdida, e convertêl-a a Deus, levando-a a um convento, e obrigando-a a ver bem a sua vergonha para que nunca mais se amostrasse a olhos do mundo. Seu pai, sr. Ladislau, de certo me não viria dizer que premiasse a desobediencia de minha filha, e a petulancia do farropilha, que m'a roubou, casando-os. Boa maneira de os castigar, não tem duvida nenhuma! O resultado de tão funesto exemplo seria as outras minhas filhas fugirem-me com os miseraveis que as seduzissem! Se a religião mandasse ou aconselhasse tal, ai da ordem social, que então direitos de pai e obediencia de filhas tudo andaria transtornado! Não, senhor! frei Braz Militão não podia, de modo nenhum, ser o patrono de tamanho crime!

—Que quer, pois, v. ex.<sup>a</sup> que se faça?—disse Ladislau com os olhos já enchutos, e um tom de voz, que denotava outra condição de espirito.

—Já disse: ella, convento; elle, se poder fugir, que me fuja; mas já e depressa, quando não a justiça fila-o.

—Creio que a sr.<sup>a</sup> D. Christina não entrará em convento, nem Casimiro fugirá sem ella.

—Veremos! Eu vou mandar homens a S. Julião da Serra!

—Fará v. ex.<sup>a</sup> mal. Na minha terra nunca entraram homens de braço armado, excepto os francezes, que incendiaram as casas por não encontrarem alguém. As nossas defezas e resguardo são as serras. Eu conduzirei a filha de v. ex.<sup>a</sup> onde não possa a violencia alcançal-a. Ella fiou-se em mim, acceitou a minha casa, hei de defendel-a. A não poder vêl-a esposa do homem que ama, não serei eu que vá perfidamente arrancal-a ao seu destino, bom ou mau, Deus sabe qual será. Calar-me seria uma perfidia. Volto, pois, com o coração de lucto, e direi a meu cunhado que v. ex.<sup>a</sup> lhe prohibe remediar a desventura da sr.<sup>a</sup> D. Christina.

—Mas diga-me cá!—acudiu de golpe o velho.—Se eu consentisse no casamento, que se seguia? Minha filha voltava a Pinhel com o marido?

—Não, senhor.

—Pois então?

—Lá sabem o seu intento. A Pinhel não voltarão.

—Mas quem os sustenta, depois?

—Serei eu, se elles quizerem.

—Bello começo de vida! Vai viver minha filha ás sopas da...

Conteve-se Ruy; mas Ladislau, adivinhando-o concluiu a phrase:

—Ás sopas da serva de v. ex.<sup>a</sup>... Minha mulher tanto se considera ainda uma creada de v. ex.<sup>a</sup> que recebe como a maior das honras ter á sua meza a sr.<sup>a</sup> D. Christina, e servil-a como creada.

—Perdõe-me, atalhou Ruy commovido, perdõe-me, que a minha dôr faz-me mau; que eu não o sou, meu amigo! Sua mulher nunca foi minha creada. Sentei-a á minha meza, e vesti-a como minhas filhas. Nunca me arrependi, e queria não me arrepender nunca. Faça o sr. com que ella resolva Christina a esquecer esse homem, e a fazer me a vontade. Póde ser que o tempo venha a gastar o odio, que tenho a essa perdida, e a tire do convento. É o maior serviço, que podem fazer-lhe, dissuadil-a. Façam com que Casimiro saia de Portugal: que vá para o Brazil ou para o inferno, que eu não lhe faço mal. Tenho dito, sr. Ladislau, a este respeito.

—Minha mulher não ousa dar taes conselhos á sr.<sup>a</sup> D. Christina, nem eu a minha mulher. Em fim, sr. Ruy, ouça v. ex.<sup>a</sup> o que vou fazer. Acompanharei sua filha ao lugar onde a encontrei; lá, onde a espera Casimiro Bettancourt, direi a ambos: «Fiz o que pude, pedi com lagrimas, pedi com razões: tudo se mallogrou. Agora se meu cunhado os não quer ou não póde casar, sigam sua vida, vão mostrar-se por esse mundo deshonrados, e digam que, se a deshonra os affasta das pessoas de bem, é por que esta infeliz menina tem um pai, que antes a quer assim.» É o que farei e direi, sr. Ruy de Nellas; mas antes d'isto, ainda me resta um esforço. Pedirei á alma de meu pai que lhe toque o animo; e, de joelhos e mãos erguidas, ainda uma vez, supplico a v. ex.<sup>a</sup> que dê consentimento para que sua filha seja honesta!

Disse Ladislau as ultimas palavras ajoelhado.

O fidalgo contou, passados annos, que, em lugar de Ladislau, vira, como em sombra, fr. Braz Militão. Ha segredos de Deus; porém, bem póde ser que o caso, a dar-se, fosse mera visualidade do velho. Fosse ou não, Ruy de Nellas inclinouse a levantar Ladislau de sua postura humilde, e disse:

—Valha-me Deus!

Passeou, de uma parede a outra, repetidas vezes, o salão, enquanto o moço arquejante lhe estava como bebendo a resposta dos beijos convulsivos. A final, parou o velho, em meio da sala, levou as mãos ás fontes, e, sacudindo vertiginosamente os braços, exclamou:

—Casem! mas que eu os não veja mais!

E sentou-se, prostrado.

—Beijo as mãos de v. ex.<sup>a</sup>—disse Ladislau, retirando-se com alvoroço tal de alegria que a sua vontade era distancear-se depressa, receoso do arrependimento.

Arrependimento que por um cabello, pouco depois, ia dando de si um feito vil!

Ruy de Nellas ergueu-se de golpe, já quando o moço tinha sahido, e esporeava a galope desapoderado a mula, estrada fóra.

Chegou ainda a gritar pelos creados, cujo maior numero tinha ido para Trancoso. Era seu intento envial-os a S. Julião da Serra, infractores da palavra de seu amo.



N'este lanço, estropearam no pateo dous cavallos: o cavalleiro era D. Sueiro de Aguilar Vito de Alarcão Parma d'Eça, fidalgo de Miranda, com o seu lacaio.

Este sujeito, além d'aquelle nome, que só por si é uma fortuna, nascera primeiro que seus irmãos, na maior casa d'aquelles contornos de Miranda. Barbedos e Alarcões tinham começado, pouco mais ou menos, com o genero humano. Estas duas familias, em franqueza intima e modesta, diziam que o primeiro sangue de Lisboa—da Lisboa de sangue azul, intende-se—era um regato da fonte caudal, represada n'elles, ahi pela fundação dos reinados de Leão e Castella.

Desde muito que Ruy de Nellas meditava em casar a filha morgada com D. Sueiro de Aguilar, e n'isso trabalhára, com intervenção da parentella.

Eil-o ahi está agora o almejado genro a pedir-lhe a filha, e eil-o vem a ponto de estorvar que o sogro se deshonne, violando a palavra dada, com desdouros dos reis de Leão e Castella, seus avós.

Trocados os termos ceremoniosos, D. Sueiro perguntou pelas primas.

Entraram cinco meninas meia hora depois.

—E a prima Christina?—perguntou elle.

—Está na Guarda, em companhia da tia Mafalda Portugal—tartamudeou Ruy.

—Sinto—disse D. Sueiro—porque, vindo eu pedir a mão da prima Guiomar para mim, sou encarregado de pedir a prima Christina para meu irmão Alexandre.

—Céus!—exclamou para dentro de si o fidalgo, e as meninas encararam-se mutuamente.

—Fallaremos ácerca de Christina—disse Ruy, expedindo um gemido rouco.

E declinou a prática sobre trivialidades, até horas de jantar.

D. Alexandre, academico do primeiro anno na Universidade, tinha visto sua prima na feira de Vizeu, um anno antes. Escrevera-lhe, mediante os bons officios de sua tia D. Beatriz de Albuquerque. Não respondera Christina senão termos agradecidos á escolha, posto que incondescendentes. Assim mesmo, D. Alexandre de Aguilar recalcitrou, sem melhor exito. D. Sueiro, porém, tomou a neito levar a noiva ao irmão

para levar a nova do amigo.

Contou-se o incidente que prende com o porvir d'esta historia.

---

## VII

### Felices

O apparecimento de Ladislau Tiberio no alto da serra, que se arqueia sobre a casa de Villa Cova, foi saudado com o agitar de dous lenços brancos. O moço, segundo convenção feita, apeou, cortou uma haste de castanheiro, arvorou n'ella o seu lenço, e floreando-o de cima da cavalgadura, deu-se pressa na descida.

Quando tal viram, Christina, a rir e a chorar, lançou-se aos braços de Peregrina, e foram ambas ajoelhar diante do oratorio. Como a alegria as não deixava exprimir palavra, era-lhes preciso fallar em silencio com Deus.

Meia hora depois, entrava no quinteiro Ladislau, e as duas senhoras, arrebatadas como se a boa nova igualmente as deliciasse ambas, correram a ouvir a confirmação do que disséra a bandeira branca.

—É certo?—exclamou Christina.

—É certo, minha senhora.

—Deixa-me ir um criado a S. Julião dar parte a Casimiro?—tornou ella.

—Vamos logo todos; mas, se v. ex.<sup>a</sup> quer, mande o criado já.

—Então não: vamos todos... quero eu dar-lhe a nova. E meu pai está bom? e minhas irmãs?

—Não vi suas irmãs; seu pai está inquieto; mas, como tem bom coração, Deus o socegará.

Abraçaram-se outra vez as duas amigas, e Ladislau, entre risonho e lagrimoso, gosava o não menor quinhão de sua alegria.

Fez-se logo noute, e esperaram que nascesse a lua para sahirem ao ingreme e despedrado caminho da igreja.

Por volta das dez horas, chegaram á lapa da Crasta, no viso da serra interposta, e lobrigaram um vulto.

—É elle!—exclamou Christina, lançando-se da egua.—É meu marido!

Casimiro Bettancourt correu ao encontro d’ella, e murmurou:

—Que dizes, Christina?

—O pai consentiu!—disse ella abafada pela commoção.

E Casimiro, desprendendo-se dos braços de Christina, foi cingir com o peito o sereno Ladislau, que ficara segurando as redeas da egua.

—Meu salvador!—exclamou o moço.

—Seu amigo, como amigo de todos os infelizes que amam!—disse Ladislau e ajuntou logo:

—O senhor que está aqui é que meu cunhado melhorou.

—O sr. vigario veio confessar um moribundo na aldeia, que está ao fundo da serra, e eu, com licença d’elle, vim até aqui para ver o fumo da casa de Villa Cova.

—Bem!—tornou Ladislau.—Vamos.

—Eu vou a pé—disse Christina—dá-me o teu braço, Casimiro.

—Ámanhã—atalhou Ladislau—ámanhã se encostará ao braço de seu marido, minha senhora.

Christina córou; e Casimiro tomou as redeas da egua para ella saltar ao albardão.

Ouviu-se um prolongado assobio como o dos caçadores em montados: era o vigario que chamava o hospede. Casimiro respondeu, e Peregrina, puchando do peito, quanto pôde, a voz, gritou:

—Cá vamos todos.

E, como todos rissem do agudissimo falsete da jubilosa Peregrina, o vigario percebeu logo a impaciente felicidade que não pôde esperar pelo dia seguinte.

E subiu a ladeira até encontrar o grupo.

—Abençoou Deus a tua resolução, já vejo!—disse padre João Ferreira ao cunhado.

—Abençoou: pódes tu abençoal-os, meu irmão.

E os dous ficaram alguns passos atrasados, para irem conversando sobre os successos de Pinhel, e os futuros em que os noivos não pensavam, nem era generoso dizerem-lh'os.

Ninguem dormiu, n'aquella noite, na residencia de S. Julião. O vigario sahiu, ante-manhã, a solicitar licença do arcipreste para casar os contrahentes sob sua responsabilidade sem o previo pregão de banhos. Obtida, voltou á egreja, e ouviu de confissão os desposados; e, em seguida á cerimonia da communhão, ligou-os, abençoou-os e disse-lhes:

—Ficam sendo os dous uma só alma para as alegrias e para as provações. Deus voltará a sua face divina d'aquelle dos dous que attribuir ao outro o seu infortunio; e nós, os amigos de ambos, verteremos lagrimas de sangue se os virmos infelizes, infelizes á mingua de conformidade e fortaleza. Deus os tenha de sua mão.

Celebrado o matrimonio, almoçaram na residencia, e sahiram para Villa Cova, onde Brazia, azafamada com o jantar, e duplamente ditosa com o segundo casamento, dava ares de não ter o miolo fixo, no dizer dos outros creados.

A felicidade d'este dia não tem historia: ou se a tem, conte-a o leitor que a experimentou. Mas o meu leitor, casado por paixão, precisamente foi obrigado a attender aos cumprimentos de amigos e parentes, uns a louvarem-lhe a noiva, outros a louvarem-n'ó a si, estes a brindarem-n'ó com vinho, aquelles a perguntarem-lhe pelo dote da mulher: barafunda esta que o não deixou sentir a sua felicidade.

Ora, na casa de Villa Cova, á mesa nupcial, além dos noivos, estavam o vigario, os donos da casa, o carpinteiro de Pinhel, e a velha Brazia. Os noivos repetiram em miudos a historia dos seus amores, os medos, as tristezas, os jubilos, o intenderem-se com a linguagem pactuada das flores. N'este ponto, Brazia ria muito e dizia que os namorados eram o peccado. As espertezas de José-pastor foram contadas por Christina com amostras do bem que queria ao rapasinho. Pediu ella ao marido que se não esquecesse nunca do muito que lhe deviam, e lembrou-se de o mandar estudar para padre se algum dia fosse remediada de

bens de fortuna.

—Hade sahir bom padre!—atalhou a ridentissima velha.—Se assim souber espreitar as ciladas do cão tihoso, muitas almas hade ganhar p’ra Deus!

Com estas e outras festejadas palestras passaram o dia. Ao escurecer, tornou o vigario á sua igreja, com promessa de voltar no dia seguinte, a fim de se conversarem cousas muito importantes.

E nós vamos já ao ponto d’estas conversações decorridas á sombra d’uns altos castanheiros, que pareciam ter alli ficado da idade de ouro para darem testemunho de um feito d’outras eras.

—Diz tu o que tens a dizer, Ladislau—estas palavras proferiu o vigario, logo que as duas senhoras se assentaram na grossa e retorcida raiz d’um castanheiro, e Casimiro á beira d’ellas.

Ladislau voltou-se para seu cunhado e disse:

—Porque não has de ser tu?

—Quem melhor exprime a idéa é quem dignamente a concebeu.

—Pois fallarei—tornou o moço: deteve-se breve espaço, e disse—o sr. Casimiro Bettancourt recebeu educação e tem espiritos que não são para vida aldean, e d’esta aldeia a mais desacompanhada e triste que ser póde. Isto é bom para mim, que nasci cá, e por todas essas pedras e arvores tenho cobrado um affecto de solitario, que todo outro viver se me affigura intoleravel. Que fará o sr. Casimiro, passados estes primeiros dias, em tal solidão? Perguntará a si mesmo: «Que faço eu aqui? Em que empregarei as minhas forças? Porque molde talharei o meu futuro?» Quando assim se interrogar, a resposta será uma melancolica indecisão, com vêr cerrados os caminhos para onde o animo o impelle. Vamos vêr se podemos abril-os para pouparmos o nosso Casimiro á desconsolação de cruzar os braços e dizer: «não sei!» O nosso amigo contou-me que, no collegio, estudava mathematicas, para o fim de seguir a carreira das armas.

—É verdade—disse Casimiro.

—Pergunto eu se lhe agrada recommençar ou continuar os seus estudos, e ser militar.

—Desejava-o, tenho-o desejado sempre; mas a vida militar desprotegida é má; e, nas minhas circumstancias, o estudar foi e é impossivel agora.

—Não é. O meu amigo assenta praça, e requer licença para estudar em Lisboa, Porto, ou Coimbra. Tenho estas informações de meu cunhado. Eu offereço-lhe os meios precisos para se alimentar com sua senhora em qualquer das cidades que escolher, e assim se habilita para alguma vez me pagar o adiantamento que fôr preciso.

—Mas o meu dote...—interrompeu Christina, com fidalgo animo.

—Não se falla no seu dote—retorquiu Ladislau.—O sr. Ruy de Nellas deu o consentimento; mas não dá dote.

—O dote de minha mãe...—tornou ella.

—V. ex.<sup>a</sup> não pede dote nenhum: eu disse a seu pai que a sustentação de sua filha e marido não corriam á obrigação d'elle. Está desobrigado o sr. Ruy de Nellas. Em resumo, o sr. Casimiro quer ser homem, quer a sua independencia, quer empregar dignamente as faculdades, que Deus não dá para ocios ou desperdícios. Resolve-se a abraçar a minha lembrança?

—De toda a vontade, e com o mais reconhecido coração. Diz-me uma voz intima que eu poderei desempenhar-me.

—Tambem a mim m'o diz—ajuntou Ladislau.

—Desempenham-se todos os que trabalham—ajuntou o vigario.—O principal estimulo que o sr. Casimiro leva para o seu engrandecimento é querer mostrar a seu sôgro que se fez homem.

—Quem me faz homem é este anjo! exclamou Casimiro, abraçando o marido de Peregrina, a qual já estava chorando, quer fosse a proxima ausencia de Christina, quer o entusiasmo da boa acção de seu marido a enternecesse a lagrimas.

Volvidos quinze dias, iam sahir de Villa Cova os noivos com destino a Coimbra. Ao despedirem-se, como Ladislau levasse á mala de Casimiro o dinheiro contado para as despesas do primeiro trimestre, o hospede acudiu dizendo que tinha intactos os duzentos mil réis que seu tio lhe dera. Mestre Antonio, que fôra assistir á despedida do sobrinho, resistiu ás instancias de Ladislau, não querendo

reembolsar o dinheiro, e levou a sua liberalidade ao ponto de offerecer á esposa de seu sobrinho uns brincos de ouro, que elle chamava *cabaças*, os quaes tinham sido de sua mulher. Liberalidade dissemos; e, com tudo, o valor real do presente orçava por dezeseis tostões! Assim era que elle amava muito aquella memoria, e o desprender-se d'ella foi o mais que podia fazer a sublime rudeza do coração do operario! Dera a sorrir os duzentos mil réis, e foi, ás escondidas, enchugar as lagrimas, quando se viu privado das arrecadas de sua mulher! Ó santos corações do povo! mas do povo das montanhas, direi; do povo, que ainda não sahiu á praça vociferando que é rei porque é povo.



Christina tirou das orelhas uns brincos de preço, que usava em casa de seu pai, e adornou-se com os modestos, que lhe dera o artista; depois, voltando-se a Peregrina, disse-lhe:

—Acceitas uma lembrança da tua amiga pobre, da amiga que vai subsistir dos teus beneficios? E, tomando-lhe a cabeça contra o seio, obrigou-a suavemente a receber os seus brincos, e beijou-a em ambas as faces.

—Acceita, Peregrina—disse Ladislau—que a tua senhora e amiga vai mais enfeitada com a dadiva do pobre.

Partiram, acompanhadas até grande distancia pelo vigario, irmã, Ladislau e Brazia. Mestre Antonio não houve rasões que o demovessem de ir a pé ao lado de Christina, até ao Porto.

Como pernoitassem n'uma estalagem da aldeia de Pena verde, encontraram um feitor da casa de Ruy de Nellas, acompanhando duas cargas de bahu. O feitor, pasmado do encontro, não atinava a decidir-se se devia cumprimentar ou desprezar a filha de seu amo. A menina porém, que se não julgava desprezível, perguntou ao seu antigo creado d'onde vinham aquelles bahu.

—Do Porto—disse breve e seccamente o conductor.

—Que levam?

—O enxoval da sr.<sup>a</sup> morgada.

—Pois a mana Guiomar casa?

—Casa á vontade de seu pai—tornou o feitor, carregando de censura as palavras, e collocando-se de esguelha.

Casimiro Bettancourt, que presenciara o dialogo, desceu ao pateo da estalagem, onde estava o feitor; travou-lhe das lapelas da jaqueta, e disse:

—Olha de frente para a filha de teu amo, e responde-lhe.

—Já respondi—disse o homem um pouquinho inquieto da segurança da sua pessoa.

Casimiro perguntou á sobresaltada senhora o que queria ella saber do seu creado.

—Nada...—balbuciou Christina, temerosa do resultado.

—Descobre-te—disse elle ao creado.

O feitor tirou o chapéu com as mãos ambas.

—Diz áquella senhora com quem casa tua ama, e responde ao mais que ella te perguntar.

—Casa com o sr. D. Sueiro, de Miranda, que a foi pedir, e tambem ia pedir a sr.<sup>a</sup> D. Christina para o sr. D. Alexandre.

—Deixa-o, deixa-o!—disse Christina.

—Levas as duas orelhas—ajuntou Casimiro, largando-o—porque és creado do sr. Ruy de Nellas. Tu consideras menos a filha de teu amo do que eu os seus lacaios.

E, tornando ao quarto de Christina, disse-lhe risonho:

—Que excellente casamento te fiz perder!...

D. Alexandre de Aguiar Vito de Alarcão Parma d'Eça!

—Pois sim, disse ella muito de riso e mimo, mas se tornas a assustar-me, arrependo-me de não ter respondido ás cartas do idiota Alexandrinho... que vamos encontrar em Coimbra... Não sabes que elle está em Coimbra?

—Sabia, e então? Dar-se-ha caso que a vergontea ostro-goda me queira cahir sobre as costas? É preciso temer os Vito Alarcões!... Deus nos defenda!

Festejou ella muito os tregeitos de medo comico com que Casimiro abrenunciou o rival temeroso, e não pensaram mais n'isso.

Tomou o estudante uma casa menos de modesta, fóra de portas em Santo Antonio dos Olivaes. Em redor da casa fechava-se o arvoredado de alamos, platanos e choupos. A mobilia era rigorosamente academica: as conhecidas cadeiras como inventadas para descadeirar os occupantes; a meza de pinho

pintado de verde; a tarima de espaldar de taboado com silvas de flores amarellas, imaginarias, e superiores ás mais inventivas das florestas americanas. Tudo isto, porém, e o restante, que pouco mais era, limpo, repintado, e lustroso alegrava a casinha. Depois era no mez de abril, o abril de Coimbra, regorgeado de aves, arrelvado de boninas, copado de sombras, e harmonioso de murmurios. E, depois, o amor, a paz, o descanso de tamanhas batalhas, aformosentavam a vivenda de Santo Antonio dos Olivaes, o amor, por sobre tudo, alindava, encantava, e vestia da innocencia e das alfaias do eden aquelle silencioso abrigo de duas almas fugidas ao mundo, e recolhidas em si e em Deus.

Principiou Casimiro a recordar os seus passados estudos, enquanto corria aquelle anno lectivo, para no immediato se matricular. Raras vezes ia á cidade dar conta ao leccionista dos seus estudos preparatorios. Como o tempo lhe sobejava, lia ou ouvia ler Christina, que dava aos livros unicamente as horas feriadadas das suas occupações domesticas. Raro dia, deixavam de escrever algumas linhas a Ladislau e Peregrina, dizendo aquelles nadas que são um nunca findar entre pessoas que se presam.

Desceram, uma tarde de junho, ao Mondego, e subiram á beira da margem esquerda. Paravam a intervallos para ouvirem o rumoroso suspirar da folhagem, e o soido da limpha sobre que os salgueiros se dobravam a remirar-se no espelho limpido.

Christina inclinou a face ao seio de seu esposo, e murmurou tão de leve, que parecia afinar a voz pelo som d'aquellas harpas eolias da ramagem:

—Como somos felizes, ó Casimiro!...

—E eu cuidava que não havia felicidade n'este mundo! disse elle, comprimindo-lhe a face com a mão tremente de meiguice.

—Como não ha de havel-a para os que amam o Senhor, e não fazem mal ao seu semelhante!

—Eu devia esperar este bem, Christina; porque fui muito desgraçado... Não fui?

—Eras... mas, desde que eu te ameï...

—Fui muito mais desgraçado, filha... Então é que eu me vi pobre, desvalido, sem pai, sem mãï... Que palavra, Christina!... MÃI!... Nunca os meus labios

proteriram esta palavra no seio de uma mulher! Nunca, nem na minha desamparada orphandade, correu para mim uma mulher chamando-me filho!... Como pude eu ser privado das caricias de minha mãe!? Como pôde ella abandonar-me, e esquecer-me!? Porque não disse meu pai se ella era morta?!...

—Ahi estás tu a entristecer-te!—atalhou a esposa—Não quero!... Vem cá! Olha, Casimiro, eu chamo-te filho, filho de minha alma, do meu coração! Amo-te mais que todas as mãis! Se alguma vez chorares, eu te consolarei, com um carinho, que as mãis não sabem. Defender-te-hei com mais coragem que ella. Morrerei por amor de ti, porque és tudo que eu tenho. Se Deus me der filhos, heide amal-os menos que a ti, meu amado esposo!... Vês-me tu a mim triste por ter deixado pai e irmãs?... É verdade que meu pai aborrecia-me e minhas irmãs desprezavam-me mas por amor de ti, Casimiro, por amor de eu te querer dar esta felicidade...

—Perdôa-me!—disse elle, beijando-a com estremecimento—Não me lembres o que soffreste, que eu cuidarei que me argues de ingrato. Olha que a minha tristeza é suavissima, ó minha filha. Lembrou-me meu pai, e os seus ultimos affagos; tive saudades de minha mãe, que nunca vi; são uns desejos, que parecem vaticinio de que hei de ainda encontral-a. Vê tu que loucura, que poesia! É este sitio, estas arvores, e a serenidade do céu que me fazem scismar assim... As pessoas, que têm a sua alegria circumscripta ao curto espaço da sua casa, não devem vir meditar nos lugares em que o espirito carece de voar ás raias do infinito. A tristeza está n'ellas, filha. O espirito retrahe-se sobre si mesmo, e doe-se da sua fraqueza. O que é ver ir aquella ave pelo azul do céu fóra, e dizer: «onde irás tu?» É desejo de romper esta rêde de ferro que nos cerca, rasgar os fechados horisontes da alma, e sondar em que mundo irei com o teu espirito perpetuar a minha existencia. E a devanear n'isto, accordam-se na alma todos os enlevos e saudades... Então vejo a sombra de minha mãe e de meu pai, a passarem, a fugirem, como sonhos. Ditoso é o meu accordar, porque te encontro, ó anjo da minha vida!...

E, dizendo, abraçou-a soffregamente, e bebeu-lhe as lagrimas, exclamando:

—É assim que minha mãe devia chorar, quando me lançou de si!...

—Mas eu—exclamou Christina—aperto-te ao meu coração, filho!

---

## VIII

### O Vigario de S. Julião da Serra

Temos de voltar a Pinhel.

D. Sueiro de Aguilar pediu instantemente que se mandasse buscar á Guarda sua prima Christina. Tergiversou, em quanto pôde, Ruy de Nellas; porém, quando o fidalgo de Miranda annunciou que iria pessoalmente buscal-a, o velho, entre lagrimas e gemidos, declarou tudo.

—E não está ainda morto o villão?—perguntou D. Sueiro, concluida a narrativa.

—Morto, não: nem sei onde está.

—E póde meu tio Ruy de Nellas Gamboa de Barbedo consentir que viva o cão immundo! Um Gamboa deixar viver o raptor de sua filha!—replicou D.Sueiro.

—Que hei de eu fazer-lhe agora? é marido d’ella!...

—Antes viuva, antes perdida, antes morta!... Que ouvi eu! Christina, amada por Alexandre de Aguilar, requestada e pedida, acha-se casada com um sobrinho de carpinteiro! Ó tio! esta vergonha é insanavel!... Quem dirá que minha bisavó foi casada com o primo carnal d’um avô de v. ex.<sup>a</sup>?... Sinto, sinto amargamente dizer-lhe que não posso ser cunhado do sobrinho do carpinteiro!

—Paciencia... murmurou Ruy—Deus me leve depressa. Estou farto das affrontas dos nobres e dos plebeus. Elle roubou-me a filha, e tu Sueiro, injurias a minha dôr! Que hei de eu fazer?

—Esmagar o verme!

—Valha-te Deus! não se esmagam assim homens! Os tempos são outros, meu sobrinho. A plebe agora tem a força, e nós temos o direito.

—E a força! Vá lá um plebeu requestar irmã minha!... Não verá mais sol nem lua! Juro-lh’o sobre...

D. Sueiro, como não visse á mão sobre que jurar, calou-se, e expediu um

grunnido, como usam os bravos, que parecem tirar a valentia da garganta. E proseguiu:

—Já estarão casados?

—De certo estão ha tres dias.

—V. ex.<sup>a</sup> deu o consentimento?

—Nem dei, nem deixei de dar... Callei-me, farto de ouvir as lastimas d'um bom moço, que aqui veio...

—E houve sacerdote indigno que os recebesse sem licença legal e canonicamente escripta?

—O sacerdote é meu afilhado, ordenado á minha custa, nomeado por minha intervenção na igreja onde se receberam.

—Pasma!... pois... ó sacrilegio da amisade! o crime inaudito! Padre João, aquelle sarrafaçal de padre ousou sanctificar e legalisar o opprobrio da familia que lhe deu o pão, a sotaíne, e a egreja! Qual vingança ha ahi de tamanho crime!

Andava D. Sueiro de um lado a outro da sala, sacudindo os braços, em mental soliloquio. Ruy amparava a cabeça entre as mãos, pozera os cotovellos no peitoril da janella, e olhava, sem o ver, para um macisso de murtas do jardim. As apostrophes irrisorias do sobrinho callaram-lhe no animo, a ponto de o irem contra o vigario de S. Julião. Monologando comsigo, dizia:

—D. Sueiro tem razão. O padre, devendo ser o primeiro a embaraçar o casamento, não só m'o mandou aconselhar como necessario, mas ainda por cima me pediu e instou licença para casal-os. A ingratidão é flagrante! O villão bandeou-se com o outro da sua estôfa. São uns pelos outros estes filhos do nada! Se elle me fosse grato, restituia-me a minha filha, e affugentava o raptor. Longe d'isso, agasalhou-o, sustentou-o, e recebeu-o como se eu lh'o recommendasse!... Tem razão D. Sueiro! O padre merece castigo! Não basta expulsal-o eu para sempre de minha casa: hei de reduzil-o a viver da esmola da missa, se não poder caçar-lhe o exercicio das ordens.

E continuou em voz alta:

—Dizes bem, meu sobrinho: o padre é um refalsado ingrato! Ha de ser punido.

—E o troca tintas?

—Casimiro?

—Sim, o pêrro, o sobrinho do carpinteiro?

—Já disse que é tarde para o mandar castigar.

—Deixe-m'o por minha conta, tio Ruy. V. ex.<sup>a</sup> não tem filho que lhe vingue as cans; mas aqui está o braço indomavel do seu sobrinho.

—Não approvo—disse o velho—Estão casados. Já me não poupo á vergonha de receber em minha casa a viuva do homem abjecto. É tarde para remedio. O sangue já não lava a nodoa.

—Nodoa eterna!—acrescentou D. Sueiro de Aguilar.

—Seja o que Deus quizer!—Está visto que regeitas a esposa que pediste, meu sobrinho. Ficaremos em paz; eu com ella, e tu com a tua dignidade limpa. Mas olha que és injusto! Minha filha Guiomar está innocente no delicto de Christina. Faz o que quizeres. Escolhe-a mais rica; mais fidalga difficilmente a acharás em Portugal.

—Sei que é minha prima!—disse modestissimamente o fidalgo de Miranda, e ficou alli, por não ter mais que dizer a tal respeito. Uma prima dos Alarcões Parmas d'Eça não podia ser mais nada em materia genealogica. A D. Guiomar, porém, entre as qualidades dignas de seu primo, sobrava-lhe a de ser tôla, com uns longes de idiota.

O ajuntarem-se estes dous era preordenação, não direi do alto para declinar a influencia divina de sobre as parvoçadas que se fazem n'este globo; mas, predestinação, isso era, se alguma ha n'esta cousa de encontros e desencontros, que os poetas mirificamente explicam.

E tanto assim era que, n'aquelle mesmo dia, D. Sueiro, vindo de passeio com D. Guiomar affectuosamente disse ao tio que, apesar de tudo, seria seu genro, com a resalva de em sua casa nunca mais se proferir o nome de Christina.

Concordes n'isto, afanaram-se logo em aviar os preparativos. D. Sueiro d'Aguilar foi dispor suas cousas a Miranda e Ruy de Nellas enviou ao Porto o

a Aguardar por dispor suas cousas a vontade, e Ruy de Nellas enviou ao fidalgo o feitor á compra do precioso enxoval.

Natural seria que o velho, contente e distrahido, perdoasse ao vigario de S. Julião, ou esfriasse no ardor vingativo até esquecer o ingrato, e desprezal-o fidalgamente.

Assim não foi. A natureza vai tão falsificada que já me quer parecer que andamos a chamar natureza a tudo que é arte: arte, digo eu, synonymo de manha, ardil, malicia e obra de satanaz.

Escreveu Ruy de Nellas ao seu procurador na Guarda, accusando o vigario de S. Julião da Serra. Foi padre João chamado á camara ecclesiastica para responder sobre o casamento irregular de Casimiro Bettencourt e D. Christina de Nellas. Ingenuamente relatou o vigario que os casara com a licença vocal do pai da contrahente. Redarguíram-lhe que era apocrifa a licença, e d'alli sem averiguações o suspenderam do exercicio parochial.

Padre João, antes de recolher á vigararia para fazer entrega dos livros á posse do novo pastor, foi a Pinhel, e serenamente bateu ao portão do fidalgo.

Os creados receberam-o com má sombra, e um foi avisar o amo, e voltou dizendo:

—O fidalgo não lhe falla. Vá-se o sr. padre em paz, que o amo, se o vê, vai-lhe ao espinhaço.

—Diga ao sr. Ruy de Nellas que seu afilhado vem pedir-lhe perdão, e explicar o seu procedimento.

O servo, vencido pela humildade, voltou ao amo, e trouxe esta resposta:

—Que lhe não perdôa, nem quer ouvir explicações.

—Um de vm.<sup>ces</sup>—replicou o manso vencedor do Evangelho—faz-me o favor de lhe entregar uma carta?

—Entrego eu, disseram quasi todos.

—Volto já.

Sabem o padre e o escrivão na primeira tenda que se lhe prestou. Dizia assim o



saiu o padre a escrever na primeira tenda que se lhe prestou. Dizia assim a carta:

«Meu bom padrinho consentiu verbalmente que eu casasse a sr.<sup>a</sup> D. Christina com Casimiro?

«Consentiu.

«Meu padrinho requereu a suspensão das minhas funções parochiaes, allegando a irregularidade d'aquelle casamento?

«Requereu.

«Devia fazel-o?

«Cito perante Deus a consciencia de meu padrinho.

«Se procedi mal, peço perdão. Se procedi bem, Deus me ampare. De v. ex.<sup>a</sup> afilhado, capellão e servo.

*João.»*

Ruy leu a carta com arremesso, e releu-a com brandura. A sua consciencia estava deante de Deus. O juiz era inexoravel, e o velho supersticioso, talvez. Tremia, e queria fugir de si proprio. Carregava-lhe no peito a mão ferrea da justiça divina, e abafava-o. Ruy chamou o creado, e mandou entrar o padre. O padre, porém, entregára a carta, e sahira caminho de Villa Cova.

Deixemos o delinquente a resolver-se no inferno que se abriu com a mão iniqua, e sigamos o homem de animo inteiro, o humilde triumphante.

Chegou a Villa Cova de rosto alegre, e disse:

—Certamente, Ladislau, não te enganaste com as palavras de meu padrinho, respeito ao casamento da filha?

—Não me enganei; foram estas: *casem; mas que eu os não veja mais*. Porque m'o perguntas?

—Fui suspenso de vigario, a requerimento do sr. Ruy de Nellas.

*Mas estás em paz contigo e com os teus deveres*

—mas estas em paz comigo e com os teus deveres.

—Estou.

—Então descança na tua casa, meu irmão. Fica ao pé de tua irmã. Villa Cova, sem padre, está como viuva saudosa e inconsolável. Os teus parochianos já te amavam: paga-lhes o amor ficando entre elles. Virá outro vigário enviado pelo governo; e tu serás o enviado de Deus. Ambos são necesarios. E tu para mim, e em minha casa, és o cumulo de felicidade.

—Ficarei e trabalharei—respondeu padre João.

No dia seguinte, chegou á residencia de S. Julião da Serra outro pastor. D’ahi a curto espaço, estava o adro a transbordar de povo. A noticia chegou aos campos, e os agricultores ergueram mão da sáfra, e accorreram ao presbyterio.

Feita a entrega de livros e utensilios da igreja, padre João sahiu ao adro, e disse:

—«Meus amigos, como no pouco tempo, que vos parochiei, não houve espaço de mostrar meus vicios, saio de entre vós sem deixar má nota, escandalo, ou desamor. Como fostes rebanho de um pastor santo, que me antecedeu, achei-vos doces, bons e virtuosos. Edifiquei-me entre vós, e aprendi a crer na influencia de um bom parochio. Creio que a vontade do Altissimo é que os vossos pastores no futuro não destruam as boas obras dos passados. Elles semearam; vós sois o fructo, e de vós hão de fructear mais gerações. E, por isso, é fé minha que o vigário novo terá o espirito dos antigos. Sêde com elle o que fostes comigo. Ficai com Deus.»

Os ouvintes abraçaram-o em tropel, debulhados em lagrimas; e elle, ensopando com as suas a manga da batina, encostou-se ao hombro de Ladislau, e caminhou para Villa Cova.

Á mesma hora, Ruy de Nellas, humilhado pela consciencia na batalha com o orgulho, escrevia ao procurador, mandando-o que fosse ao paço episcopal e encarecidamente solicitasse o pôr pedra sobre o processo contra o padre vigário de S. Julião da Serra, e levantar-se a suspensão. E desculpava a mudança de seu animo, com ter-se lembrado que déra verbalmente a licença, e o padre, em virtude d’isso, procedera regularmente. Encarecia em termos afflictos os seus escrúpulos e remorsos, pedindo a maxima brevidade no levantamento da suspensão, e retirada do novo vigário.

Ora vejam que alavanca de ferro a prostrar um soberbo, foi a humillima carta de padre João! Estas victorias dá-as o Evangelho; e as bandeiras triumphaes são estas. Que é vencer Cezar a Pompeu, ou Scipião a Annibal? Que é Roma armada avassalar o mundo? Que é Napoleão devastando reinos e homens á frente de milhões de escravos? Dobrar o orgulho de um homem, quando se lhe pede perdão d'um inventado aggravo, isso sim é que é vencer. Qual philosopho, antes do divino Christo, ensinou a citar ao tribunal do juiz supremo a consciencia d'um mau, e fazêl-o ahi accusar-se, dobrar-se, condemnar-se, e reparar o ruim feito, a affronta, a injustiça?

Alguns dias passados, padre João Ferreira era restituído á posse da igreja, visto que ultteriores informações abonaram a regularidade do matrimonio accusado indevidamente.

O povo da freguezia exorbitou da sua costumada prudencia, saltando por cima das admonendas do seu vigario. Os mais entusiastas fizeram fogueiras como em noute de S. João, e correram a freguezia com esturdias instrumentaes, e foguetes de lagrimas. Cotizaram-se seis lavradores abastados para celebrarem o successo, n'um aprazado domingo, mandando fabricar um balão na Guarda, e comprar na botica os ingredientes para a ascensão, com grande copia de girandolas e quantas invenções pyrotechnicas se achassem na Guarda e Vizeu afóra a musica de Pinhel. O vigario empenhou rogos e authoridade em demovêl-os; porém, como os visse inquebraveis no intento, chamou elle artificiosamente a si o dinheiro destinado ás festivas despezas, obrigando-se a fiscalisal-o do melhor modo.

Chegou o domingo aprasado. Logo de madrugada os lavradores foram á residencia do vigario a tomar conta dos objectos que deviam ter chegado no sabbado. Padre João mostrou-lhes uma arca de pinho, e disse:

—O balão, que ha de chegar ao céu, já ali está n'aquella arca.

Os lavradores quizeram vêl-o mas o padre differiu para as onze horas desencaixotar o balão que havia de chegar ao céu.

—E os foguetes?—perguntaram elles.

—Tambem chegam logo, e hão de ser todos de lagrimas.

—E a musica?

—Vem tambem; e ha de ser musica de anjos.

Os parochianos encararam-se mutuamente e murmuraram:

—Anda aqui marosca!...

No fim da missa do dia, por volta de onze horas, o vigario assomou no arco da igreja, tirou de entre os colchetes da batina um papel, onde eram inscriptos os nomes de doze velhos pobres e doentes da freguezia. Á proporção que os ia chamando, os velhinhos sahiam de entre a multidão e collocavam-se em frente do vigario.

Chamado o duodecimo, que subiu amparado por dous netos, o padre mandou conduzir da sachristia para o arco da egreja a arca de pinho, que os lavradores tinham visto na casa parochial. Abriu elle a caixa, e foi tirando e repartindo por cada um dos doze pobres uma roupa inteira de pantalona, colete, e véstia de saragoça. Os velhos recebiam com mãos tremulas a esmola, e murmuravam palavras de benção, e alimpavam os olhos turvos de lagrimas para verem o seu remedio do proximo inverno. Finda a repartição, o vigario, procurando com os olhos os lavradores cotisados para a funcção, disse-lhes:

—Aqui está, meus amigos, o balão que chega ao céu; ali tendes no rosto d’aquelles anciãos invalidos e doentes, as lagrimas, que são lagrimas de graças ao Senhor e de gratidão a vós. Haveis de confessar que as lagrimas dos foguetes são menos brilhantes e consoladoras. Quanto á musica, dir-vos-hei, meus bons amigos, que os anjos do céu assistem com suas musicas a esta vossa festa. Se fiscalizei mal os vossos trinta e seis mil réis, accusai-me para eu vol-os repôr.

Disse, e logo um, e todos os lavradores lhe foram beijar a mão; e os pobres, a não serem retirados brandamente, iriam beijar-lhe os pés.

Ao meio dia em ponto, no sobrado da residencia, estava posta uma mesa com treze pratos. Na cabeceira sentou-se o vigario, e os doze pobres já lavados e vestidos, lateralmente. O jantar viera cosinhado de Villa Cova: o bodo aos pobresinhos fôra devoção de Peregrina.

Ladislau e sua mulher serviram os convivas, um de cada lado, já partindo em pequeninos bocados a ração de cada pobre, já ministrando-os á bôcca do mais intrevado que se não servia de suas mãos.

Em redor da meza, de pe, silenciosos, e com que arrobados n'aquele espectáculo santo, estavam os principaes lavradores da freguezia. Por vezes, uma ou outra voz, mal desabafada das lagrimas, murmurava:

—Louvado seja o Senhor!

E, cada lavrador enxugava os olhos.

Concluido o jantar, ergueu-se o sacerdote, e deu graças a Deus, em voz alta; e, ao sahir da meza, proferiu estas palavras:

—Louvemos o Altissimo porque nos deu coração para sentirmos as alegrias da caridade. Esta virtude, que commove até aos prantos consoladores é a sombra dos contentamentos da bemaventurança. Meus amigos, a vossa festa acabou; mas eu espero em Deus que haveis de vê-la continuada no céu.

---

## IX

### D. Alexandre é espalmado

Decorreram dez mezes sem successo digno de menção, a não ser o nascimento do primogenito dos bemaventurados de Villa Cova. Recebeu na pia baptismal o nome de seu avô, sob cuja egide os paes o offereceram. Foi padrinho o vigario, e madrinha D. Christina, representada pela velha Brazia, a creada octogenaria, que já não morre sem o contentamento de pôr as mãos no neto do santo, que ella conhecêra creança. E, com este espirital parentesco, pagou Ladislau os setenta annos de companhia da sua serva.

Casimiro Bettancourt cursava o primeiro anno mathematico, e era furriel de infantaria. Continuava a viver retirado da mocidade, excepto d'aquelles que o procuravam como auxiliador na interpretação de suas lições.

Um d'estes disse-lhe, uma vez, que, no curso de leis, andava um rapaz provinciano, que detrahia publicamente Casimiro Bettancourt.

—Que diz elle de mim?—perguntou Casimiro.

—Miserias...

—Que são miserias?

—Diz que tu és sobrinho de um carpinteiro.

—Isso é verdade: sobrinho de um honrado carpinteiro. Que mais diz? Vamos ás *miserias*...

—Que roubaste a senhora com quem és casado.

—Tambem é verdade. Fugimos para nos casarmos. Que mais?

—Diz que pagaste assim indignamente os beneficios que devias ao pai d'ella.

—Não procedi bem; mas todo o homem de coração me ha de absolver. Como não a amei nem a raptei por ella ser rica, e não vivo nem pretendo viver do patrimonio d'ella, a minha dignidade é invulneravel.

Isso não diz elle... mas eu ainda te não disse quem elle é...

—Já sei: é D. Alexandre de Aguiar Vito de Alarcão Parma d'Eça.

—É isso.

—Que diz elle em contrario do que eu affirmo?

—Que tu vives do producto das joias, que tua senhora subtrahiu ao pai.

—Mente!—disse serenamente Casimiro, e accrescentou:—Não quero ouvir mais. Ouviram-lh'o muitas testemunhas?

—No botequim da Rua-larga. Eramos mais de vinte rapazes, e passavas tu n'essa occasião.

—Se desejas servir-me...

—Se desejo!... Quebro-lhe a cara, se isso te apraz.

—Não, meu amigo. Eu sou um homem como elle. O que eu te peço é que tomes nota das pessoas que ouviram a calumnia, para mais tarde pedires a presença d'ellas.

—Facilmente: eu te digo os nomes... Eram...

—Escuso. Basta que tu saibas. São horas de estudarmos a lição.

E abancaram tranquillamente.

Volvidos oito dias, Casimiro Bettancourt disse ao condiscipulo:

—Amanhã é sabbado. Peço-te que reunas ás seis horas da tarde, no botequim da Rua-larga, os teus amigos, caso aconteça lá ir D. Alexandre de Aguiar.

—Vai sempre: das oito horas em diante está embriagado.

—Com tanto que não o esteja ás seis...

—Isso é raro. Quando o está ás seis, é porque já se tinha embriagado ás tres.

*Optimal Espere-me lá*

—Opiumo! espera-me lá.

Este dialogo correu na alamêda fronteira á casa. O academico escondia-se de sua mulher.

No seguinte dia, disse Casimiro a Christina:

—Depois de jantar, vou ver um condiscipulo doente. É a primeira tarde que passas sem mim, filha.

—É verdade!...

—Mas não has de soffrer, não? A saudade é uma companhia.

—Dizes-me isso com ar tão triste, Casimiro?

—É a saudade, minha querida!

—Pois não vás.

—Prometti ir; mandei-lhe dizer que ia...

—Deixa-me ver os teus olhos...—exclamou ella aproximando-se de golpe.

—Que tem os meus olhos?!

—Lagrimas! tu choras, Casimiro!

—Não...

—Um segredo! um segredo para a tua Christina!

—Serei eu um fraco!—disse elle como a si proprio, imaginando-se sósinho.

—Fraco por chorar? Se não tens razão, és... mas tu, Casimiro, nunca assim te vi!... Não sahirás hoje mais... juro-t'ó.

—Não jures, filha, que hei de sahir...

—E dizes-m'ó assim com esse imperio!?

—É a honra...



—A honra!... Tu não vaes ver um condiscipulo doente.

—Não. Menti-te, Christina. Perdôa-me.

—Pois que é?!—atalhou ella sobressaltada.

Casimiro relatou exactamente o facto descripto, mostrou umas cartas recém-chegadas de Villa-Cova, e perguntou:

—Devo ir, Christina?

—Vai!—exclamou ella—Vai, já que eu sou mulher!

E momentos depois, porque era mulher, abraçou-se n'elle, e soluçou:

—Ó Casimiro!...

—Quê, filha?

—Sê prudente, sim?

—Recommendas-m'o a mim?! Não viste que eu soffri oito dias, em silencio, a affronta!?

E desprendeu-se dos braços d'ella.

Entrou no botiquim da Rua-larga com tão pacato semblante, como se ali não fosse para mais que aligeirar as horas felizes da mocidade.

Os que o conheciam encararam em D. Alexandre de Aguiar.

O fidalgo de Miranda não conhecia Casimiro. Viu aquelle sugeito fardado de infantaria 6, e disse:

—Isto é já botiquim de soldados?

—É um academico: o primeiro premiado de mathematica.

—É aquelle—ajuntou outro—de quem tu contaste as proezas casamenteiras.

—Ah! o sobrinho do mestre Antonio! lá me quiz parecer que devia ser furriel.

Isto fôra dito, muito á puridade, aos circumstantes, que não se riram.

O amigo de Casimiro aproximou-se da meza e disse-lhe:

—Estão todos.

—D. Alexandre como visse esta aproximação, ponderou:

—Elles conhecem-se?!... Quem é este academico, que lhe falla? este que chamam Vilhena?

—É filho segundo de uma casa distincta de Braga.

—Cuidei que fosse filho primeiro de algum chapeleiro de Braga...

Casimiro pagou a chavena de café, ergueu-se e foi a passo mezurado á banca de D. Alexandre.

O fidalgo encarou n'elle, e logo nos circumstantes, como quem diz: «que quer o tolo?!»

E os academicos que, formavam cerco á meza, abriam fileiras ao lado, arrastando os bancos.

Bettancourt fez um gesto cortez aos rapazes, e disse:

—O senhor D. Alexandre de Aguiar conhece-me?

—Se o conheço...

Casimiro fez um gesto de cabeça affirmativo.

Conheço-o de o ver agora ahi, e dizerem-me quem o sr. é.

—Que sabe o sr. da minha vida?—tornou Casimiro.

—Que sei da sua vida?!

—Dispensem o ecco, sr. D. Alexandre. Quem pergunta sou eu. Que sabe da minha vida?

E se eu lhe disser que não lhe dou satisfações? Agora sou eu quem pergunta

—E se eu me disser que não me dou saudades? Agora sou eu quem pergunta.

—Respondo-lhe que o sr. é um infame, e depois arranco-lhe a lingua.

O fidalgo Alarcão Parma d'Eça ia a dizer o quer que era, e engasgou-se.

Casimiro Bettancourt continuou no mesmo tom de serena conversação:

—Disse v. ex.<sup>a</sup> que eu era sobrinho de um carpinteiro. Disse verdade. Que eu raptara uma senhora, cujo marido sou. É certo. Ajuntou que eu estava vivendo das joias, que minha mulher roubára a seu pai. Mentiu. Vejo que esta palavra não inquieta grandemente o sangue azul de v. ex.<sup>a</sup> Ainda assim, quero imaginar que o sr. D. Alexandre me pede provas da sua aleivosia.

Tirou Casimiro do bolço interno da fardêta duas cartas. Abriu a primeira, lançou-a sobre a meza, e disse:

—Conhece essa letra?

—Conheço—respondeu D. Alexandre—é de meu tio Ruy de Nellas Gamboa de Barbedo.

—Pai de minha mulher—ajuntou Casimiro, voltando-se aos academicos circumpostos; e fallando para elles, continuou:

—Como eu soubesse que o sr. D. Alexandre me alcunhava de receptor dos furtos de minha mulher, escrevi a um homem de bem, pedindo-lhe que se apresentasse ao sr. Ruy de Nellas, meu sogro, perguntando-lhe se sua filha, no acto da fuga, subtrahira de casa algum objecto de valor, e o declarasse por escripto. Esta segunda carta é a resposta da pessoa encarregada; e diz:

«O correio só dá tempo a dizer-lhe que o sr. Ruy de Nellas, apenas me ouviu, e escreveu a declaração que contheuda remetto, e mostrou-se espantado de que a calumnia propale o que elle nunca disse; e de o não ter dito m'o jurou pela alma de sua mulher, e honra de suas filhas. Sem mais. Seu amigo, *P. João Ferreira*.»

—Leia-a agora o sr. D. Alexandre a declaração de seu tio.

—Leia-a o senhor!—bradou com grande esforço de falsa coragem o calumniador esmagado.

—Leia-a!—tornou Casimiro com um lançar de olhos fulminante.

O fidalgo tomou o papel nas mãos convulsas, e deixou-o logo cahir.

—A covardia cega-o!—disse Casimiro sorrindo—Algun dos cavalheiros tem a bondade de ler?

O mais chegado de D. Alexandre leu o seguinte:

«Ruy de Nellas Gamboa de Barbedo, de Pinhel, declaro que minha filha Christina Elisiaria, não subtrahiu de minha casa valor algum, nem os seus proprios vestidos e addresses, quando fugiu para casar-se com Casimiro Bettancourt. E por isto ser verdade, mui espontaneamente, e com juramento aos santos Evangelhos o declaro agora e sempre. Pinhel, 22 de abril de 1839.—*Ruy de Nellas, etc.*»

—Está reconhecida a assignatura?—disse Casimiro.

—Está—respondeu o estudante, que lera—E quando não estivesse já o sobrinho a tinha reconhecido.

—Isso não valia nada—tornou o furriel.—Nenhum dos cavalheiros prestaria fé ao reconhecimento do sr. D. Alexandre de Aguiar. Declare, pois, o sr. D. Alexandre que mentiu infamissimamente e offereça a cara para que todos lhe cusпам n’ella.

O fidalgo ergueu-se, e bramiu:

—O senhor!...

—Que mais?—perguntou Casimiro.

—Insulta-me?

—Não. Obrigó-o a sentar-se, que me incommoda vel-o de pé.

E, dizendo, baixou-lhe no alto da cabeça uma palmada, que effectivamente o fez apoiar-se sobre as ilhargas.

E, voltando-se com rosto faceto aos academicos disse:

O estudante foi feito um a um, e todos os cavalheiros se offereceram a

—O espectáculo foi reio, que o miseravel nao da sequer um sorriso truaio com medo. Agradeço a attenção dos cavalheiros, mórmente com o sobrinho de um carpinteiro, que, por não ser nobre tem vontade de ser honrado.

Sahiu do botiquim acompanhado de quasi todos os estudantes. Os poucos, que ficaram como petrificados, por não saberem que dizer a D. Alexandre de Aguiar Vito de Alarcão Parma d'Eça, retiraram-se cabisbaixos.

Casimiro estugou o passo, caminho de Santo Antonio dos Olivaes, e encontrou a esposa anciada, fóra de casa.

Contou-lhe, sem fatuidade, o essencial do acontecido, e reservou o facto da monumental palmada na cabeça. O delicado moço julgou melindrar sua mulher, dizendo-lhe que castigára com a mão um seu parente.

Foi o successo estrondosamente contado e applaudido em Coimbra, tanto porque era de razão applaudil-o como por ser no tempo em que a mocidade academica, popular e burgueza na maxima parte, desadorava os fidalgos castellãos, e não perdia lanço de os metter a riso.

D. Alexandre, no dia seguinte, foi para Miranda, em busca de romanso e solidão para pensar na vingança de covarde, que não podia já ser de outra natureza.

Vamos no rasto d'este reptil.

O extraordinario da chegada do estudante, quando as aulas estavam abertas e os actos não começados, devia ser de algum modo explicado a D. Sueiro e á parentella alvorotada. Contou elle que tinha tosse; e o caso foi que tossiu. O medico da casa apalpou-o, auscultou-o, e decidiu-se pela tosse, em concordancia com a faculdade medica de Coimbra, que mandára a ares patrios o mancebo, ameaçado de coisa séria. Em verdade, a pertinacia da embriaguez reduzira D. Alexandre a um viver morbido, asthenico, e analogo ao do ethico; e já não admira que a palmada capital do sadio Casimiro o fizesse sentar.

Suppunha D. Sueiro que o casamento de Christina era muita parte na doença do irmão, e curava de remediar o mal de amor com os amores novos da cunhada que tinha em casa, galante menina, Mafalda de nome. Era a vigessima nona Mafalda n'aquella familia de Pinhel. Entrando n'este numero a santa infanta Mafalda, fundadora do mosteiro de Arouca, irmã de D. Affonso II, que tambem era da familia, pelos modos, e sem duvida nenhuma.

Se a menina o amava não sei, nem averigui, por ser demais na pauta d'este escripto; o que me consta é que D. Alexandre, tão adentrado estava com os seus calculos de vingança, que não dava pela prima, nem se lisongeava do seu amor.

A unica pessoa de Miranda, com quem se abria o fidalgo, era um desertor de cavallaria, muito dos Alarcões, especie de molosso da casa, sob cujas telhas estava a seguro.

As intelligencias de D. Alexandre com o desertor são obvias; curava de comprar-lhe o braço vingador; mas, tão em segredo, que nunca viesse á luz a sua segunda ignominia.

Conchavaram-se de barato. D. Alexandre daria ao desertor basta quantia a transportal-o ao Brasil, e o desertor, em mesquinha paga de tamanho beneficio, mataria Casimiro Bettencourt.

N'este accordo, pediu D. Alexandre ao morgado que lhe deixasse levar como creado o desertor, visto que a plebe academica se bandeara contra os estudantes fidalgos e devotos da causa vencida. Annuiu promptamente o irmão, contente de vêr que D. Alexandre recobrava côres, e olvidara Christina.

Abertas as aulas voltou o moço á Universidade, com o seu vingador, por tal arte disfarçado, que dava de si um rustico cavallariço, incapaz de fazer mal a folego vivo.

Os amigos dos annos anteriores fugiam-lhe, e novos nenhum lhe apertava a mão. O opprobrio do fidalgo era ainda materia de ociosos, revivido com a sua presença.

Preoccupava-o a traça de fazer conhecido Casimiro ao seu matador: cousa não facil na multidão de mil e tantos moços, entre os quaes raro se via o solitario de Santo Antonio dos Olivaes.

O solcito confidente de D. Alexandre tomou sobre si o encargo de conhecer Casimiro, e esperava tiral-o pelas feições que lhe vira em Pinhel, quando elle era mocinho de quinze annos.

N'este intento, foi como de passeio a Santo Antonio dos Olivaes; e, logo por fortuna, ao dobrar o combro de uma azinhaga, viu um sujeito de farda militar com uma senhora pelo braço.

—Cá está o homem!—disse entre si, e deteve-se a examinal-o, sem attentar em Christina, que o examinava a elle. Casimiro, por sua parte, nem deu tento do reparo do caminheiro.

Ora, Christina tinha visto aquelle homem em Pinhel, recebêra da mão d'elle uma carta de D. Alexandre, e lembrava-se de ter ouvido dizer ao primo D. Sueiro que aquelle soldado de dragões era o seu guarda fiel, e com elle iria ao inferno atacar Satanaz.

O desertor, porém, olvidou-se-lhe Christina, e nem por sombra imaginou ser reconhecido.

A senhora estremeceu... e duvidou. Já elle se havia sumido, quando ella disse:

—Acautella-te, meu filho!

—De quê?

—Vi agora um creado dos de Miranda... Não póde deixar de ser elle... Veio com o Alexandre, e anda a espreitar-te.

—Que tem isso, Christina?

—Tem, que elle é um malvado... Ai meu Deus! d'aqui em diante não tenho momento de socego! Queres que nos vamos embora d'este ermo? Aluga casa na cidade. Pódes ser assaltado no caminho. Tu és valente, meu Casimiro; mas d'uma traição ninguém se livra!

—Os prevenidos livram-se—atalhou Casimiro.—Não vejo causa para mêdo; mas, se has de viver inquieta, mudemos, filha.

—Sim: faz-me isso, que é annos de vida que me poupas!

Andava Casimiro em procura de casa, quando recebeu a seguinte carta de Ladislau:

«Meu compadre. Vai ser surprehendido com a minha petição, á qual subscrevem minha mulher e meu cunhado. Logo que esta receber, metta-se a caminho com a sua senhora, e venham direitos á sua casa de Villa Cova. Iremos os tres esperal-os a meio caminho. Perder um anno da Universidade não faz implicancia á sua futura sorte, se ella tem de ser boa. Esperamol-os; porque não posso acreditar que meus compadres faltem ao seu *Ladislau*.»

Casimiro leu, e disse:

—Vamos, e vamos hoje.

---



# X

## A victoria d'uma creancinha

D. Mafalda de Nellas, voltando de Miranda a Pinhel, trazia a escalavrar-lhe o coração o espinho do despeito. Isto não induz a liquidarmos que a menina amasse o primo D. Alexandre. O despeito das senhoras basta a explical-o a indiferença mesma dos homens que ellas desamam.

Como quer que fosse, Mafalda saíra de Miranda, odiando o cunhado de sua irmã, no dia seguinte ao da ida d'elle para Coimbra.

Eis aqui o que ella contou ao pai, logo que chegou:

—Estava eu n'uma das grutas da quinta, quando o primo Alexandre, sentando-se, sem me vêr, nas costas da gruta, deu um grande assobio. Fez-me curiosidade aquillo, e estive quieta para vêr o que sortia d'ali. Pouco depois, chegou um homem de grandes barbas, que eu já tenho visto em nossa casa, em companhia do mano Sueiro.

—Bem sei, o desertor—atalhou o pai.

—É isso: eu já tinha ouvido lá dizer á mana, que elle era desertor.

—E depois?

—Depois o primo, assim que elle chegou, disse-lhe:—Olha que vaes commigo para Coimbra. Está decidido—e o desertor respondeu: «Pois isso é que é preciso!»—Mas vê se aparas essas barbas, que tens cara de facinora—disse o primo—eu tenho medo que, em apparecendo morto o Casimiro, todos digam que foi obra do meu creado.—Eu quando tal ouvi comecei a tremer, e tive medo d'aquelle homem! Quiz dizel-o á mana Guiomar; mas ella falla tão mal do Casimiro e da mana Christina, que julguei imprudente dizer o que ouvira.

—E depois?—atalhou o velho com inquietação.

—Depois, estiveram a fallar em facadas e tiros. E o desertor dizia: «são dous palmos de ferro, fidalgo.» E tirou da algibeira uma navalha, que relusia, e tamanha, meu pai, como eu nunca vi! Ainda disseram mais coisas que não me

lembram, e foi cada um para seu lado. Ó papá, elles irão matar o marido da mana Christina? Coitado!... por que é que o matam?

—Dá me papel e tinteiro, e um creado que apparelhe o macho para ir immediatamente a um recado.

Ruy de Nellas escreveu esta carta.

«Sr. Ladislau. Sei que alguém intenta matar em Coimbra o marido de Christina. Ha tres dias que para ali partiu o assassino ou assassinos. Avise-o como seu amigo, para que se acautelle, ou se retire. Eu aborreço os infames, e as vinganças covardes: por isso me apresso a participar-lhe este plano, que oxalá não esteja executado, quando chegar a sua carta. Espero em Deus que não. Do seu amigo, *Ruy de Nellas.*»

O creado partiu a toda a brida.

Ladislau leu a carta em suores frios. Escreveu duas linhas de agradecimento a Ruy, e preparou-se para ir a Coimbra. Acaso entrára o vigario, e, lendo a carta, impediu de ir, allegando que o correio chegava primeiro.

Padre João e seu cunhado, sabiam os successos de Coimbra, e, sem se consultarem, nomearam D. Alexandre.

—Casimiro está vivo—disse com firmeza o padre.

—Quem n’ol-o assevera?!—perguntaram Peregrina e Ladislau.

—É o raciocinio. Alexandre é incapaz de matar de rosto ou á traição. Precisamente leva um sicario assalariado que eu conheço ha dez annos. Os faccinoras por estipendio são muito covardes, porque amam tanto a vida que, para sustental-a se expõem a perdel-a. Se D. Alexandre offendido vergonhosamente carece de animo para se desaffrontar, devemos crêr que ao carnifice alugado falte a coragem para accommetter o homem que o não offendeu. Além de que eu vou jurar que Casimiro se prepara contra as insidias do seu inimigo, e terá só de pelejar com um homem. Sobre todas essas conjecturas, roguemos a Deus pela vida do nosso amigo, e escreve-lhe a chamal-o em termos, que não assustem Christina.

Escreveu Ladislau a carta copiada no anterior capitulo; e, no dia seguinte, sahiram de Villa Coxa, e á segunda jornada, pernoveram em Coimbra. Dois dias

sainham de Villa Cova, e, a segunda jornada, pernoveram em Gouvea. Dous dias depois chegaram Casimiro e Christina.

A esposa de Ladislau, para abraçar sua comadre, pousou sobre o leito a creancinha que lhe adormecêra ao seio.

Christina, porém, como se não visse o fervor da amiga, ajoelhou á beira do leito, e beijou soffregamente o menino, que sorria aos affagos de algum anjo. Era bello de verem-se todos cinco, em redor da creança, como se para outro fim se não reunissem! Parece que ella lhes estava dizendo: «Distrahi vosso espirito de dores, que eu estou pedindo a Deus que vos defenda.»

Peregrina pôde furtar as caricias de Christina, tomando-a para si com força.

—Estava a invejar-te, minha comadre!—disse a esposa de Casimiro—mas olha, não devo invejar-te, não!...

E disse-lhe ao ouvido breves palavras, explicadas pela exclamação de Peregrina:

—Sim? e não m’o tinha dito!... que ditosas seremos com os nossos filhinhos!

O vigario sorriu-se, e murmurou:

—Não ha creanças mais creanças que as mães! Estas alegrias raras vezes lh’as recommçam depois os filhos!...

Casimiro concentrou-se tristemente, e Christina disse:

—Não fallem em mãe diante de meu marido, por quem são!

—Fallem, fallem—disse Casimiro—que eu tenho de encontral-a no ceu pelo muito que a desejei n’esto mundo.

E, tomando o braço de Ladislau, chegou a uma janella, e perguntou:

—Que é isto? Que significa esta chamada?

—Não m’o pergunte diante de sua senhora.

—Porque não? ella é forte. Se um dia me fraquearem os esteios da honra, minha mulher ha de fortalecer-m’os. Diga, meu compadre.

Ladislau mostrou a carta de Ruy de Nellas; e Christina, ouvindo-a ler, exclamou:

—Não te disse eu?... Era o desertor ou não?

—Era o desertor—respondeu o vigário.

—Pois sabia?—acudiu Christina.

—Disse-m'o a razão e a pratica dos *valorosos barões* de Miranda. V. ex.<sup>a</sup> viu-o?

—Vi: mostrou-m'o o nosso anjo da guarda!... E meu pai é que te avisa, Casimiro! Quem me déra poder beijar-lhe a mão!

—Seu pai é um homem de bem ás direitas, minha senhora—disse o vigário—Seria um modêlo de virtuosos, se os preconceitos de raça o não molestassem. Porque não ha de v. ex.<sup>a</sup> ainda beijar-lhe a mão? Esperemos.

—E agora?—disse Casimiro—que querem de mim? Será airoso que eu me vá esconder a Villa Cova das iras de D. Alexandre?

—É dever de marido e pai fugir o perigo—disse Ladislau—Sabemos que lhe sobra animo; porém agora, quer-se e requer-se que o coração seja maior que o animo. Sua senhora manda; o vigário aconselha; e minha mulher e eu rogamos. Falta-lhe paciencia para viver alguns mezes na tristonha casa da serra? É assim ingrato áquella terra agreste onde desabrocharam todas as flores da sua felicidade, meu compadre?!

—Ó meu amigo, meu generoso irmão!—exclamou Casimiro, nos braços de Ladislau—Vamos, vamos para Villa-Cova. Lá sei eu que tenho segura a vida, a alegria, e sempre viçosas as flores de felicidade, que se abriram no seu nobre coração, e para mim! Não é covardia fugir. Covardes são os que não tem uma esposa, e fogem; covardes são os que não tem amigos como vós, e fogem!

—E no filhinho não fallas?—disse Christina sorrindo-lhe com incantadora meiguice.

—Não o disse eu!—acudiu o vigário—Agora, quer s. ex.<sup>a</sup> que todo o coração de seu marido esteja embebido do futuro filhinho! Valha-vos Deus, mães loucas do amor de vossos filhos, que sois capazes de ceder do coração dos maridos em beneficio dos pequerruchos, anjos purissimos a quem basta o bafejo do Senhor!

N'estas doces praticas, que eu, a mêdo, submetti á benevolencia do leitor, se passaram as horas do descanso, até ao repontar da alva, em que proseguiram sua jornada. Lá vão os felizes, escoltados por suas mesmas virtudes.

Entretanto, recebeu D. Alexandre de Aguilár a nova de ter sahido de Coimbra Casimiro Bettancourt, e o mesmo foi assoalhar, mediante alguns necessitados de sua recheada bolça, que o furriel se evadira, sabendo que ia ser desafiado a duello de morte. Correu o boato, justificado por circumstancias: a precipitação da sahida, o estarem abertas as aulas, o ignorar-se o intento da retirada, o ter dito Casimiro, na vespera, que procurava casa em Coimbra, tudo induzia a crer a atoarda molesta á reputada intrepidez do militar.

*A Vedeta da Liberdade*, jornal portuense, publicou uma correspondencia de Coimbra, em que se dizia em grypho: *que um estudante militar, appellidado Bettancourt, fugira com a mulher para se não bater com D. Alexandre de Aguilár, academico brioso, a quem, no anno anterior, insultára. E accrescentava: O tal militar é avezado a fugas: uma vez fugiu com a filha d'um nobilissimo cavalheiro, onde seu tio carpinteirava agora; fugiu com as costellas incolumes, porque o tio carpinteiro não sabe endireitar costellas quebradas.*

O jornal appareceu em Villa Cova subscriptado, a Casimiro de Bettancourt.

Casimiro leu a correspondencia em voz alta.

E Ladislau perguntou:

—Que é isso?

—É uma gazeta—disse o vigario.

—Uma gazeta?—reperguntou Ladislau.

—Sim.

—Mas... (desculpem a minha ignorancia...) como se faz isso?

—Isso que, meu irmão?

—Como se estampam esses insultos?

—Estampam-se.

—Então...—estou confuso, e vejo que me não percebem...—as gazetas servem de insultar? quem quer infamar alguém vai a casa do homem, que tem esse modo de vida, e diz-lhe: «imprima lá esse insulto», é isto?

—É isso—illucidou o padre—com o accrescento de que o dono do jornal recebe tanto por linha do insulto publicado.

Ladislau ergueu-se com nunca visto impeto de furia, e exclamou:

—Então isso é infame! e a civilização que isso consente é a barbaria, é o escarneio de Deus e das leis de nosso paiz!

Casimiro sorriu, e disse:

—A indignação de meu compadre tem graça!... A que distancia este bom rapaz vive do mundo culto! Quer elle, talvez, que a civilização esteja em Villa Cova, e a barbaria em casa do jornalista!... A gazeta, meu querido amigo, tem outra face, que o sr. vigario lhe não mostrou, e é que, se eu quizer insultar d'aqui D. Alexandre de Aguiar, o mesmo dono da gazeta me vende o espaço de seu papel, e imprime o meu insulto; e, no dia seguinte, vende o mesmo espaço para o louvor de D. Alexandre e meu. O dono d'este papel é como a estatua em que Aretino fixava as suas vaias aos reis e aos papas, n'um tempo em que papas e reis eram cousas sacratissimas e inviolaveis. Agora, que não ha nada defêso, com que direito me hei de eu queixar? Não me alistei eu no exercito que defende as instituições livres?! Seria paradoxo gritar eu contra uma alavanca do progresso, chamada nem mais nem menos que «Vedeta da liberdade»! Os homens livres passam deante da estatua de Pasquino, e descobrem-se. Assim como a discussão racional e illustrada aclara as escuridades e aplanos os empecos da ideia util, por igual razão as injurias á pessoa, os ataques á moral de cada individuo servem de o abrir, á luz da analyse, e ver tudo o que elle lá tem dentro do coração e consciencia. A licença da imprensa é uma inquisição: em lugar de fogueiras tem atoleiros de lama. Das chammas do auto-de-fé sahiram almas purificadas, no crer de alguns theologos; e da alma da imprensa desbragada devem sahir as consciencias lavadas, no entender de alguns legisladores. Sejamos do nosso tempo, meu compadre.

—Pois, sim—disse Ladislau—mas deixe-me render louvores a Deus por me ter dado o nascimento n'estas serras! Eu não cuidei que era assim o mundo. N'este ultimo anno quantas paixões más que eu não conhecia! Meu mestre decerto as

ignorava; senão, ter-m'as-ia dito. Os meus livros também m'as não disseram...

—É por que os seus livros são bons—atalhou Casimiro Bettancourt—A corrompida sociedade da Roma imperial não tinha gazetas; mas tinha historiadores e poetas. Se meu compadre os ler, imagina que maus inventores o querem deleitar com fabulas hediondas. O homem foi sempre mau; será mau até ao fim. A sociedade parece melhor do que foi, olhada collectivamente: é parte n'isto a lei, e grande parte o calculo. Cada individuo se constrange e infrea no pacto social para auferir as vantagens de o não romper: porém, o instincto de cada homem, em communidade de homem, está de continuo repuchando para a desorganisação. Eu acceito, como puros os corações formados na solidão, a não se dar a segunda hypothese do proverbio, que disse: homem sósinho, das duas uma: ou Deus ou bruto[4]. Melhor seria dizer, com Santo Agostinho, ou anjo ou demonio. Ladislau formou-se aqui, rescende virtudes extraordinarias; mas, se fôr ás cidades, á feira dos vicios, sentirá coar-lhe um veneno corrosivo nas entranhas; e, a meia volta, perderá de vista a benigna estrella d'estas suas montanhas. Ó meu amigo, não se alongue do seu paraizo! não queira saber que nome tem, a dez leguas da sua aldeia, o que meu compadre chama dever, civilisação, amor, caridade e Deus.

Os gosos da vida domestica aligeiravam os mezes da inactividade de Casimiro. Ao quinto de residencia em Villa Cova, realisou-se a ventura saudada por Peregrina na estalagem de Gouvea: Christina foi mãe de uma menina, que trouxe do céu o seu quinhão de felicidade, do qual todos participaram.

Queria o pai que Ladislau e Peregrina fossem padrinhos; mas o vigario, consoante as velhas praxes de filhos casados contra vontade paternal, pediu que fosse convidado o avô, por carta de D. Christina.

Escreveu ella com humildade sem baixeza uma carta, onde se lia este periodo:

«É uma ternura filial que me anima a escrever a meu pai: não é a necessidade que me obriga. Se sou pobre, ainda não tive occasião de sentir desejos de ser rica. O perdão de meu pai é que eu desejo e peço, se foi delicto o acto que está sendo a minha felicidade. Quizera um dia beijar as mãos de meu pai e dizer-lhe que tenho tanta vaidade em ser filha de v. ex.<sup>a</sup> como esposa de Casimiro.»

Foi lida a carta e discutida. O vigario achou duras algumas palavras d'aquelle relanço, e pediu a illisão das palavras: «*se foi delicto o acto que está sendo a*

*minha felicidade*»; bem como: «*tenho tanta vaidade em ser filha de v. ex.<sup>a</sup> como esposa de Casimiro.*» As primeiras palavras foram substituídas: as últimas não. Christina nem ao marido obedeceu.

Ruy de Nellas recebeu a carta, e leu-a sem rancor até às expressões rebeldes á censura do vigário; mas, n'este ponto, rasgou o papel e disse ao portador:

—A resposta é esta: diz lá que eu é que não tenho vaidade nenhuma em ser padrinho de um filho do sr. Casimiro.

Tal resposta magoou medianamente a família de Villa-Cova.

—É soberbo!—disse Ladislau.

—Preconceitos de raça—acrescentou o vigário.

—Não tem outra falha a excellente alma do sr. Ruy.

—Pois ha de ser padrinho da neta!—tornou Ladislau.

—Que capricho é esse, meu compadre?—perguntou Casimiro.

—Não é capricho: é batalha dada contra a soberba: havemos de amolgal-a com a brandura.

Na segunda dominga, posterior ao nascimento da menina, sahiu, ante-manhã, de Villa Cova Ladislau, uma ama de leite, e a creancinha. Chegaram a Pinhel ás nove horas, e elle entrou á igreja parochial, onde, por informações de mestre Antonio carpinteiro, Ladislau soubera que o fidalgo ia ouvir missa. A ama sentou-se no adro, e esperou, rodeada de meninos, que se acotovellavam para ver o rosado rosto da baptisanda.

Ladislau apresentou-se ao abbade, com uma carta do padre João Ferreira, e conversaram.

Ás dez horas tangeu a sineta á missa, e chegou o fidalgo com suas filhas, e foram ajoelhar na alcatifa da sua capella privativa. Antes do terceiro toque, o abbade aproximou-se de Ruy de Nellas, e disse-lhe:

—Faz v. ex.<sup>a</sup> a esmola de fazer christã uma creancinha?



—Sim, abbade, pois não!

—E de escolher a madrinha?

—Será minha filha Mafalda.

Chamou elle a menina, e acercaram-se do baptisterio.

A ama entrou com a creança, chamada pelo sachristão.

A um lado, estava Ladislau com uma tocha, escondendo-se ao lance d’olhos de Ruy de Nellas.

Ao descobrimento da menina, Mafalda exclamou:

—Ai! tão linda que é!... Veja, papá! Ó manas, venham ver que perfeição!...

—Quem são os pais?—disse o fidalgo.

O abbade, como tivesse começado as ceremonias do sacramento, não respondeu; e, pouco depois, perguntou:

—Qual é o nome?

—É o meu—disse Mafalda.

Findo o acto, foram á sachristia lavrar no livro o assento baptismal.

O abbade escreveu á vista dos apontamentos, e leu depois para conhecimento dos padrinhos:

«Mafalda, natural de Villa-Cova, termo de Pinhel, filha legitima de Casimiro Bettancourt, natural de Santarem, e da ill.<sup>ma</sup> e ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Christina Elisiaria de Nellas Gamboa de Barbedo»...

—Como?!—exclamou o fidalgo—Como se intende isto? Que abuso foi este, sr. abbade?!

Ladislau sahiu do escuro da sachristia, e disse:

—O abuso é meu, sr. Ruy de Nellas. E v. ex.<sup>a</sup> não me castiga, porque eu vou pôr

em seus braços a creancinha a implorar o meu perdão e o de sua mãe.

E tomou a menina dos braços da mãe, e depositou-a nos da madrinha, dizendo-lhe:

—Seja v. ex.<sup>a</sup> a intercessora de sua irmã!

—Dê-lhe um beijo, papá! rogou maviosamente D. Mafalda.

O velho poz a mão na face da criança, e disse:

—Não tens culpa tu, pobre innocente!...

E o abbade continuou a leitura do assento baptismal, sorrindo, e olhando por cima dos olhos, para ver Ruy de Nellas, que deixava chupar-lhe a criança no dedo mendo.

Ao saírem da sacristia, o fidalgo disse á mãe da criança.

—Vá lá a casa, depois da missa, mulher, e o sr. também se quizer.

Ladislau fez um signal de agradecimento.

Finda a missa, a menina foi levada a casa do avô. As quatro tias deram inquietações á mãe, temerosa de que lhe abafassem a criança com beijos.

Entretanto, Ladislau contava a Ruy de Nellas os successos de Coimbra e os aleives da correspondencia da «Vedeta da Liberdade».

O velho ouviu-o em silencio; mas com ar de satisfação, em quanto aos brios de seu genro no justo castigo de Alexandre; porém, quando soube que as gazetas traziam o seu nome aparelhado com o do carpinteiro, irritou-se, e clamou:

—Quando pensei eu de andar pelas gazetas!... É o que minha filha me arranjou!...

Este accesso durou alguns segundos.

Continuaram a conversar serenamente. Eram horas de partir para Villa-Cova. O fidalgo mandou entrar a afilhada, e deu-lhe um beijo, e duas peças á mãe.

E—caso unico!—apertou a mão do lavrador de Villa-Cova, e disse-lhe por

—Caso unico:—apertou a mão do lavrador de Villa-Cova, e disse-me por ultimo:

—O tempo fará o resto. É cedo por ora! A ferida sangra ainda!

—O balsamo do Evangelho, sr. Ruy de Nellas...—respondeu Ladislau, sahindo.

---

# XI

## Guilherme Lira

Seria ocioso, bem que alegre trabalho, contar os jubilos de Christina, retomando ao seio a filha, que seu pai e irmãs tinham beijado. Casimiro, homem não estranho a vanglorias, que parecem ser condição das indoles arremessadas ás glorias uteis, folgava de ver sua filha acariciada pelo fidalgo, cuja prosapia, o moço, nas verduras dos dezoito annos, sinceramente invejava. Ó barro humano!

Disse Ladislau que Ruy approvára a sahida de Coimbra, e esperava que o anno decorrido esfriasse a vingança de D. Alexandre, estando elle de mais a mais como vingado, fazendo crer que lhe fugia Casimiro. Era tambem este o parecer do vigario e de Ladislau. Casimiro, ainda assim, dizia contrariando:

—Não, meus amigos: o odio dos fracos é inextinguivel; é a unica força, a energia tenebrosa, que lhes deu a natureza.

No seguinte anno lectivo, voltou a Coimbra, com maior familia, o pobre grangeador do futuro. Doia-lhe ter de augmentar suas despesas, sahidas todas dos celleiros de Villa-Cova. Era grande magoa para o aberto coração de Ladislau entender em pacificar o espirito do seu amigo, fazendo-lhe sentir que escassamente lhe emprestava uma parte das sobras de suas colheitas. E santamente mentia Ladislau! A sua lavoura, comquanto grande, era toda de cereaes, vendidos por baixo preço, e urgentes ao consummo e vestir de sua familia. O que elle estava dispendendo era dinheiro antigo, que encontrára, ouro do seculo XVI, peculio amuado ao canto do armario de pau santo, em que seus tios padres iam annumerando algumas moedas, muitas menos que as derramadas pela pobreza.

Lembrava-se Christina de escrever ao pai, a pedir-lhe sua legitima materna. Casimiro, antes que ella expendesse o seu pensamento, atalhou-a n'estes termos:

—Sendo preciso, iria primeiro pedir a meu tio carpinteiro metade do seu estipendio de cada dia.

Peregrina, sabedora do intento, revelara-o ao marido.

Ladislau, a sós com a filha de Ruy de Nellas, queixou-se, observando-lhe que era

crueldade obrigal-o a faltar á sua palavra, tendo elle dito a Ruy de Nellas que sua filha e marido nunca lhe pediriam meios de vida.

Os raros amigos de Bettancourt, assim que o viram em Coimbra, repetiram-lhe as calumnias divulgadas, fingindo não acreditar-as. O mais sincero e rude ousou dizer-lhe:

—Déste um mau passo em fugir.

—Não fugi. O amigo, a quem devo a minha subsistencia em Coimbra, chamou-me, e eu fui.

—Não devias ir, tendo sido desafiado por D. Alexandre.

—Nunca fui desafiado.

—Como não foste!?

—Nunca fui desafiado; e, no caso de o ter sido, regeitaria a proposta. Não jogo friamente a vida, que é de minha mulher e de minha filha, contra a vida de D. Alexandre, que é um homem abjecto, nem contra a vida do mais extremado em probidade. Nunca para mim alguém provará a sua honra, batendo-se com victoria, nem o vencido terei em conta de deshonorado. O duello póde significar algumas vezes coragem, mas sentença absolutoria de um infame, nunca.

—Mas decididamente não fugiste ao duello?

—Offende-me a renitencia—respondeu Bettancourt molestando.

—Desculpa, que é a renitencia de um amigo zeloso de tua dignidade. A academia acreditou em D. Alexandre e nos propagadores do boato. Appareceram homens a dizerem que tinham sido agentes do desafio.

—Mentiram.

—Mas a mentira vingou.

—Estou resignado: já a vi impressa n'um jornal, e achei-me forte na minha consciencia.

—Mas a opinião publica...—voltou o academico. espicacando. em nome da

opinião publica, o animo impenetravel do marido e pai.

—Que queres que eu diga á opinião publica?

—Que a desmintas: escreve uma correspondencia.

—Não desço.

—Descer! pois é descer acudires por tua honra!?

—Se a consciencia me não accusa, que logro eu em constituir a academia meu juiz? Além de que, meu amigo, eu venho estudar. Falta-me o tempo para o util: como hei de eu ir dispendêl-o a entreter a curiosidade publica? Diz aos teus amigos que eu sou calumniado, e elles julguem-me a seu sabor.

—Faz o que quizeres: dou por cumprida a minha missão de amigo.

Christina vivia tranquillã. Ladislau, que lançara espias em Miranda, soubera que D. Alexandre sahira para Coimbra, e o desertor ficára. A nova agradou a Casimiro, receioso dos sustos da senhora.

Recomeçou o academico os estudos do segundo anno com fervor. Sabia que seus mesmos condiscipulos o detrahiam, lamentando, como usam lamentar inimigos, a nodoa da farda de um militar. O facto estrondoso do botequim da rua Larga tinha esquecido, ou era interpretado de varios modos, todos estupidos; que a malquerença faz timbre em ser estúpida, quando não póde ser feroz. Todavia, a frechada não lhe vasava ao coração. O pai extremoso abroquellava-se com a filhinha, e dizia á esposa:

—Sêde o meu mundo. Aos teus olhos sou quem sou, minha amiga. Infamam-me lá fóra; mas diz-me tu, filha, que eu sou digno de ti.

N'um sabbado ao cahir da tarde, passaram á Ponte, vindos da Quinta das Lagrimas, Casimiro, e sua mulher.

D. Alexandre de Aguiar estava sentado com numerosos estudantes nas guardas da ponte. Ao perpassar Casimiro, o fidalgo de Miranda tossiu aquelle grunhido peculiar do insulto. Os academicos de sua parcialidade, em respeito á dama, abstiveram-se de acompanhar o amigo na *trossa*.

D. Alexandre, desconfreado como costumam os cavalheiros no momento em que

D. Alexandre, desenhado como costumam os covardes no momento em que persuadem-se não o serem, disse:

—Não se envergonha aquella dama! Que ostentação e baixeza d'alma.

Christina ouviu. O que o amor nobre faz d'uma alma timida! Voltou-se contra o parente, e respondeu:

—É muito infame!

—Silencio!—disse Casimiro, apertando-lhe convulsivamente o braço.

D. Alexandre expediu uma cascalhada; e os academicos, indifferentes ao conflicto, disseram-se:

—Com effeito! é muito covarde o Bettancourt, que deixa assim insultar a mulher! Compreendam lá a decantada historia do botequim!

Na extremidade da ponte, estava o academico, já conhecido por seus dialogos com Casimiro. O marido de Christina aproximou-se d'elle e disse-lhe:

—Conserva-te aqui um instante ao pé de minha mulher, que eu volto já.

—Não!—exclamou Christina.

—Christina—disse elle com um aspecto, que a esposa nunca lhe vira.

E caminhou ao longo da ponte, sem denotar arrebatamento na serenidade do passo.

Os academicos do bando de D. Alexandre disseram:

—É elle que vem!

O fidalgo desceu-se da guarda como quem se prepara a receber o aggressor. Não era isso. O mêdo pesa como chumbo na região abdominal. Foi o gravame do mêdo que mecanicamente o desceu.

Casimiro lançou-lhe a mão esquerda á garganta, e com a direita levou-lhe a cabeça a aresta da guarda.

Depois como o atordoado fidalgo escurcesse os oucos instinctivos da defeza o

Depois como o alarçado fidalgo esboçasse os tocos marmóreos da arca, o aggressor abarcou-o pela cintura, no proposito de o despejar ao Mondego. Acudiram-lhe muitos, sem, comtudo, arremetterem contra o furriel. Casimiro sentiu nas barbas mão estranha. Olhou com impetuosa furia, e viu Christina, que punha as mãos supplicantes. Descurvou os dedos da garganta do estudante, e deu o braço a sua mulher. Pelo ar quieto, com que elle sahio ao fim da ponte haviam de imaginar que o sujeito acabava de abraçar um amigo!

Grande parte da academia parecia andar envergonhada depois d'este successo. Os detraidores, chamados por algum amigo de Bettancourt, a dizerem ácerca do facto, corriam-se, e gargarejavam o desmentido, que os suppliciava.

O academico, mais dolorido do descredito de Casimiro, seguiu-lhe os passos a casa, abraçou-o com transporte, e exclamou:

—Tu és um grande homem!

—Vem vêr minha filhinha como dorme docemente!—respondeu Casimiro.

—Que dirão agora os calumniadores?—tornou o academico.

—Que eu sou um assassino.

—Um bravo! um modêlo de dignidade.

—Como quizerem. Vem ver minha filha, se gostas de creancinhas.

Foram. A mãe, que, uma hora antes, sentira denodo viril para aggredir o insultador, estava agora chorando sobre as faixas da filhinha. Casimiro aconchegou-a de si e murmurou:

—Então? que é isso, filha?

—Tremo pela tua vida, Casimiro!

—Convence-te, Christina: eu não posso ser morto por D. Alexandre, nem por assassinos de sua paga.

O fidalgo dos Vitos Alarcões tractou da cabeça na cama uns quinze dias: parece que o granito lhe entrou dentro obra de meia pollegada, sendo que em tal cabeça nunca tinha penetrado cousa alguma outra. Fechada a brecha, metteram-se as feras do Natal, e o convalescente foi para casa.



terras de Natal, e o convalescente foi para casa.

Ladislau, sempre attento aos passos do desertor, soube que chegara a Miranda D. Alexandre de Aguiar, de cujo infortunio na ponte já estava informado por carta de Christina, que incessantemente lhe pedia toda a vigilancia sobre o scelerado.

D. Sueiro deu logo tento da cicatriz da cabeça fraterna, e disse:

—Levaste ou cahiste, mano?

—Cahi do cavallo.

—Bom tombo! ias ficando sem um olho! Estás um limpo cavalleiro, não tem duvida!

E ficaram n’isto; mas as familias d’outros academicos de Miranda, de bocca em bocca, fizeram chegar ás orelhas de D. Sueiro de Aguiar a rija sova, que levara o irmão.

O senhor dos Coutos de Fervença e Caçarelhos Estevães e Villariça disse ao irmão:

—Como assim?

—Assim quê?—perguntou D. Alexandre.

—Corre que essa cicatriz foi bordoadada que levaste! Foi ou não?

—Foi desordem: dei e levei.

—E ficaste mal?

—Fiquei ferido; mas sem deshonra. O adversario era valente como as armas.

—Quem?

—O marido de tua cunhada.

—O villão? E vive!...

—Por em quanto... vive.

—De que serve aqui o Ayrão?

Ayrão era a graça do desertor.

D. Sueiro acrescentou:

—Leva-o, e mostra-lh’o. Acabemos com isto de uma vez... Estou a ver quando o tio Ruy de Nellas recebe o genro em casa. Já lhe baptizou o filho, e, escrevendo a Guiomar, fallou-lhe de Christina com piedade. O tio Ruy degenerou. Se viver muito, ha de envergonhar-nos.

Foi para Coimbra D. Alexandre.

Ladislau recebeu a ponto a informação: o desertor ficára. Avisou-o de Villa-Cova. Christina exultou; mas, seis dias depois, recebeu novo aviso: o sicario partira aforrado, e em disfarce. A pontualidade d’estas informações deviam-se a um jornaleiro de Villa-Cova, o qual, industriado por Ladislau, fôra a Miranda pedir trabalho á casa dos Alarcões, e lá ficára servo de lavoura.

D. Alexandre concertára o plano do homicidio, com estúpido ardil: já se lhe não dava que se lhe imputasse a morte de Casimiro; e, para desviar suspeitas de braço estranho, escondia o matador em casa.

Ayrão entrou de noite, e sumia-se de dia nos quartos escusos da casa. Os frequentadores dos jantares de D. Alexandre guardavam delicada reserva ácerca da desgraça do mez anterior. O amphitrião é quem, uma vez por outra, dizia:

—Tenho sêde de sangue!

Ou, bebendo até cahir, exclamava:

—Á saude do assassino, que ha de vingar a honra de vinte gerações de fidalgos de solar conhecido!

Defronte de D. Alexandre morava o estudante de direito Guilherme Lira.

Lira foi o mais esforçado e turbulento academico dos seis annos subsequentes á restauração da liberdade. Presidiu á famigerada «Sociedade da Manta»<sup>[5]</sup>. Era o pau mais valente do riba-Tejo, e o mais figadal inimigo de poltrões.

Do fidalgo de Miranda tinha elle nojo, nojo favoravel ao covarde; se fosse odio,

tel-o-ia desorelhado.

Observou Guilherme Lira que em casa do visinho D. Alexandre estava um homem de cara sinistra, o qual se escondia no escuro da casa assim que nas janellas fronteiras assomava gente. Lira espreitou, e viu-o, accendendo o cachimbo no charuto do amo, e gesticulando com aquelle especial geito das feras humanas, vesadas ao tracto da taverna, da feira, e da encruzilhada.

Guilherme sympathisava d'alma com Casimiro Bettancourt. Depois do facto da ponte, estando elle com o seu bando de bravos na Calçada, viu Casimiro, que vinha com sua esposa. Lira sahiu da roda, foi á frente do furriel, e disse, com os olhos em Christina:

—Dê-me v. ex.<sup>a</sup> licença que eu abrace seu marido.

E pegou d'elle ao alto soffregamente, exclamando:

—Que pena que tu sejas casado, homem de figados, que te queria entregar o macête da minha loja!

Casimiro sorriu, agradeceu, e apertou-lhe affectuosa e modestamente a mão.

Isto explica a espionagem de Lira, e o aventar de prompto que o ignobil visinho traçava a morte de Casimiro.

Foi logo d'alli em procura do estudioso mathematico, e disse-lhe:

—Olha que o covarde tem uma besta-féra em casa. Estuda socegado, que eu te guardarei, porque não estudo, nem tenho que fazer.

—Agradeço—disse Casimiro—mas, em verdade te juro que não temo a besta-féra.

—Bem sei, rapaz, bem sei; mas o que eu te venho dizer é que não penses mesmo no modo de a mandar ao diabo. Isso cá se arranja. Adeus: não te quero roubar tempo.

Descubriu Guilherme que D. Alexandre sahia de noute, e com elle outro academico sobre quem a capa mal ageitada ia delatando a contrafacção.

Fez-se Lira encontrado com elles metteu-lhes a cara e reconheceu o assassino

FEZ SE LIRA ENCONTRADO COM ELLES, METTEU-LHES A CARTA, E RECOMENCEO O ASSASSINIO, SOB O DISFARCE DE ESTUDANTE.

A traça do homicidio era desesperada. Como Casimiro passava as noutes estudando, Ayrão lembrara il-o matar em casa. O rancor applaudiu o alvitre, e accelerou a execução. D. Sueiro esporeava de lá os brios do mano e pasmava da demora.

Descubriu Lira que os visinhos por volta de dez horas paravam á sombra do Arco, que faz a extrema da *Couraça dos Apostolos*, onde morava Casimiro, e depois subiam distanceados a calçada, e o mais corpulento, que era o disfarçado, contra-punha de leve o hombro a uma porta de quintal, ou remirava a janella alumiada pelo clarão do candieiro, ao qual Casimiro estudava até duas horas da manhã.

As portas apalpadas não davam de si; arrombal-as com estrondo seria derrancar o plano.

Accudiu nova idéa ao homicida: chamar Casimiro á janella, e desfechar-lhe um tiro.

Reflexionou D. Alexandre, e previu que a opinião publica havia de reprovar o covardissimo feito.

Regeitou, por tanto a idéa, e reforçou-se na do assalto.

Casimiro Bettancourt ignorava o que ia cá fora em sete noutes successivas. Guilherme achou inutil avisal-o. Queria elle egoistamente para si a cabal satisfação de castigar os miseraveis, sem incommodo do estudante. A muito custo se refreára, durante as sete noutes, á espera de lhes comprehender o intento, e cahir sobre elles no momento de o praticarem.

Guilherme Lira desvellava-se e preocupava-se d'esta catastrophe, como se vida de pai, irmão, ou amada corressem perigo!

Sublime doido! Sympathica loucura!

---

## XII

### Serenidade da innocencia

Ás dez horas de uma noute de janeiro de 1840, Christina, convidada pela limpidez da lua, tão brilhante n'aquellas noutes, se o céu está desannuviado, chegou á janella, sem correr as vidraças. Do exterior não podia ser vista, que era completa a escuridade dentro; viu, porém, Christina, dous homens parados na rua, com as cabeças muito conchegadas, em agitada e inaudível conversação. Teve medo, e correu ao gabinete do marido a chamal-o. Casimiro, pé ante pé, segundo a esposa lhe recommendava, espreitou, e, sem hesitação, disse:

—Um é D. Alexandre; o outro não conheço. Vejamos o que fazem.

—Vê!—disse Christina—olharam para a janella do teu quarto.

—É uma contemplação estúpida!—redarguiu Casimiro.

—Agora esconderam-se debaixo das janellas.

—Quererão escalar a casa?!—tornou elle em ar de mofa.

—Quem sabe?! Olha... lá deram um encontrão á porta do quintal!

—É que são ratoneiros de couves. Que podem elles querer do quintal senão as tuas couves gallegas?

—Tu brincas, meu Casimiro!... Olha que isto é sério!... E não passa patrulha nenhuma!...

—Calla-te, creança! Se te ouvem, perderemos este espectáculo gratuito. Deixa vêr no que isto dispara. Lá vem outro estudante, rente pela parede d'alem! como elle se embuça!...

—Parou!—disse Christina agitada.

—Será da malta?! As couves não chegam para todos.

—Lá vai para baixo.

—E os outros seguem-no.

—Já não seguem.

—Elles ahi voltam, outra vez para a sombra.

—Outro empurrão á porta da escada!—murmurou Christina alvoroçada e tremula.

—Então o negocio não é de horta! Teremos hospedes assim mal-criados! Ver-me-hei forçado a recebêl-os com igual delicadeza!

A arma unica de Casimiro Bettancourt era uma enferrujada espada de seu pai. Tirou-a de baixo do leito, e disse á esposa:

—Deixa-me a escada livre, e não temas.

—Á escada não vais: póde vir um tiro!

—Não vem tiro nenhum: apaga todas as luzes.

Dous estrondosos encontrões metteram dentro a fragil porta. Christina soltou um ai, e involuntariamente correu ao leito onde a menina chorava acordada pela rija pancada.

Casimiro estava no topo da escada, e viu do lado da rua um homem de batina academica apanhar de hombro a hombro com um pau as costas, do que elle affirmára ser D. Alexandre. Os dous aggressores saltaram ao meio da rua, e Casimiro, ia na colla d’elles, quando Christina, com a menina nos braços, lhe estorvou o passo, exclamando:

—Casimiro, Casimiro! pela tua filhinha te rogo!

A catastrophe, tão almejada de Guilherme Lira, rematava assim na rua.

Ayrão, logo que o amo levou a primeira pancada, correu de faca sobre Guilherme, e recebeu em cheio peito uma choupada, e segunda no ventre. Já cambaleava moribundo, quando recebeu a terceira, e bateu nas lages com a face morta.

D. Alexandre ia fugindo, com a maxima velocidade de sua prudencia, quando

uma segunda bordoadada o apanhou pela nuca. Rugiu e afocinhou, forçado por um doloroso raspar de ferro na orelha direita.

Guilherme volveu a sondar a respiração do desertor, e responsou-o ao diabo.

D'alli correu á escada de Casimiro, e chamou-o.

—Quem é?—respondeu Casimiro com a espada apontada.

—O Lira. Creio que estão ambos mortos; um de certo. Agora, acautella-te... Já está gente nas janellas. Posso sahir pela porta de traz? Aqui reconhecem-me.

—Sahe—disse Casimiro—Vem por aqui... Quem mataste?

—Boa pergunta! A besta-féra não se levanta mais; o outro desconfio que está vivo. Deixal-o viver... Por aqui?... bem... Adeus! Segredo de sepultura, ouviste?

—A recommendação é indigna de mim.

Guilherme Lira entrou no Becco das Flores, e sumiu-se de travessa em travessa, reapparecendo, vestido á futrica, na Couraça dos Apostolos.

Quando chegou occupavam a rua centenaes de pessoas. Em redor do cadaver de Ayrão estavam muitos estudantes de envolta com a policia. Nenhum academico reconhecia o morto, que trajava batina, bem que tivesse illeso o rosto. Emquanto a este, esperou-se o dia para lavar-se auto.

D. Alexandre já tinha sido transportado em braços, e moribundo, segundo diziam os que lhe viram o rosto ensanguentado, e ouviram o archejar estertoroso do peito comprimido pelo derramamento das costas.

A vizinhança dizia que vira entrar um homem de batina e capa nas escadas de Casimiro Bettancourt. A opinião geral decidiu que fôra Casimiro o assassino, visto que o sugeito entrado não sahira.

Christina chorava, e dizia, ouvindo as vozes da rua:

—Que será de nós? Prendem-te, Casimiro. Fugamos... vamos para Villa Cova.

—Socega, filha. Se me prenderem, hão de soltar-me! Attende-me, Christina: Nunca dirás uma só palavra com referencia a este acontecimento. Nunca

proferirás o nome de Guilherme Lira. Nunca dirás que eu estou innocente. Juras-m'o?

—E tu... perdido, meu infeliz amigo... perdido!—atalhou ella, archejante de gemidos—desgraçado por minha causa!

Casimiro apertou-a ao seio, e disse-lhe:

—Crês em Deus?

—Se creio em Deus...

—Crês que a justiça divina me faça padecer innocentemente?...

—Mas a justiça humana...—interrompeu ella.

—Mulher de pouca fé!... Se visses a serenidade do meu espirito, vias em mim a influença de Deus!

As autoridades superiores, avisadas do acontecimento e do author indigitado do crime, mandaram guardar por soldados as avenidas da casa de Casimiro, para o prenderem de dia.

O academico deitou-se á sua hora regular, e obrigou a alvoroçada esposa a deitar-se com a filhinha inquieta.

Ás tres horas e meia da manhã rebentou de subito um ruido estridoroso na rua, depois de alguns repetidos brados das sentinellas.

Chegava a «Sociedade da Manta» acaudilhada por Guilherme Lira, em numero de vinte e tantos bravos, armados de refes e clavinas.

Os soldados outros tantos seriam. Á primeira carga inesperada, a tropa titubeou entre fugir ou defender-se, e, n'esta perplexidade, soffreu o desaire de ser desarmada e contundida com as proprias armas.

Libertas as portas, Guilherme chamou Casimiro, subiu e disse imperiosamente:

—Foge!

—Não fujo.



—Como não foges?

—Não: salva-te tu, que eu me livrarei da justiça.

—Não livras: diz toda a gente que tu mataste o homem. Alexandre está vivo, e diz que foste tu quem mataste o seu creado, e lhe tiraste a elle a orelha.

—Deixaste sem orelha o homem?

—Nada de riso: foges ou não?

—Já te disse, Guilherme: vai na certeza de que o teu nome nunca será envolvido na minha justificação.

Uma vez de fóra disse:

—Olha que tocam as cornetas na Sophia, ó Lira! Vem, que não temos partido contra o regimento.

—Adeus!—concluiu Guilherme—Oxalá que te não arrependas!

—Fujamos!—exclamou Christina.

—Porque me não attendes, filha? disse maviosamente Casimiro, e desceu a fechar a porta.

Poucos segundos depois, estava a rua cogulada de soldados, e muitas vozes diziam que o assassino tinha fugido com os academicos.

—O melhor é arrombarem as portas, camaradas!—dizia um cidadão—Que fazem vossês ahi, se elle fugiu? É arrombar que não ha outro modo de saber se elle está.

—Arrombar!—contrariou um alferes—a Carta Constitucional prohiibe arrombar; mas bate-se a ver se falla alguem.

—Ou isso—disse o cidadão prudente.

O alferes bateu urbanamente. Casimiro abriu de prompto a janella do seu quarto, e perguntou:

—Quem é?

—Ah!—disse o alferes—está em casa?

—Estou em casa. Não quer mais nada?

—Não sr. Foi para sabermos... dizia-se que não estava lá ninguém... Perdoará o incommodo.

—Boas noutes—respondeu Casimiro. Depois, baixou a vidraça, e disse a Christina—A rua está vistosa! As armas refrangem a lua, e dão a lembrar uma illuminura da idade média! Apaga a luz da saleta, que eu gosto de ver este arraial de batalha, que me parece um sonho!

—Ó Casimiro!—balbuciou ella—como tu podes rir, e eu sinto-me aqui morrer!

—És fraca. Nunca te tinha conhecido esse aleijão! Parecias-me uma natureza perfeita em amor, em brios, e em força. A força é que te falta, minha debil filha!

—Enganas-te, Casimiro!—replicou ella—É que eu era tão feliz!...

—E amanhã que impede que o sejas?

—Ámanhã... estarás preso!....

—E então? A luz do teu amor teme de romper as grades da cadeia?! A nossa filhinha hesita entrar lá contigo? Não vai commigo a imperturbavel consolação da consciencia?

—Mas eu tambem vou...

—Pois irás, filha. Quem te veda de estar com teu marido preso?!

Conversaram n'este sentido longo tempo; e já a final, Christina estava conformada com a ideia da prisão, e logo cuidou em enfardelar os fatinhos da filhinha, enquanto o marido escrevia a seguinte carta:

«Meu caro compadre.

«D. Alexandre de Aguiar foi gravemente ferido, e o seu creado está morto. Este acontecimento deu-se á porta da minha caza, ha cinco horas. O povo, a academia, e as authoridades indigitam-me como author do successo. Esperam que nasça o sol para me prenderem.

«Escrevo-lhe agora, 4 horas da manhã, receando que os interrogatorios me tirem o tempo no correr do dia.

«Minha mulher tem estado attribulada, mas, como appelei do seu coração para a sua coragem, vejo-a reanimado e esperançosa da minha absolvição em despeito do povo, da academia e das authoridades.

«Peço aos meus amigos que não se afflijam, e me creiam forte bastante para lutar com o mal do mundo. Refugio-me na vossa estima, e sou o vosso irmão agradecido, *C. Bettancourt.*»

Ao apontar o sol, a authoridade administrativa, auxiliada pela militar, bateu á porta de Casimiro, e esperou instantes. O proprio academico desceu a abrir, e offereceu ceremoniosamente a sua casa.

—Está o sr. preso—disse o administrador.

—Já o sabia—respondeu Casimiro.

—Bem. V. s.<sup>a</sup> acompanha-me. Irá comnosco o sr. alferes da companhia.

—Como queiram: vou só, vou com v. sr.<sup>as</sup>, vou com a escolta: para mim é de todo o ponto indifferente.

—Dispenso a força, sr. alferes, disse o administrador: póde v. s.<sup>a</sup> mandal-a recolher com o sargento; o sr. alferes tem de ficar para solemnisar a prisão d'este academico que é furriel.

—Se querem subir...—disse o preso.

—Não, senhor: vá, e volte, que nós esperamos.

O administrador, em quanto Casimiro subiu a dar as ultimas palavras de conforto

a sua mulher, disse ao commandante da força:

—Este homem ou está innocente, ou excede tudo que eu tenho visto em coragem!

—Será cynismo? replicou o militar.

—É cynismo, não pode deixar de ser cynismo—optou o cidadão que propozera o arrombamento das portas.

No entanto, Casimiro dizia a Christina, depois de beijar Mafalda:

—Eu escrevo-te de casa do administrador, dizendo-te o meu destino; naturalmente irei de lá para a cadeia; e tu, como boa gerente da casa—continuou elle jovialmente—irás lá ter, depois de ter dado as ordens para o jantar. Olha que a instauração de um processo por crime de morte não obriga a jejum, minha filha. Lembra-te que as consciencias puras concorrem muito para o bom appetite, e são optimas auxiliares do estomago. E adeus, até logo.

Christina ajoelhou com a filha nos braços, e orou. E, orando, ouvia dizer fóra:

—Mas como elle vai direito e senhor seu!

—Elle se entortará quando lhe pezarem nas costas os caibros da Portagem!

—Terá pena ultima?—perguntava uma rapariga de má vida, e acrescentava: coitadinho! é tão novo, e de mais a mais casado, e tem uma filhinha!...

—Deixal-o ter!—atalhava uma velha, que vinha da missa d'alva, e ia ouvir a segunda, para depois ir ouvir a terceira—Deixal-o ter! Quem mata, morra! As forcas não se inventaram para os que morrem, é para os que matam.

O axioma foi applaudido pelo cidadão prudente, e outros sujeitos honestos, cuja garganta zombára muitas vezes da corda de esparto do Livro V das Ordenações.

E Christina callava a oração para escutar, e orava para não ouvir.

Perguntou a authoridade a Casimiro Bettancourt o nome, a naturalidade, os annos, o estado, a profissão, etc. E proseguiu:

—A voz publica e as apparencias dão-no ao senhor como homicida de um homem ainda desconhecido, e tambem o incriminam de espancador de D. Alexandre de Aguiar, cuja vida está ainda duvidosa. O sr. Bettancourt é réu d'estes crimes?

Casimiro não respondeu.

—Ouvii a pergunta que lhe fiz?—tornou a authoridade suspeitando a surdez do preso.

—Ouvi, sim, senhor.

—Que responde?

—Nada.

—Nada?! é boa essa!... Matou ou não matou?

—Se ha provas de que fui eu, porque m'as pedem? Se as não ha, porque me prendem?

—A lei manda interrogar os réus.

—Póde ser; mas não obriga os réus a responder.

—O silencio é uma confissão—redarguiu o administrador.

—É o anexim «quem calla consente» arvorado em axioma juridico. Boa hermeneutica!

—Modere as suas ironias, que a occasião é inopportuna, sr. Bettancourt. D. Alexandre de Aguiar Vito de Alarcão Parma d'Eça diz que fôra atacado pelo sr. Casimiro, quando passava á sua porta.

—Se o diz, elle o provará.

—A visinhança depõe que v. s.<sup>a</sup> entrára em sua casa depois de ter deixado morto um homem e o outro cahido.

—Já sei: ouvi o parecer de meus visinhos antes de v. s.<sup>a</sup> os interrogar.

—E que diz a isto senhor?

—Nada.

—Diz que está innocente?

—Já tive a honra de dizer a v. s.<sup>a</sup> que não digo nada. As provas responderão por mim, e a lei me julgará.

—Está claro. Vai v. s.<sup>a</sup> recolher-se á cadeia, e esperar lá a nota da culpa.

—Posso ser visitado por minha mulher e minha filha?

—Sim, senhor, em quanto a policia julgar isso indifferente ao processo.

—E quando póde impecer ao processo que eu veja minha familia?

—Ha casos...

—Bom. Recebo as suas ordens.

—Vai acompanhar-o um official do juizo. O sr. Bettancourt inspira-me confiança, e por isso o allivio do vexame de ir com soldados.

—Agradeço a confiança; mas os soldados não me vexam: cumpra v. s.<sup>a</sup> o seu dever de authoridade.

—Vá, e pense sériamente na sua situação, que é grave, sr. Bettancourt. Póde ser que o senhor esteja innocente; mas as suas desavenças anteriores com D. Alexandre condemnam-no. Póde ser que v. s.<sup>a</sup> matasse em justa defeza: se assim foi, convém attenuar a culpa com essa circumstancia. Esse seu systema de responder com o silencio, sobre ser excentrico, é confirmativo da imputação. Dou-lhe este conselho, movido pela sympathia que me causa a sua abnegação e como despreso da vida. Sei que tem familia, e avalio as angustias de sua consorte; por isso lhe peço que se abstenha d'esse stoicismo inutil, e—peior ainda—prejudicial. Se póde, decline de si a responsabilidade de um homicidio, que é sempre e em todos os casos deshonra. Se matou, negue, negue sempre!—acrescentou o administrador, collando-lhe no ouvido os labios.

Casimiro agradeceu o conselho com um sorriso, e sahiu á direita do official de justiça.

Á porta da authoridade, quando Casimiro sahiu, agglomerava-se um cento de pessoas, gentio baixo, regateiras da praça de Sansão, serventes, gaiatos, e alguns cidadãos honestos, nomeadamente o oraculo da Couraça dos Apostolos. A custo rompeu o aguazil a multidão, que se premia em redor de Casimiro, e lhe roçava as faces com o halito acre da aguardente.

—Chamo soldados!—bradou o official de justiça.

—Não é preciso—disse um academico, que estanceava mais distante n'um grupo de estudantes.

E, tirando a carreteira das mãos de um lavrador, cresceu sobre a multidão, e apanhou quatro cabeças da primeira paulada. A rua, momentos depois, estava deserta, como se passasse n'ella a ira do Senhor.

—Foge que é o Lira!—diziam muitas vozes, convulsas de terror, menos o cidadão da Couraça dos Apostolos, que levou a sua cabeça ao visinho boticario.

Era, com effeito, Guilherme Lira, cujo sangue refervia em phrenesi, e sêde de beber o sangue da humanidade. Infurecia-o o remorso de ter deixado vivo D. Alexandre! Saber elle que o vil declarava ter sido assaltado por Casimiro, espicaçou-lhe o odio e a ancia de ir estrangulal-o em casa. Depois, via Casimiro preso, sabia já as suas respostas á authoridade, pungia-o o arrependimento de o perder, quando cuidava salval-o de inimigos infames, e não poder salval-o, sem se declarar elle mesmo o aggressor!

O governador civil, o reitor, as authoridades subalternas, receiosas de sublevação academica, instigada por Guilherme Lira, preveniram a tropa, e assignaram ordens de prisão dos mais celebres desordeiros, no caso de motim.

A este tempo estava na cadeia Casimiro Bettancourt, contrastando, com sua quietação, o reboliço que fremia cá fóra. Christina seguira-lhe os passos, e entrara apoz elle. Mafalda ia muito risonha e fagueira. Não fallava, mas gesticulava as suas caricias, e pendurava-se do collo do pai, beijando-lhe os olhos.

E Christina observava em redor de si a nudez, a sombra, a immundicie da salêta. Queria chorar; mas pejava-se do esposo, e retinha-se para o não affligir.

—Voltas a casa, minha filha?—disse Casimiro—Olha que são dez horas, e nós

costumamos almoçar as nove. Basta de sacrificio a justiça humana, Christina! Uma hora é de mais!

—Tu não estás muito triste, pois não, meu Casimiro?—exclamou ella, cingindo-lhe o pescoço, com quanto carinho podem exprimir as angustias supremas.

—Se estou triste!... Quando me viste mais risonho, Christina!... Alegre, minha esposa, alegre como esta creança que te sorri! A minha consciencia está serena como a d'esta menina; por isso nos vês tão contentes ambos!

---



## XIII

### O Réu

A carta, recebida em Villa Cova, foi a primeira grande angustia que alanceou o coração de Ladislau.

Correu á igreja, e d'ali a uma aldeia da serra, onde estava o vigario sacramentando um enfermo. Leram a carta, e ambos inferiram que o matador era Casimiro; justa inferencia dos termos d'ella.

—Matar!—disse o vigario consternado.—Matar!... Eu não cuidava isto de Casimiro! Nem ao menos diz que matou defendendo sua vida, a vida de sua mulher, e de sua filha!... Repara tu na serenidade com que elle diz: *D. Alexandre de Aguilar foi gravemente ferido, e o seu creado está morto. Este acontecimento deu-se á porta de minha casa ha cinco horas. O povo, as authoridades, e a academia, indigitam-me como author do successo...* Se não fosse elle o author, diria: *indigitam-me falsamente!*... E mais abaixo: *Minha mulher tem estado attribulada, mas como appelei do seu coração para a sua coragem, vejo-a reanimada e esperançosa de minha absolvição em despeito do povo, da academia e das authoridades!*... De que elle fia a sua absolvição, se as provas o condemnam a tal ponto que tudo lhe é contra!... Ó meu Deus, meu Deus! que conta havemos de dar á nossa consciencia de termos trabalhado para o casamento de Christina com este malfadado!

Ladislau ouviu a mais larga exclamação do attribulado sacerdote, e disse com pausa:

—Eu estou em crêr que Casimiro não matou.

—Ó homem, tu não intendes esta carta?

—Penso que intendi. Onde diz elle que matou?

—E onde diz elle que não matou?—retorquiu o padre.

—É verdade: não confessa nem nega. Diz que o apontam como matador. Isto é differente. Eu leio no Evangelho que Jesus Christo, quando o arguiam...

—Calla-te meu irmão! esses confrontos são sacrilegos!—atalhou o sacerdote, inflamado em zelo santo.

—A minha intenção era boa, Deus o sabe. Seja o que fôr, eu creio que o meu compadre está innocente. Um homem, que mata, não escreve assim com este socego. Aqui ha mysterio, e continuará a havel-o. As cartas demoram-se; e, quer demorem quer não, amanhã vou para Coimbra e Peregrina vai comigo. Desgraçada Christina!... E que terá elle penado? que fará sósinha a pobre menina com sua filha?...

—Vai a Coimbra, Ladislau, vai!—disse o vigario—Se é criminoso, amparemolo; se não é, ajudemol-o a vencer as iniquidades do mundo, querendo Deus que nós sejamos instrumentos de sua divina justiça. Eu tambem iria, se podesse: escrever-lhe-hei as consolações da religião.

No dia proximo sahiram de Villa Cova Ladislau, Peregrina, e o menino, a grandes jornadas para Coimbra. O lavrador levava todo o seu peculio, o ouro de sua mulher, e alfaias de antiga prata, que havia em casa. Apearam na estalagem, e foram d'alli á cadeia. Encontraram Casimiro sentado á meza de jantar com a filha no collo, e Christina a um canto da salleta aquecendo café n'um fogareiro.

—Não t'o disse eu?!—exclamou Christina, quando o chaveiro abriu a porta, e deu entrada aos visitantes—Não veio carta, vieram elles!

As duas senhoras abraçadas fallavam em soluços. Ladislau rompeu tambem em pranto desfeito. Casimiro, porém, sereno e com os braços abertos, dizia:

—O compadre tambem é dama?! Não rivalisemos com as nossas mulheres no seu privilegio de chorar!... Conversemos como homens.

—Está innocente, meu amigo?—perguntou de sobresalto Ladislau.

—Que pressa!...—respondeu em ar de graça o prezo—Parece que o meu compadre sahiu de casa com essa pergunta á flor dos beijos. Ora, diga-me: se eu lhe responder que matei o desertor, e feri de morte o fidalgo, o meu amigo retira-me a sua mão pura e generosa?

—Não. Casimiro só mataria um homem defendendo-se. Foi em defesa que o matou?

Vou responder-lhe; porém, require á sua pobre alma um juramento antes de

—vou responder-me, porém, requeiro a sua nobre alma um juramento antes de me ouvir. Não lhe digo que me jure por seu pai, pela vida de sua esposa ou filho: jure por sua honra.

—Jurei.

—Agora saiba que eu não matei, nem mandei matar.

—Oh meu amigo!—clamou com agitada vehemencia Ladislau.

—Não falle mais alto que eu, meu compadre, que póde ser ouvido. Não matei nem mandei matar, nem folguei com a morte do assassino trazido para mim, nem com os ferimentos de D. Alexandre. Houve um homem que me quiz salvar dos dous inimigos, que me esperavam, e matou-os, no momento em que me arrombavam as portas. O nome d'este homem irá commigo e com minha mulher á sepultura: nunca m'o pergunte. A sociedade proclama-me assassino: embora. Deus me defenderá e salvará. Aos interrogatorios nada respondo que me absolva ou condemne. Veremos se o jury me vê provado assassino. Agora, meu amigo, tem o sr. a sua honra de sentinella á sua lingua. Tomemos café. São só duas as chavenas; mas tambem ha dous pires: as chavenas para os hospedes; os pires para nós, Christina. Arranja lá isso.

Ladislau fitava nos olhos Casimiro, e murmurava:

—Que homem! que desgraçado tão digno d'outra sorte!

—Veja lá o que são as cousas! eu cuidei que meu compadre me estava invejando esta paz de coração!—disse Casimiro.

Horas depois, sahiram duas senhoras a transferir a bagagem da estalagem para a casa da Couraça dos Apostolos. Concordaram em viver juntas, nas horas em que era vedado o ingresso no carcere.

O processo proseguiu seus termos, com desvantagem de Casimiro, sem embargo de ser vigiado pelo primeiro advogado de Coimbra, que alcançára procuração do réu, depois de muitas instancias suas e de Guilherme Lira.

D. Sueiro de Aguiar tinha descido a Coimbra, com comitiva de dois lacaios, e dinheiro grosso para, consoante a sua phrase, *erguer, sendo preciso, uma forca de ouro, onde perneasse o assassino de seu irmão.*

D. Alexandre erguera-se ao cabo de vinte dias, e composera as melênas de modo, que o logar da extincta orelha ficasse coberto de lustrosas espiraes. A orelha cancerára e cahira, deixando um orificio hediondo e pustuloso. Guilherme Lira, quando acertava de o encontrar, dizia-lhe sempre:

—Cuidado com a outra.

—A outra quê?—animou-se a perguntar D. Alexandre.

—A outra orelha, patife!

O epitheto gelou de neve as cavernas d’aquelle vil peito que esvasiava o pus pelo esqualor do ouvido.

D. Sueiro accelerava o processo, e descia de sua prosapia regirando do advogado para o escrivão, do procurador para o delegado, do juiz para os influentes do jury.

N’uma d’essas suadas correrias, passando ao escurecer no bêco de D. Sisenando, encontrou um academico, que lhe cingiu ao pescoço umas mãos, que pareciam golilhas de ferro, e lhe jogou a catapulta da cabeça, tres vezes, contra a hobreira do floreado granito da porta do palacio, onde morreu apunhalada a irmã da rainha D. Leonor Telles. Depois, largando-o atordoadado, disse:

—Primeira admoestação!

E andou.

D. Sueiro, ao outro dia, escreveu a todos os governadores possiveis de Coimbra. A policia fingiu que se mechia, e D. Sueiro não sahiu da cama.

O leitor já sabe que só Guilherme Lira podia tentar a destruição da melhor pedra monumental de Coimbra com a cabeça de D. Sueiro de Aguilar Vito etc.

Um homem sisudo da policia disse ao rico-homem de Miranda:

—O meu parecer é que v. ex.<sup>a</sup> vá para sua casa. A meu vêr, o fidalgo traz á perna a *sociedade da Manta*. Dê louvores a Deus em o não terem matado como fizeram a um lente, ha dous mezes: e perdoará o atrevimento do seu servo em o aconselhar. Em quanto a mim quem quebrou a cabeça de v. ex.<sup>a</sup> foi o Guilherme

Lira! Mas vão lá prendê-lo, e, de mais a mais, sem provas! Bem aviado estava eu! Elle bate-se com um regimento, e é capaz e mais os seus trinta companheiros, de arrasar Coimbra.

—Então isto aqui é um sertão de selvagens!—bradou D. Soeiro—As leis...

—As leis estudam-se aqui—disse o cadimo aguazil—e o Guilherme Lira sabe-as bem, que é quintanista de direito; mas o malvado despreza as leis de papel, e tem lá umas de pau para seu uso, não digo bem: para uso d’aquelles que as levam impressas nas costas. Em fim...

O homem da justiça encolheu os hombros, e despediu-se.

No dia seguinte, D. Sueiro foi para Miranda, e levava ainda uns parches de alvaiade na testa, e uns pontos nos tegumentos sobrejacentes aos ossos parietaes.

D. Alexandre ficou; porém, assim que o sol inclinava ao poente, recolhia-se. Guilherme Lira entrava em casa todas as noutes, e espreitava-o da janella. Cada noute, ao vêr-lhe a luz no quarto, arrepellava-se. Dizia com picaresco chiste o feroz academico a Casimiro: «a vida d’aquelle homem peza-me como um burro sobre o peito!»

E Bettancourt pedia-lhe encarecidamente que o deixasse, por ser um estorvo nullo á sua liberdade.

Ruy de Nellas, conscio do successo, mandou chamar o vigario de S. Julião da Serra, e informou-se. Padre João Ferreira relatou de cór o contheudo da primeira carta de Casimiro, e mostrou duas linhas de outra de Ladislau, que dizia: *Casimiro está innocente. Casimiro é victima da sua honra. Nada mais te digo, porque só isto me é permittido dizer, e a ti só, meu irmão.*

—E tu crês na innocencia de Casimiro?

—Creio, meu padrinho, como creio que vivo.

—E elle deixa-se ir á revelia?

—Não posso, nem sei responder a v. ex.<sup>a</sup>

—É preciso que eu o proteja. É preciso, que elle é marido de minha filha! Os de Miranda não hão de levar a melhor

MIRANDA NÃO HAVIA DE REVELAR A MEMÓRIA.

—Que quer v. ex.<sup>a</sup> que se faça?

—Que vás a Coimbra, e leves dinheiro para elle, e para a justiça.

—É desnecessario dinheiro. Meu cunhado foi prevenido.

—Deixal-o ir. O dinheiro que eu mando, é meu; quero que minha filha o receba! Eu vou mandar o meu capellão substituir-te na igreja, e tu partes já para Coimbra.

—Recebo as ordens de v. ex.<sup>a</sup>

—Vamos ver quem vence!—continuou o fidalgo, apertando os alveolos, onde os dentes ausentes não podiam rangir.—Os de Miranda, tem muita prôa?... Deixa que eu vou abater-lh’a!... Vai, João, que lá irão umas cartas. Se Casimiro ficar condemnado, tu ou teu cunhado vão para Lisboa, e entreguem as cartas onde eu mandar. Lá está minha irmã, a condessa de Asinhoso. Ha vinte e tres annos que não lhe escrevo: mas sei que ella está morta por fazer as pazes commigo.

—Bom seria que estivessem feitas—disse respeitosamente o padre.

—É verdade; mas que queres? orgulho de parte a parte... E sabes tu porque eu despresei minha irmã?

—Nunca v. ex.<sup>a</sup> me deu a honra de m’o revelar.

—Pois eu t’o direi quando voltares. Foi um caso de honra, que os de Miranda não costumam castigar. Lá tem em casa uma irmã do pai, que fugiu do mosteiro de Lorvão, e deu escandalo. Lá a tem... e não põem crepe nas pedras d’armas... E vinha cá D. Sueiro vituperar-me porque eu não mandava matar Casimiro!... Olha quem!... Se eu tivesse tantos santos a pedir por mim, como de vezes me tenho arrependido de lhe dar a minha morgada!... Forte brutalidade!... Cegaram-me as vaidades de reatar as duas casas dos mais antigos ricos-homens da Beira e Traz-os-Montes!... Emfim... o que eu não consinto é que da casa de Miranda vão matadores professos assassinar o marido de minha filha... São horas... Aqui tens um conto de réis em ouro. Parte, João; e escreve a dizer o que se passar. Dá muitos beijos a minha afilhada, e diz a minha filha... que lhe perdô!

O vigario ajoelhou diante de Ruy de Nellas, e clamou:

—Deixe correr as minhas lagrimas de alegria sobre as suas mãos, meu nobre, meu virtuoso padrinho!

—Não fiques agora ahí a chorar, homem!—Disse o velho, erguendo-o.—Aqui estou eu tambem...—proseguiu, enxugando os olhos.—Vai, que são horas.

A apparição do vigario na saleta da cadeia foi saudada com um brado de alegria. Cercaram-n’o todos, e beijaram-n’o todos.

—Eu só dou beijos em creanças,—disse elle em tremores de exultação.—Sr.<sup>a</sup> D. Christina deixe-me dar á sua filha os beijos do avô.

—Fallou com o meu papá!—exclamou ella.—Está muito zangado contra o meu pobre Casimiro?

—Isso está, minha senhora! zangadissimo, feroz!

—Cuida que foi elle quem...—E reteve-se, relanceando os olhos ao marido, que a observava.

—Não sei o que elle cuida...—volveu o padre. A ira do fidalgo subiu ao ponto culminante d’elle mandar ao sr. Casimiro um conto de réis para o custeio das suas despesas judiciarias. É onde póde chegar a ferocidade humana!

—O sr. Ruy perdoou-me?—perguntou Casimiro mais recolhido que expansivo.

—Se isto não é perdoar... A mim não me encarregou de lhe notificar o perdão; mas á sr.<sup>a</sup> D. Christina manda dizer que está perdoada. Aqui teem o dinheiro, que é ouro, e rasga-me a algibeira da sotaina.

Christina fez um gesto, significando ao padre que entregasse o dinheiro ao marido; Casimiro fez outro gesto, indicando Ladislau.

—Então que resolvem?—disse o padre.

—Resolve minha mulher,—disse Casimiro—que esse dinheiro passe ao poder do nosso mordomo, o sr. Ladislau Tiberio Militão de Villa Cova, em cujo cargo hemos por bem nomeal-o para lhe fazemos honra. Assim deve formular as suas nomeações quem tem, como eu, guarda de official á porta.

Ladislau, sorrindo, respondeu:

—A não servir de mais, deixem-me ser mordomo. Eu guardo o dinheiro, e darei contas.

Relatou o padre a sua chamada a Pinhel, e o sentir do fidalgo, com a promessa das cartas para Lisboa, caso o exito do processo fosse funesto em primeira instancia. Acrescentou que Ruy de Nellas tinha muita confiança no valimento de sua irmã, na capital, a sr.<sup>a</sup> condessa de Asinhoso.

—É a primeira vez que ouço fallar n’essa irmã do sr. Ruy!—disse Casimiro.—Nunca me fallaste em tua tia, Christina.

—Porque a tinha esquecido—respondeu a senhora.—Eu e minhas irmãs mais novas ainda ha poucos annos soubemos que tinhamos em Lisboa uma tia. Ignoro as desintelligencias que se deram entre ella e o papá, muito antes de eu nascer. O certo é que em nossa casa nunca se fallou em tal tia, e diante do papá seria perigoso fallar. Muito me espanta agora que elle queira escrever-lhe! Vejo que meu pai está mudado!

—Sabe que desavença de familia foi essa, padre João?—perguntou Bettancourt.

—Não, senhor. Ninguém o sabe em Pinhel. Apenas sei que em Lisboa viveu desde menina a irmã do sr. Ruy de Nellas, em companhia de um grande fidalgo seu tio, e mais os dous irmãos filhos segundos. Tambem sei que estes irmãos lá morreram, e que a sr.<sup>a</sup> casou com o conde de Asinhoso. É o que eu sei d’um clerigo velho de Pinhel, que a viu em menina, e me disse ser ella vinte annos mais nova que o morgado. Deve hoje ter, portanto, a sr.<sup>a</sup> condessa quarenta e seis.

Sobre este incidente exauriu-se aqui a pratica, em que Bettancourt, de condição scismadora em cousas mysteriosas, mostrava estar muito entretido.

O patrono de Casimiro, sabendo que o sogro do seu cliente o protegia em Lisboa, e quasi seguro da condemnação do réu no tribunal conimbricense, inredou o processo de modo que, no caso de se provar o crime em jury, houvesse direito a pedir um recurso por nullidades, sem ser ouvido o tribunal da segunda instancia. A lei organisadora dos processos em Portugal, paiz de mais leis que tem o universo é uma corda bamba que se presta a saltos maravilhosos sob o pé d’um habil volatim. «Vai o processo para Lisboa, dizia o jurisconsulto, e lá, se o braço fôr forte, os autos vem arremessados á cara do juiz, e o juiz dá alvará de



soltura ao preso.»

Este salvador intento do caudico foi revelado a Casimiro, com grande alegria, pelo vigário. E o preso respondeu:

—Não quero! diga-lhe que não quero! Ha-de ser a lei, sem coacção, sem torcedura, sem vexame de poderosos, que me destrancará aquellas portas. Mas que digam ser dolorosa a experiencia: não importa. Quero experimentar até que ponto um réu innocente póde ser torturado. Hei de ir de condemnação em condemnação, até poder dizer: «Acuda-me a justiça divina, que a dos homens é infame!»

—Mas—atalhou o padre—se as provas são taes que a lei tem de forçosamente o reconhecer criminoso?

—Não são tal! As provas permitem que as destrua o ardil d'um habil jurisconsulto. É isto certo?

—É.

—Pois bem: eu quero que a lei as anniquile, e não a trapaça: que este acto se cumpra á luz do sol, á luz de todas as consciencias, que me condemnam. Que faz que as influencias poderosas me libertem, se o mundo ha de dizer: «salvaram-no as influencias! o ferrete de homicida lá o tem na testa!» Não quero, sr. padre João! Agradeça ao compadecido patrono: mas avise-o de que eu serei no tribunal o interprete mais severo da lei contra mim.

O advogado, quando tal ouviu, pasmou e disse:

—É um doudo maior da marca, este homem! Creia que irá da cadeia para a enfermaria dos alienados!

E proseguiu:

—É vergonha fazer-lhe eu uma pergunta, sr. padre João: Casimiro Bettancourt, matou um homem e espancou o outro?

O padre não respondeu. E o advogado repetiu:

—Matou ou não?... Pois o senhor cala-se a esta pergunta?

—Calo, sim, sr. doutor. Não posso responder.

—Está claro! Outro doudo!... Que esquisita familia é esta! Já fiz a mesma pergunta á mulher do preso: silencio! Interroguei Ladislau Tiberio: silencio... O sr. padre João Ferreira...

—Silencio!—atalhou o vigario.

—Nem a mim, que sou seu advogado—tornou com azedume o doutor—ha uma pessoa que me diga matou ou não!...

—Ha—disse um academico que entrava.

—És tu?—perguntou o advogado a Guilherme Lira.

—Sou eu. Casimiro Bettancourt não matou. Tu vaes advogar a causa do homem mais honrado e innocente do mundo!

—Posso dar-te como testemunha, Lira?

—Da sua honra e innocencia? podes; mas não me cites, que eu... ouve-me... eu hei de tirar Casimiro da forca.

—Santo Deus!—exclamou o vigario, lavado de subito suor.—Da forca! Pois é caso de sentença ultima?

—Se a sentença ultima é inapplicavel n'este caso,—disse o advogado—não sei onde está no codigo penal o crime condigno! Mas não se falla aqui em forca... pensemos...

—Não pensemos...—interrompeu Lira—Deixa correr o tempo que pensa por nós.

Padre João foi contar a Casimiro o que ouvira em casa do lettrado, citando o nome de Lira.

O academico recolheu-se, voltou a face, e o sentido apparentemente, sobre outro assumpto, e disse em sua mente:

—Que intenta fazer aquelle desgraçado?

Pergunta que o leitor se digna fazer-me e espera a resposta.

---

## XIV

### Episodio

O padre João Ferreira escrevia miudamente ao fidalgo de Pinhel, e o mesmo Christina, bem que Ruy de Nellas tão sómente respondesse ao padre, accusando a recepção das cartas da filha, com a incumbencia de dizer a Christina que lhe eram agradaveis as suas lettras. De Casimiro Bettancourt só dizia o necessario, attinente ao processo.

Entre o velho e D. Sueiro corria declarada inimisade. Já o de Miranda sabia que o seu sogro protegia Casimiro. Escrevera-lhe altivo reprovando amargamente a incongruencia do seu proceder. O de Pinhel respondeu que o marido de Christina padecia innocente, e D. Alexandre mentia imputando-lhe a morte do faccinoroso, de que elle villãmente se acompanhava. Replicou raivoso D. Sueiro, doestando o sogro, e ejaculando phrases de lacaio a proposito do lustre de sua raça, sujada por um parente, *posto que remoto garfo de seu tronco*. As palavras sublinhadas affrontaram gravemente Ruy de Nellas! Este repto, quinhentos annos antes, daria de si guerra a ferro e fogo, entre os dous ricos-homens. Mas agora, n'este tempo de calmaria podre, em que as injurias se castigam na policia correccional com multa de dez tostões e custas do processo, Ruy de Nellas rebateu a provocação com outras não menos pungentes que certas injurias. E foi grão-caso perguntar-lhe o velho se a Madre Nazareth, fugida do mosteiro de Lorvão, em 1810, e agarrada por ordem regia nas encruzilhadas do inferno, e mettida no tronco para se depurar dos vicios, seria um garfo meritorio do tronco dos Parmas d'Eça ao qual elle Ruy de Nellas se glorificava de ser estranho? Chegadas a tal extremo as insolencias, a reconciliação era impossivel, apesar mesmo das frias tentativas de D. Guiomar, que nunca fôra amorosa filha nem irmã.

As cartas do padre ao fidalgo aventavam como certo o mau resultado do pleito em Coimbra, e invocavam o patrocínio de Ruy para que em Lisboa o supremo tribunal ou o poder moderador dirimissem a sentença condemnatoria.

Teve Ruy de Nellas como acêrto escrever desde logo a sua irmã, convidando-a a esquecerem o passado, para ir assim predispondo-a a mais de vontade o servir. A condessa de Asinhoso respondeu com muito amor ao irmão, lastimando que elle recusasse a sua amisade tantas vezes, em diversos tempos, offerecida; e

acrescentava: «Eu não podia odiar o mano Ruy, que nenhuma parte tomou nos supplicios que me fizeram. Os algozes já estão na presença de Deus!»

—Ainda não está arrependida!...—disse entre si o fidalgo, relendo aquelle periodo.—Mulheres, mulheres!...—acrescentou sacudindo a cabeça.

Estranhará o leitor, que entre aqui mal cabido o episodio de umas aventuras de D. Eugenia de Nellas, condessa de Asinhoso. Conto, porém, com a sua attenção; e peço licença para me desvanecer de apontado em não me desviar da historia principal, sem ao depois me justificar do defeito.

D. Frederico de Paim e Lucena, tio materno de Ruy, vivia na capital, e muito no Paço, gozando as suas numerosas commendas, solteiro, septagenario, e abastado.

Corria por sua conta a educação palaciana de dous sobrinhos, Vasco e Gonçalo, irmãos de Ruy.

Eugenia, muito mais nova que seus irmãos, sahiu tambem de Pinhel, aos doze annos, em 1806, para ser educada em convento, visto que sua mãe tinha morrido, e sua cunhada a tractava asperamente.

Em 1811 sahiu a menina do collegio para casa de seu tio. Eram uns dezoito annos superabundantes de quantas graças feminis, raras vezes, a inspiração divina segréda aos creadores que dizem á tella ou ao marmore o seu *fiat lux*, e o marmore e a tella desentranham em Fornarinas de Raphael, em Collonas como as de Angelo, em Venus como as de Praxiteles. D'estas, o artista, o que não é artista, o homem de coração e sêde do bello, diz: «fel-as o cinzel ou o pincel dos anjos!» de Eugenia diria o artista, o amador, o poeta, o moço ardente, o ancião esquecido de seus ardores, diriam todos: «é um bafejo de Deus, uma alma vestida das perfeições materiaes, privativas do céu, se no céu podem conceber-se fórmulas corporeas!»

Foi Eugenia requestada por consideraveis senhores da côrte. D. Frederico respondia aos que solicitavam sua mão: «Minha sobrinha é orphã de pai e mãe. Casará á sua escolha. Intenda-se com ella quem houver de ser seu marido, que eu lavo as mãos d'ahi.»

Boa resposta; mas Eugenia repellia delicadamente os pretendentes, as maviosidades, e as soberbas feridas na resistencia.

Dois tão dotada e fadada para amar. Eugenia era assim de refractaria condição ao

Por tão dotada e dedicada para amar, Eugenia era assim de refractaria coração ao bem supremo da vida? Dar-se-ha que o seu peito seja dentro de alabastro como se afigura no exterior?

Não; o mesmo amor de que a julgam inimiga é quem a incruceou assim contra os aulicos, os ricos, os soberanos da galanteria d'aquelle tempo.

Amava Eugenia, e amava desatinadamente. O eleito de sua alma era um alferes de cavalleria, amavel de figura, composto de encantos; mas sem fôro grande nem pequeno, sem amigos das primeiras casas do reino, sem nome, que, ao menos, recordasse um general illustre, um lidador distincto das ultimas pejeas grandes da patria com os estranhos. Um mero e simples alferes, pallido, só, melancolico, e timido debaixo dos olhos d'ella.

O palacio de D. Frederico de Paim era na rua de Santa Barbara. O alferes passava alli duas vezes em cada dia, e alguns dias duas vezes em cada hora.

E ella via-o sempre, esperava-o sempre, esperava-o até mais vezes do que o via. Gonçalo e Vasco viam-no tambem, e diziam:

—A assiduidade d'este homem!... Que cuidará elle, ou que cuidará nossa irmã!

Indagaram pela rama; e, em occasião opportuna, disseram a Eugenia:

—Olha que o militar que vês ahi passar, e procuras vêr, é um biltre, que principiou soldado. Sirva-te isto de governo, e lembra-te que és Eugenia de Nellas Gamboa de Barbedo.

A menina, se a revelação a envergonhasse, córaria; se o coração lhe doesse, impallideceria; ora, como nem córou nem impallideceu, é razão presumir que o seu pudor e coração ficaram illesos; e, depois, concluir que ella, assim mesmo, amava-o sem pejo da baixeza d'elle nem vangloria de seus appellidos. Concluem assim que tem a maxima probabilidade do acêrto.

E o alferes continuou a passar na Rua de Santa Barbara, e a surgir no alto da collina da Penha de França, d'onde Eugenia do seu miradouro o avistava.

D. Frederico, avisado pelos sobrinhos, disse que estava seguro do bom siso de Eugenia; mas, por cautella, na primavera de 1815, quando a menina já entrava nos seus vinte annos, foi passar seis mezes á sua quinta de Camarate.

—O remedio prudente é este—disse o velho aos sobrinhos.—Não façamos alarido, que ha casos de frageis avesinhas, espavoridas por algazarras, romperem os arames da gaiola.

Quando isto foi, já o alferes se carteava com Eugenia, mediante a aia, que viera de Pinhel.

A passagem para Camarate aggravou a enfermidade. Convem saber que ha casos em que o amor, o mais sadio e rosado dos deuses, se chama «enfermidade». Exemplo: amarem-se duas pessoas, divorciadas pelo acaso do nascimento ou da riqueza, é enfermidade; amarem-se, porém, um casal de ricos, de nobres, de ralé social, ou de mendicantes, isso sim é amor, que é saude, e só póde adoecer, n'uns, em hidropesia de tedio, n'outros, em resiccação de fome.

A quinta de Camarate era um arvoredado, que competia com o reinado de D. João III. Fôra plantado e alinhado por D. Mem Vasques de Lucena, sumilher de El-Rei, e aio do infante D. João, pai de D. Sebastião Era memoria que aquellas arvores, ainda tenras, tinham visto os amores de D. João III com D. Izabel Moniz, moça da camara da rainha D. Leonor, amores que deram de si o principe, arcebispo de Braga, D. Duarte, que morreu na flor dos annos. Para alli diziam os Lucenas que o monarcha transferira a dama, odiosa á rainha.

Parecia, pois, que a folhagem do arvoredado estava rumorejando uma chronica de reaes amores.

As fontes respondiam ás arvores, as aves ás fontes, as borboletas dialogavam com as flores, as flores trahiam com a viração as borboletas: era tudo alli um suspirar, um ouvir-se muito interno harpas e córos, symphonias aerias, milhares de pronunciações confusas da terra, dizendo todas «amor»!

E para onde elles levaram Eugenia, que já comsigo levava a saudade!—a saudade, verdugo que mata acariciando, corda de estrangulação tecida com fios de ouro, segredo que Lucifer, ao despenhar-se, roubou do céu, e nunca mais restituiu!

Alli é que o amor pegou d'ella com violenta mão, sendo que até áquelle dia lhe fôra sempre mão cheia de meiguices e serenas esperanças.

Gonçalo e Vasco julgaram sua irmã segura, e ficaram por Lisboa, onde tinham seus affectos, e suas devassidões. O velho, contente com as suas arvores, e com a

menina, que lhe ouvia a menos edificativa lenda dos amores de D. Izabel Moniz, não sabia de Camarate.

À noite, assim que a brisa esfriasse, D. Frederico digressava do jardim, dava um osculo em sua sobrinha, e fechava-se em seus aposentos.

Ora, depois ainda, a menina ficava sentada no banco rustico, resguardada de sycomoros, aspirando as baunilhas, sacudindo as granulações das pimenteiras, ou devaneando pela via lactea fóra, de constellação em constellação, com os olhos lá, e o coração na terra proxima, no muro da quinta por onde o alferes subia. E não se atemorizava dos plátanos gigantes nem das danças macabras das sombras, agitadas pelo vento da alta noute!

À uma hora rugia a folhagem debaixo dos seus pés nas ruas ladeadas de murtas; os molossos lambiam-lhe as mãos, sorvendo os latidos ferozes; as avesinhas acordavam e saudavam-na ao passar; o rouxinol das cinzeiras soltava as notas mais dilectas; e ella ia á gruta conhecida, e esperava com a mão no seio como quem diz ao coração: «Espera, ditoso impaciente!»

Ao abrir da manhã de 16 de agosto d'este anno de 1815, Eugenia ouviu quatro tiros nas cercanias da quinta, e tremeu, tremeu até cahir de joelhos.

D'ahi a pouco estrondearam os argolões do portão da quinta. A aia entrou ao quarto da menina, e disse:

—Chegaram seus irmãos. O senhor Gonçalo vem ferido n'um braço: já foi chamar-se o cirurgião ao Lumiar.

Gonçalo e Vasco estrenoutaram o tio, e fecharam-se com elle. O que ahi disseram collige-se dos successos seguintes.

Durante o dia, Eugenia não viu seus irmãos nem tio. Sabia que se faziam preparativos de viagem. Mandou indagar dos caseiros o que seriam os tiros da madrugada. Os caseiros tinham ouvido as detonações, e a estropeada de cavallos. Estaria morto o alferes?

—Matal-o-hiam?—perguntava Eugenia á sua aia—e, depois, ousava perguntal-o a Deus.

Se ella pudesse ouvir este dialogo dos irmãos...



—Chego a duvidar que as pistolas tivessem ballas—dizia Gonçalo.

—Carreguei-as eu—afirmava Vasco.

—E foi-se a salvo!

—Quem sabe?!

—Não o viste correr sobre nós, e desfechar de perto, e retirar-se muito a passo? E depois não o avistaste a subir a charneca sobre o cavallo?

—Vi.

—Como queres tu que elle fosse ferido!?—retorquiu Gonçalo—Com meia pollegada á esquerda, o canalha mettia-me a bala na cintura—dizia elle levando a mão ao ante-braço direito—Eu é que estou ferido devéras... Não contávamos com isto, Vasco! O homem tem fibras!

Ao fim da tarde, sahiu da cocheira uma caleça de jornada apposta á parelha de machos.

N'esta occasião foi chamada á presença de seu tio, que mansamente lhe disse:

—Se tivesses pai ou mãe, mandar-te-ia para elles, sem te dizer a razão: tu a saberias de mais, e eu me pouparia á dôr e pejo de repetil-a. Entrego-te a teus irmãos. D'elles te defendi alguma vez; agora estou desarmado pelo teu proceder. Disse de mais. Ahi fóra está posta a caleça para conduzir-te a outra parte, segundo vontade de Vasco. Não vai Gonçalo, que está ferido da bala do homem que saltava os muros da minha quinta, com teu consentimento. Adeus, Eugenia.

D. Frederico entrou rapidamente no seu quarto, contiguo á sala, e fechou-se a chorar.

Vestiu-se Eugenia soluçante, e cobrou animo, quando viu que a sua aia se preparava. Entraram ambas na caleça, onde as seguiu Vasco. Chegaram de noute a Lisboa, e pararam á porta do palacio de D. Frederico.

Vasco mandou descer a aia de sua irmã, e disse-lhe:

—Sobe; diz ao mordomo que te pague; e vai á tua vida.

—Onde vai ella?!—gritou Eugenia.

—Não queremos gritos—atalhou o irmão.—Pica, bolieiro!

As mulas galoparam até entrarem á estrada do Beato Antonio, onde Vasco de Nellas cavalgou, adiantando-se.

A jornada de Eugenia durou dous dias e meio. Parou a carroça diante de um palacete velho, em Recalim, no termo de Torres Novas. Era ali uma grossa commenda de D. Frederico, casa chamada da «renda», habitada pelos Pains de Lucena, quando, desgostosos da destronisação de Affonso VI, se affastaram da côrte.

Entrou Eugenia a um grande salão decorado como o deixaram seus avós, quando voltaram a Lisboa.

A tranzida menina sentiu frio e medo.

Surdiu-lhe logo, de sob a orla de um reposteiro de côr inqualificavel, uma creatura, ao que parecia, femeal. Dirieis que uma cuvilheira dos Lucenas, adormecida em 1680, ao sahirem seus amos, acordára como Epimenides, cento e trinta annos depois, e estremunhada sahira ao salão para vêr qual das fidalguinhas Pains estava a soluçar.

Eugenia encarou-a, e estremeceu.

—Entrou a velha, fez tres medidas, e disse:

—Guarde Deus a v. ex.<sup>a</sup>

—Adeus—murmurou Eugenia.

—Em quanto não chegam as outras creadas—tornou a creatura com ares benignos—a fidalga queira mandar-me em seu serviço. Eu fui ama de leite de sua mãezinha, que foi casar a Pinhel.

Estas palavras reanimaram Eugenia, que se aproximou voluntariamente da velha, em quanto ella continuava:

—V. ex.<sup>a</sup> é o retrato d'ella: já o sabia por m'o dizer o sr. Frederico; mas eu estou aqui ha quarenta annos desde que ella casou. Seu avô, o sr. D. Carlos de Lucena,

mandou-me para Recaldim com ordenado e casa para a velhice. Já quiz botar-me por essa estrada fóra, até Lisboa, só para ver a filha da minha menina; mas a carga dos annos, oitenta bons, não se leva onde a gente quer. Fiquei agora atonita, quando vi entrar o menino Vasco, e me disse: «minha irmã vem aqui estar algum tempo. Amanhã chegam outras creadas, que ficam debaixo da sua vigilancia, e um creado que lhe transmittirá as minhas ordens.

—O mano já sahiu?—atalhou Eugenia.

—Chegou ás quatro, e sahiu ás cinco horas da manhã. Admiro que v. ex.<sup>a</sup> o não encontrasse... Então é que foi pelo caminho de baixo.

Eugenia, n'um impeto de confiança, abraçou-se na velha, e exclamou:

—Por alma de minha mãe, vale-me?

—Se lhe valho, meu serafim? que quer v. ex.<sup>a</sup> da sua serva humilde?

—Queria escrever uma carta.

—Ó menina, isso barato é de fazer; mas o rendeiro da commenda anda á cobrança, e levou a chave da sala, onde está o tinteiro e o papel.

—Pois nem um bocadinho de papel?!... Não tem um livro?...

—Livro tenho as minhas *Horas* e o *Retiro Espiritual*.

—Deixa-me vêr se ha uma lauda em branco?

O *Retiro* tinha a folha do ante-rosto surrada, mas susceptivel de receber caracteres. Eugenia despregou um alfinete, picou o dedo indicador, apertou-o até bolhar sangue. Depois com a cabeça do alfinete embebida, escreveu:

*Estou em Recaldim, perto de Torres Novas, na commenda do tio. Aqui morrerei.* Voltou-se com recrescente vehemencia para a velha, e disse:

—Dá-me um bocadinho de pão para eu fechar este bilhete?

—Sim, minha menina.

Mastigou o pão, fechou o bilhete e subscriptou-o.

—E agora?—tornou ella—o peor é agora...

—Que queria v. ex.<sup>a</sup>?!

—Que me levasse esse bilhete a Lisboa.

—A Lisboa? A menina não sabe o que é ir a Lisboa! São dous dias e meio de jornada, andando de noute duas horas.

—Não importa... Eu pago...

—Mas pagar a quem, meu anjinho do Senhor? Ora venha cá... isto é paixão?

—Paixão de morrer, minha amiga...

—Chame-me sua creada Brites. Paixão para bem ou para mal?

—Eu queria casar-me com elle; mas meus irmãos perseguem-nos.

—Eu logo vi que a vinda de v. ex.<sup>a</sup> era cousa de amor... O seu adonis não é fidalgo pois não?

—Não é...

—Logo vi... E é pessoa de bom porte?

—É um alferes de cavalleria, muito bom de coração, muito gentil, a minha paixão unica, o meu disvello de ha tres annos, a minha vida... e será a causa da minha morte.

—Coitadinha! Deus o fará melhor. Então quer a menina que elle saiba que a trouxeram para aqui?

—Sim, queria.

—Então, deixe estar, que eu de hoje até ámanhã, hei de cogitar no caso. Pediu-me isso por alma de sua mãe, eu só se não poder de todo em todo. Quem me ha de levar a cartinha, se as contas me não falham, ha de ser o cocheiro da caleça; mas o peor é não termos outro papel... Ora espere, que eu tenho alli uma sentença que me cá deixou meu sobrinho, que andava a aprender a ler. Tinta

arranja-se sem a menina furar os seus mimosos dedinhos. Com uma pouca de felugem da chaminé e vinagre, faz-se tinta. Penna, vai se tirar uma de galinha, e com uma faca fazem-se-lhe os bicos.

A sr.<sup>a</sup> Brites em tanto tempo quanta era a anciedade de Eugenia, veio com tudo a ponto: meia folha de papel sellado do tempo de D. João V, uma tigella com a dissolução de felugem em vinagre, uma penna de galinha, e a faca mais afiada.

Eugenia, se se não uzasse o aparo das pennas, tel-o-ia inventado n'essa ocasião.

Estava tudo em ordem. Sorveu a sr.<sup>a</sup> Brites uma pitada de esturrinho, e disse:

—Escreva lá v. ex.<sup>a</sup>

---

## **XV**

### **Continuação**

D. Eugenia escreveu o que dictava Brites:

«Minha sobrinha. Logo que esta receberes, sem demora de tempo, vai tu mesma em pessoa pessoalmente...»

—Onde é que ella ha de ir levar a carta?—perguntou Brites.

—Ao quartel de cavalleria a Alcantara.

—Escreva, meu serafim:

«Vai ao quartel de cavalleria a Alcantara, e entrega o bilhete, que vai dentro d'esta, á pessoa que lá diz por fóra...»

—Eu—interrompeu-se Brites atacada de modestia—não tenho muito geito para notar cartas; mas o que a gente quer é que nos entendam.

—Vai muito bem—disse Eugenia.

—Pois ponha lá:

«Toma conta que a não vás entregar a outra pessoa; e da resposta que houver escreve-me para Torres Novas. Sem mais enfado, tracta d'isto como coisa de muita... de muita...»

—Ponha lá a menina uma palavra, que diga... sim... que diga que é cousa de muita aquella.

—De muita consideração.

—Isso mesmo.

Eugenia sobrescritou á sr.<sup>a</sup> Apollinaria dos Martyres, na calçada dos Barbadinhos, n.º 21—quinto andar á esquerda.

A irmã de Ruy de Nellas abraçou-se na ama de sua mãe, e clamou:

—Cuidei que estava mais desamparada. Ha almas boas em toda a parte, louvado seja o Altissimo!

—*Amen*—respondeu christãmente a sr.<sup>a</sup> Brites, e foi á cosinha, onde o bolieiro estava jantando para voltar com a caleça ao fim da tarde.

—Vm.<sup>ce</sup> faz-me o favor de entregar em Lisboa uma carta á minha sobrinha? Aqui vae o nome e a rua. Se lhe não custa...—disse a velha.

—Não me custa nada, tia Brites; mas dobre-me a porção de vinho.

—Ahi vai, homem. Beba; mas não desatre-me, nem me perca a minha cartinha.

—Fique certa, que de hoje a tres dias por estas horas, já está nas mãos da dita

supplicanta. Diz ella tudo pelo claro nas costas?

—Vai tudo pelo claro.

—Então, metta-m'a ahi no bolso da jaqueta, e carregue-me o copo.

Foi a carta entregue á sr. Apollinaria, e o bilhete ao alferes de cavalleria, o qual, segundo veridicas informações da engommadeira da rua dos Barbadinhos, chorou, e vasou as algibeiras nas mãos tolerantes da sr.<sup>a</sup> Apollinaria.

Escreveu o alferes uma longa carta a D. Eugenia. Principiava contando a descarga de dous tiros inuteis que lhe déram. Disse não conhecer as pessoas, que lhe atiraram, por virem rebuçadas, e estar ainda a limpar a manhã. Contou que o não feriram; mas suppunha elle ter sido mais certo na pontaria. Acrescentava que ia ser removido para Bragança, por intrigas e influencia dos irmãos de Eugenia; e declarava-se, a final tão desgraçado e desprovido de recursos, que não podia ir arrebatá-la das mãos da sua cruel familia, sem desertar, e collocar-se na precisão de ir perecer de miseria com ella em reino estrangeiro. Pedia-lhe, em summa de tudo, animo, e esperança.

Leu Eugenia a carta com profundo desgosto.

«Não me terá elle amor?!»—disse ella entre si.

Viu-a chorar a devotada Brites, e pediu-lhe o favor de lhe ler a carta. Quiz ouvi-la segunda e terceira vez. Consolidou as suas convicções com uma pitada e disse:

—Esse rapaz, quem quer que elle seja, tem tino na cabeça, e pensa bem. A menina por que chora?

—Nem sequer falla em vir vêr-me!...

—Pois se o pobre homem vai de marcha lá para cascos de rolhas, como quer a fidalga que elle deserte ás bandeiras, e venha aqui? E depois? que seria d'elle? e a sorte da minha flor do céu, era muito melhor!?...

Pudéram muito com D. Eugenia as razões de Brites, e mais ainda a promessa de tomar a velha á sua conta a correspondencia segura entre Bragança e Torres Novas.

Era chegado o momento de uma confidencia, que tem sido o balsamo de piedade



em coração de pais lacerados, pela ira e pela deshonra: não será muito que o leitor, invocado a julgar-o O BEM E O MAL d'esta serie de biographias, dê sua piedade á desventura culpada, assim como tem dado suas benções á virtude sem nodoa. Ha crimes repulsivos; o engenho mais abalisado, a philosophia mais bem fingida, sob capa de verdade, tenta em balde mover-nos á compaixão do delinquente, em quanto o retalhar do remorso o não fez delir com lagrimas o stygma que a moral lhe assignalou: outros crimes, porém, são de si, e por vontade divina, sympathicos não direi; mas, se a ré se pranteia, e se olha em seu seio, e exclama: «Ó meu Deus! hei de eu espedaçar em respeito ao mundo este filho, que é o meu amor e o meu opprobrio?... hei de eu abafar o grito da minha consciencia e coração, para que o mundo me veja um rosto limpo, um rosto lavado no sangue do meu filho?...» Quando a mulher assim falla a Deus, a misericordia divina dá-lhe um anteparo contra as injurias do mundo; e o mundo, se lhe adivinha as dôres, e o mimo d'aquella paixão, á qual só falta um sacramento para ser santa, o mundo perdoa-lhe, embora a repulse do contacto das almas candidas, das suas filhas, das suas esposas, das suas irmãs, que Deus permitta não humilhem com maiores desprezos a desgraçada que é mãe.

É, pois, chegado o momento da confidencia. Quem a recebe é a consternada velha, que vira nascer a mãe d'aquella menina. Até áquelle momento, Brites estivera longe de imaginar um erro n'aquelles amores: julgava-os na sua maxima pureza. Descem lagrimas nas rugas dos oitenta annos, lagrimas de bom agouro, que deixam mais livre o accesso á piedade. Eugenia cuida que o revelar-se aos irmãos lhe dará um esposo, lhe será redempção de ignominia.

—Não, minha infeliz senhora, não!—exclama a velha.

E conta-lhe tres identicas e desventurosas historias, que ella presenciou em sessenta annos de serviço n'aquella familia: tres mulheres sepultadas em conventos, onde nunca entrou raio de contricção nem conforto.

O alferes sabe em Bragança as agonias de Eugenia, e sente n'alma o estylete excruciante da expiação. Nenhuma morte sustenta o parallelo com as flagellações de seis mezes, soffridas a tantas leguas de distancia.

Eugenia recebe o ar e a luz pela janella do seu quarto unicamente. Teme-se da observação das creadas, que lhe espiam os passos, em suspeitarem de Brites. A velhinha tudo provê e prevê; mas, a intervallos quer morrer, antevendo as agonias da hora improrogavel, da hora em que o grito de afflicção rompe atravez das mãos da vergonha que tentam suffocal-o

das mãos da vergonha, que tentam sacodear o.

Era no mez de dezembro de 1816.

O alferes lançou-se aos pés do general da provincia de Traz-os-Montes, que demorava em Bragança n'essa occasião. Abre-lhe sua alma, em torrentes de pranto. O velho general chora, e diz:

—Tenho rigorosas recommendações a seu respeito; mas vá, peça-me licença para ir ver sua familia. Dou-lh'a por quinze dias. Vá, embora eu tenha de soffrer.

O alferes vestiu habitos paisanos e desceu a Torres Novas. Alli vestiu-se de mendigo, simulou uma paralisia de braços, e pediu gasalhado em Recaldim. Trocou ligeiras palavras com Brites, e não viu Eugenia. Voltou á albergaria do commendador algumas noutes. Os creados contemplavam-n'o, e diziam:

—Tão novo e tolhido de braços!

As creadas accrescentavam:

—E não havia de ser feio!

Na noute de quinze de janeiro, por volta de onze horas, abriu-se a porta da albergaria, entrou Brites com a face alagada de suor e lagrimas. O alferes formou entre os braços com as dobras da capa de mendigo uma caminha de farrapos, recebeu um menino, e sahiu. A duzentos passos estava o leal camarada do official, com um cavallo á redea. O alferes cavalgou, o auxiliar saltou á anca do cavallo, e partiram.

Em Torres Novas alimentaram o recém-nascido. Proseguiram até Santarem, onde foi baptisado sete dias depois. Alli veio uma ama do Cartaxo, e o levou comsigo.

Estava a expirar a licença. O alferes entrou no quartel, á ultima hora, e beijou as mãos do general, dizendo:

—Dei-lhe o nome de v. ex.<sup>a</sup>. Ahi me fica a memoria da sua commiserção, general!

D. Eugenia de Nellas, dous mezes depois d'estes successos, recebia uma carta de seu irmão Vasco, participando-lhe que ia casar com uma titular brasileira, agraciada pelo sr. D. João VI, e convidava sua irmã a acompanhá-lo á côrte do

Rio de Janeiro.

D. Eugenia respondeu que queria viver e morrer no seu desterro de Recaldim.

«Bem sei—replicou Vasco.—Bem sei...—Brevemente, se quizeres salvar o amante, mudarás de resolução.»

Decorreram alguns mezes. Instaura-se processo a Gomes Freire de Andrade. São presos os cúmplices da conspiração, e os suspeitos cúmplices. O alferes é chamado a Lisboa, e recolhido ao castello de S. Jorge, como indiciado nos planos subversivos do general Freire de Andrade. São os Lucenas que tramam a bem agourada perdição do alferes.

Eugenia é avisada do encarceramento do alferes.

A faca apontada ao peito da tímida senhora é um dilemma: se ella persiste em ficar, o alferes morrerá; se vai para o Brazil, o réu absolvido.

Eugenia vai para o Brasil, o alferes, sem saber porque o accusam, nem porque o absolvem, sahe do castello e entra nas fileiras.

Ruy de Nellas, acantado sempre no seu solar de Pinhel recebera a infausta nova da queda de sua irmã. Respondendo a Vasco, disse: «Não tenho irmã, nunca me fallem n'essa mulher. Fizeram bem não me dizer o nome do insultador de nossa familia, se é que elle tem nome.»

Saltemos a 1820. D. Eugenia é o assombro dos salões do Rio de Janeiro. Reviçam-lhe todas as graças; a da melancolia realça-lh'as, melancolia que dava a entender que o anjo, lembrado do céu, tinha saudades.

Vasco é-lhe odioso. A casa do irmão atormenta-a como um ergastulo. Perdeu esperanças de voltar á patria, e aspira a ver no céu o esposo de sua alma.

De repente, como que as esperanças lhe morrem, e a querida dos fidalgos brazilienses desce os olhos sobre a terra.

Vê um conde que fôra de Portugal com o principe regente, e a requesta de joelhos. E vai ella, levanta com a sua mão o homem que ha de resgatal-a do dominio do irmão, e sahe condessa de Asinhoso da casa abominada.

No redemoinho das festas, a condessa parece estar sempre em contemplação

d'um tumulto. E o marido mais a adora assim; e ella, de lhe ver o amor atravez das lagrimas, enchuga-lh'as e pede a Deus um novo coração para seu marido.

Nunca mais seus labios responderam a Vasco; e, ao terceiro dia de casada, disse ao conde:

—Meu amigo, a presença de meu irmão n'esta casa é como a do algoz da minha felicidade, e da tua, se posso dar-t'a.

O conde de Asinhoso ouvia sua mulher, e obedecia com jubilosa escravidão.

Gonçalo de Nellas havia morrido em 1819. D. Frederico Pain de Lucena morreu em 1820, legando os seus bens ao sobrinho vivo; Vasco, em viagem para a patria, morreu de febres.

A condessa enviuvou em 1833. Cuidou em liquidar os seus copiosos haveres, e voltar a Portugal.

Uma delirante esperança vinha com ella. Rica, livre, com a alma inteira no seu passado amor!

Desembarcou em Lisboa por junho de 1834. Reinava D. Pedro IV.

Mandou indagar do alferes de 1817 aos seus camaradas anteriores á scisão politica. Responderam-lhe que tinha morrido na guerra.

Ergueu ella então as mãos e disse:

—Ó meu Deus: merecia eu tamanho castigo?!

Mandou ainda perguntar por um filho do militar que morrera. Ninguém deu novas de tal filho. O espirito publico batia as azas ainda no ambiente de fogo e ninguem curava saber onde podia existir o filho d'um official que morrera rebelde.

Foi então que a condessa d'Asinhoso, aterrada da sua soledade, escreveu a Ruy de Nellas, pedindo-lhe a sua estima, e uma filha que lhe fosse companhia.

O irmão não lhe respondeu.

Esta é a historia triste da senhora cujo valimento Ruy de Nellas vai pedir a favor

de seu genro.

Qual é o valimento da condessa em Lisboa? É o prestígio da riqueza, e da beleza ainda.

Quarenta e seis annos, com trinta de amarguras e ainda formosa! É que ha mulheres de tamanha alma, que primeiro o fel da desgraça ha de encher-a antes que o corpo se alquebre.

Das masmorras de 1793 sahiam formosissimas mulheres para a Guillhotina.

A mulher de Luiz XVI tinha pequena alma, sonhára vinganças mesquinhas, e por isso lhe encaneceram os cabellos n'uma hora.

Madame Roland, a scismadora de revoluções uteis, ia formosa no seu carro de morte.

Carlota Corday illuminou-se de formosura mystica ao vêr-se espelhada no aço do alfange.

---

## XVI

### O julgamento

Ao cabo de cinquenta dias estava o processo prompto para entrar em julgamento. Dominava em Coimbra a opinião de ser inevitavelmente condemnado Casimiro de Bettancourt. A innocencia que algumas pessoas apregoavam, era em geral recebida, a riso, como um paradoxo.

A alma de Christina confrangia-se, e os labios sorriam ainda. Era ella só quem ainda simulava esperanças; mas que supplicios surdos lhe custava dissimulação!

Ladislau e o vigario em vão queriam imital-a. A sua tristeza era como as trevas do cego que não se allumiam ao tremor convulso da palpebra. Queriam esperar-se e de toda a parte lhes soava como irremediavel a sentença. Rosnava-se em compra de jurados: não era preciso arguir ao suborno a condemnação. Casimiro estava sem defeza: o seu silencio impressionava favoravelmente as almas distinctas; o vulgacho, porém, que havia de julgar das provas, daria importancia nulla á mudez do réu. Os protectores de D. Alexandre eram os mais graudos fidalgos de Coimbra e cercanias. Por Casimiro Bettancourt ninguem pedia. O padre e o cunhado, reduziam-se a promover o andamento rapido do processo, pagando liberalmente as despesas e actividade do procurador. Isto era bastante; mas faltava muito.

Ruy de Nellas affligia-se a cada nova carta desanimadora que recebia; entretanto, a solução favoravel em Lisboa era um respiradouro para elle e para os poucos amigos do preso.

Designado o dia do julgamento, o pai de Christina escreveu a sua irmã, contando-lhe os pormenores do casamento da filha, as desventuras do genro, a sua innocencia no crime assacado, a indefeza pertinaz em que se pozera, o mysterio do homicidio, a certeza de que o silencio de Casimiro Bettancourt era um heroismo de honra, talvez novo. Rematava pedindo á condessa de Asinhoso, que patrocinasse em Lisboa sua sobrinha, que era mãe e esposa extremosa.

Na ante-vespera da audiencia, travaram desordem uma malta de academicos ricosos com as patrulhas nocturnas. Alguns estudantes retiraram feridos, e invocaram Guilherme Lira, em nome da honra academica. O chefe da Sociedade da Manta respondeu que n'uma das proximas noites seria vingada a academia

ua minha respondeu que n'uma das proximas noites, seria vingada a academia.

No dia immediato entrou Guilherme no escriptorio de um tabellião, e pediu meia folha de papel sellado. Assignou-se no fundo da lauda, e fez que o notario lhe reconhecesse a assignatura.

Recolheu a casa, e deteve-se algum espaço, escrevendo no branco da folha assignada e reconhecida. Fechou em fórma de officio, lacrou, e escreveu algumas palavras no involucro. Depois fez algumas cartas: uma subscriptada a D. Joaquina Soares de Lira, sua mãe, residente em Evora; outra a sua irmã, casada em Extremoz; e ainda uma terceira brevissima, dirigida a uma senhora, que tinha o segredo da ferocidade d'aquelle homem. Terminava assim: «Não te cito para o céu nem para o inferno. Chamo-te diante do teu proprio remorso. Viste-me um anjo aos dezoito annos; e fizeste de mim isto que sou. Não te accuso: lá tens dentro d'alma o teu algoz. É tempo de acabar.»

Deitou a carta na caixa postal, e foi á cadeia, segundo o seu costume quotidiano, vêr Casimiro. Eram quatro horas da tarde. Estava o jantar na meza. Guilherme sentou-se ao lado de Christina, e comeu com appetencia. De uma vez inclinou-se ao ouvido da senhora e disse-lhe:

—Amanhã já v. ex.<sup>a</sup> janta em sua casa com seu marido...

Christina soltou um brado de alegria.

—Que é?!—inquiriram todos.

Guilherme fitou-a e descahiou as palpebras.

Era impôr-lhe silencio, e ella abafou a revelação, que lhe crispava nervosamente os labios, e arquejava o seio.

Esperaram, brevemente a resposta com anciedade. Christina fitou os olhos supplicantes no academico, e elle, erguendo-se, disse:

—Póde fallar, minha senhora, d'aqui a instantes.

E abraçou Casimiro, beijando-o nas faces ambas; abraçou Christina osculando-lhe a fronte; apertou affectuosamente as mãos de Peregrina, Ladislau e padre João; affagou as duas creancinhas, e sahiu de golpe.

— . . . . .

Casimiro chamou-o com vehemencia, e elle não voltou.

Referiu Christina o que lhe ouvira. Casimiro concentrou-se, pensou alguns minutos, e disse:

—Não mentiu. Amanhã jantaremos em liberdade.

Pediram-lhe o sentido das palavras do academico.

Bettancourt respondeu:

—Amanhã.

Notaram todos que a tarde e noute d'aquelle dia foram as mais tristes horas de Casimiro na sua prisão de dous mezes. E, comtudo, Christina escondia o seu contentamento.

Eram dez horas da noute, quando Casimiro ouviu grande grita e o estrondo de alguns tiros. Estava já sósinho, passeando febrilmente na saleta, e disse entre si:

—É agora.

O alarido e o tiroteio continuaram.

Collou o ouvido ás portadas da janella, e ouviu dizer na rua:

—Mataram o Lira.

Meia hora depois recahiu tudo em silencio quebrado pelas passadas das patrulhas em tresdobro. E o carcereiro bateu de manso á porta de Casimiro, e disse:

—Dorme?

—Não. Póde entrar.

—Vou contar-lhe o que vai. O seu amigo Lira espancou as patrulhas, que encontrou desde o bairro alto até á rua do Coruche. A Sociedade da Manta appareceu em armas, atacou reforço, que sahiu do quartel. Quando ia retirando para o Monte Arroio a estudantada debaixo de fogo, o Lira ficou atraz, sem arma nenhuma, a não ser o varapau de choupa que mettia a peito dos soldados. Tinha



elle recuado até ás grades de Santa Cruz, quando cahiu morto com uma bala atravessada de fonte a fonte. Meu filho vem de observar. Faz dó ver um homem tão valente assim morto como se mata qualquer poltrão!...

—Obrigado á sua noticia.

—O sr. ficou triste devéras!—tornou o carcereiro—Tem razão, que elle era seu amigo d’uma vez!... Boas noites, sr. Bettancourt. Ámanhã é o dia da grande batalha, espero em Deus que...

O carcereiro tão certo estava da condemnação, que não ousou concluir a phrase da esperança em Deus.

Mal se abriram as portas da cadeia, entraram Christina e os amigos a contarem o successo. A justiça ia tomar conta do espolio do morto. Coimbra estava agitada de terror. Esperava-se grande lucta da academia com a tropa no acto do enterro de Guilherme. Suppunha o padre que se não abrisse o tribunal, para obviar o azo da desordem. Contou Ladislau que o estudante, na vespera, tinha ido reconhecer a sua assignatura a um tabellião. Christina, que tudo sabia, esperava que seu marido fosse salvo por uma declaração de Guilherme. Eram, porém, nove horas, e não apparecia alvará de soltura, nem contra ordem de julgamento.

Ás dez horas chegou o official de juizo para acompanhar o réu ao tribunal.

Logo á sahida do carcere, ouviu Casimiro dizer:

—É preciso ir acabando com os assassinos. Um já lá vai: este não tarda; os outros hão de ir quando lhes chegar a vez.

Quem tão sisudamente discreateava era o cidadão honesto da Couraça dos Apostolos, em cuja cabeça Guilherme deixára um signal inutil para a morigeração da pessoa.

Sentou-se Casimiro no banco dos réus. Christina, Peregrina, o padre e Ladislau ficaram fóra da teia. D. Alexandre de Aguilar, como parte, sentára-se entre o seu advogado e o representante do ministerio publico. Na acareação de author e réu, perguntado o primeiro se reconhecia em Casimiro Bettancourt o sujeito que espancára, o fidalgo respondeu:

—Não podia ser outro.

—Pergunto a v. ex.<sup>a</sup> se é aquelle e não se podia ser outro—replicou o juiz.

—É aquelle.

Sahiram a depor as testemunhas de accusação. Eram concordes em dizer que viram entrar na casa do réo o sujeito que matára um homem, e deixára outro estendido. Recordaram todas as precedentes aggressões que o réu fizera contra o author, já no botequim da rua Larga, já na ponte. O cidadão honesto sobreexcedeu a má vontade das demais testemunhas, dizendo que o réu era sujeito de tão máus costumes que roubára uma filha a um fidalgo seu bemfeitor, e com a filha roubára as joias da familia.

—Esse infame está a mentir!—exclamou Christina.

Casimiro voltou-se para o lado onde estava sua mulher, e encarou-a fito, com severo olhar.

O juiz disse:

—A senhora não pode aqui fallar.

—O que ella diz não se escreve—acrescentou a faceta testemunha, sorrindo do alto da sua probidade.

—Querello da testemunha—disse o advogado do réu.

—Eu não querello da testemunha—emendou Casimiro.

—Em tempo competente resolverão—admoestou o juiz.

Convergiram todos os olhares sobre Casimiro.

Um dos jurados disse:

—Eu já não condemno aquelle homem!

—Porquê?!—perguntou o visinho.

—Aquelle homem está innocente ou é doudo.

—Qual doudo? aquillo é um grande farcista! Elle não querella da testemunha,

porque sabe que roubou as joias.

Terminou o depoimento de accusação por parte do author e do ministerio publico.

Esperava-se por testemunhas de defeza: o escrivão disse que não estavam inscriptas nenhuma.

—É doudo ou não?—disse o jurado bem intencionado.

—Qual doudo? replicou o outro.—É tão patife que não tem quem o defenda.

Ia levantar-se o patrono de D. Alexandre, quando o administrador do concelho entrou na sala do tribunal, e entregou ao advogado do réo uma carta em fórmula de officio.

O orador, que já tinha dito: «Srs. jurados!» suspendeu-se.

O patrono do réo leu uma meia folha de papel, e disse, em pé, com os cabellos hirtos:

—Sr. doutor juiz de direito, v. ex.<sup>a</sup> me dirá se o debate deve continuar, depois de ler a declaração que remetto á consideração de v. ex.<sup>a</sup>.

Machinalmente ergueram-se todos, auditorio, e jurados.

O juiz leu mentalmente, e passou o papel ao delegado. Trocaram breves palavras, e deram ao official de justiça o papel.

—Leia o sr. advogado do réo—disse o juiz.—Eu por mim intendo que terminou o debate.

—Sou de igual parecer!—ajuntou o ministerio publico.

O advogado de Casimiro, limpando as camarinhas do suor, leu com voz tremente de alegria e commoção d'alma:

«Declaro eu Guilherme de Noronha e Lira, estudante do 5.º anno de direito, que fui eu quem matou, na noute de 16 de janeiro do corrente anno de 1840, um creado de D. Alexandre de Aguilar, e empreguei os meios de matar tambem o amo. Não tinha contra algum d'elles motivo de odio pessoal; mas, como inimigo

jurado de poltrões covardes, e sabendo eu que elles espreitavam ensejo de matar Casimiro de Bettancourt, mancebo tão honrado como valente, protestei livral-o de tão miseraveis inimigos, atacando-os sósinho e sem mais arma que um páu de choupa, no momento em que elles tinham arrombado a porta de Casimiro para o irem matar entre sua mulher e sua filhinha d'um anno. Declaro mais que fui eu quem afugentou a companhia, postada ás portas de Casimiro na intenção de o arrancar ás garras da justiça; mas o meu amigo não quiz fugir, assegurando-me que se havia de salvar sem pôr em risco a minha segurança. E por tanto, resolvido a acabar com a vida, poucas horas antes de me deixar matar, faço esta declaração, e peço a Casimiro Bettancourt perdão de o ter infelicitado, quando cuidava que o beneficiava com o meu zêlo guardador da sua preciosa vida. Peço também perdão da inexplicavel fraqueza que me tolheu de eu ter feito esta declaração desde o momento que o meu amigo entrou no carcere. Eu sei que elle me perdoou; mas volto as minhas supplicas para a esposa attribulada, que tantas vezes, com um sorriso de amiga, devia execrar o causador das suas calamidades! Faço esta declaração debaixo dos olhos de Deus, e juro pela virtude de minha mãe que é verdade o que digo, e será infame quem me não acreditar. Coimbra 19 de março de 1840. *Guilherme de Noronha e Lira*».

D. Christina perdêra o alento nos braços de Peregrina. Muitos academicos romperam de salto a teia, e vieram parar no meio da sala. O advogado do réu, esquecido das praxes, foi abraçar o cliente, que parecia dar levemente conta da agitação do auditorio, e applicava o ouvido aos soluços da esposa. Os jurados limpavam as lagrimas, excepto um que tinha recebido uns vinte mil réis de D. Alexandre. O fidalgo-autor acachapara-se de modo, que parecia querer sumir-se debaixo da meza. O seu advogado lia a declaração, e carecia de coragem para impugnar-lhe a validade. O juiz dizia ao delegado:

—Devíamos esperar isto, ou cousa semelhante. Este homem, sem provar nada, tinha provado a sua innocencia.

E o delegado confirmava:

—Eu espero a minha vez de abraçar-o!

O cidadão honesto da Couraça dos Apostolos ia a sahir, quando Casimiro, que parecia absorto, disse:

—Sr. juiz, peço a v. ex.<sup>a</sup> a graça de ordenar áquella testemunha, que se demore um instante.

—Quer querellar!—bradou o patrono.

—Não quero querellar—acudiu Casimiro, desabotoando uma carteira, d’onde tirou um papel, e accrescentou:

—Disse a testemunha que eu roubára as joias da familia de minha mulher. A testemunha faltou á verdade. Peço licença para ler, e offerecer ao exame das pessoas, que me escutam, a seguinte declaração de meu sogro «Ruy de Nellas Gamboa de Barbedo, de Pinhel, declaro que minha filha Christina Elisiaria não subtrahiu de minha casa valor algum, nem os seus proprios vestidos e addresses, quando fugiu para casar com Casimiro Bettancourt. E por isto ser verdade, mui espontaneamente, e com juramento aos Santos Evangelhos o declaro agora e sempre. Pinhel 22 de abril de 1839. *Ruy de Nellas*, etc.»

—Meu sogro está vivo para confirmar esta declaração.

—Confirmo!—bradou uma voz d’entre as turbas comprimidas na teia. E logo um gentil ancião de veneraveis cans, e nobre aspeito, com as faces arregoadas de lagrimas, entrou na clareira que a multidão lhe abria, e chegou á beira de Casimiro, e repetiu com a voz quebrada de soluços:

—Confirmo! confirmo! honrado moço, meu filho amado!

E abraçou-se n’elle, e logo na filha, que se lhe lançou aos pés, e em Ladislau e no padre, e na irmã, e em todos quantos vinham com olhos humidos, porque alli quantos choravam, e choravam todos, elle adoptava como amigos, como quinhoeiros da sua alegria!

Que momentos aquelles! Aquelle jubilo febril não matou, porque era santo, porque a Providencia divina se comprazia em contemplal-o!

---

## XVII

### Contrastes

Ia a turbulenta comitiva, que seguiu até casa de Bettancourt. A faísca electrica de entusiasmo, recebida nos lances do tribunal, conflagrou animos juvenis, em bellicoso arrebatamento contra a policia e a tropa; por maneira que, as duas familias levavam um prestito de centenaes de mancebos, urrando vivas á academia, e morras aos futricas e aos soldados. Casimiro parou algumas vezes no intuito de arengar aos moços; porém, a cada palavra conciliadora respondia o fremir de muitas vozes, a pedirem sangue e vingança?

—Parecem-me canibaes!—dizia Ruy de Nellas ao vigario.—Esta rapaziada não tem quem a governe!? Pobres pais e mãis!

Conseguiram entrar em casa, e accommodar os pequenitos, que vinham chorando de medrosos da vozeria, Mafalda nos braços do avô, e o filho de Ladislau nos do padre João.

Casimiro sahiu á janella a dizer expressões de reconhecimento que a turba desattendia, clamando sempre vingança, e pedindo ao academico que tomasse o commando dos estudantes para vingar a morte do valente que o defendera a elle.

Por entre os amotinados circulavam pessoas de respeito, pacificando os animos, ou enganando-os para mais azado lanço. A custo, porém se dispersaram, compromettidos a reunirem-se no sahimto de Guilherme Lira.

Aquietou-se a rua.

O velho sentou-se entre a filha e o genro, lançando-lhes os braços em volta do pescoço. Alegrementemente conversou, ora queixando-se de não o terem muitas vezes importunado com rogos de perdão, ora promettendo-lhes em dobro a amisade, que lhes não déra mais cedo.

—Nada de Coimbra—dizia elle a Bettancourt—Vamos para Pinhel, que tu não tens necessidade de ser official com tanto trabalho. A legitima de tua mulher vai augmentando, sou eu que a tomo a juros; e, enquanto eu viver, estareis em casa, sem dispende do vosso. É preciso pagarem se as dividas de dinheiro, que as de

amor nunca se pagam. Este Ladislau é um grande moço, é o pai no rosto e no coração. Este padre João sei eu bem o que elle é; creou-se debaixo das minhas telhas, e ha de vir a ser bispo, se a virtude é qualidade para ser bispo. Em quanto á cachorra da Peregrina, esta, se não fosse do Ladislau, havia de casar commigo, que está guapa, esbelta, e uma perfeita dama. Vocês riem-se? Talvez pensem que se eu quizesse dar madrastra á minha Christina, andaria muito tempo a farejar nas boas familias da provincia!... Ora agora, tu, Casimiro, deixa-te de mathematicas, faz te lavrador, toma á tua conta os cazeiros da nossa casa, melhora-me os bens livres quanto pudéres, bemfeitorias e mais bemfeitorias nos prazos de nomeação, que eu quero deixar o menos que possa ser ao D. Sueiro, áquelle vil enroupado em habitos fidalgos. São uns lacaios todos, desde o morgado até D. Alexandre, e a minha Guiomar lá se fez com elles, que nem já se dignou escrever-me no dia dos meus annos! Deixai-a commigo... Vamos a saber: vocês não jantam? O contentamento é boa iguaria; mas vejam sempre se me guizam o contentamento com umas batatas e umas fatias de presunto. Vocês comem o contentamento, e eu o resto.

Sahiu Ladislau a tomar o jantar no Paço do Conde, visto que em casa ninguem atinava a saber onde estavam as panelas.

Entretanto, continuou o infatigavel fidalgo:

—Vou logo escrever a minha irmã, a contar-lhe o succedido. Tenho vontade de a vêr; não queria morrer sem a vêr! Foi para Lisboa aos treze annos: era um lyrio de brancura, e galanteria. Nunca mais a vi... Velha não póde estar, que eu levei vinte annos de vantagem... Bella vantagem, não tem duvida!... Talvez a convide a vir passar connosco em Pinhel alguma temporada; mas ella sahe lá de Lisboa! Disse-me um deputado que a condessa vive lá no ultimo fausto, e é visitada por tudo que tem um nome grande na aristocracia e na politica. Será ella constitucional? Isso lá me custa; mas, em fim, o marido era-o; e justo é que ella herde as convicções de quem herdou seiscentos mil cruzados em dinheiro, que os vinculos foram a quem tocaram. Fez uma asneira minha irmã em enviuar sem filhos.

Ninguem lhe cortava a jovial parlenda ao velho, até que chegou Ladislau com dous moços carregados de vitualhas. Á excepção de Ruy de Nellas, os convivas debicaram levemente as iguarias. Casimiro comêra regularmente no dia em que fôra preso; e, solto, entretinha-se a repartir o prato entre os pequenos. Não parecia ser a satisfação da alma que lhe tornava fastidioso o alimento; pelo

contrario, revia-lhe o semblante uma extraordinaria melancholia.

É que o moço via diante de si continuamente a imagem de Guilherme, que, vinte e quatro horas antes, tinha dito a Christina: «Ámanhã já v. ex.<sup>a</sup> janta em casa com seu marido.» E abstinha-se de revelar a sua mágoa para não compungir a esposa e amigos, que tão alegres estavam, e perdoavelmente esquecidos do commensal do dia anterior, áquella hora amortalhado!

Era já proposito de Casimiro sahir da Universidade, e ir buscar sua vida em qualquer parte ou mistér. Aquelle anno era o segundo já perdido. Entrou-se da certeza que a desgraça lhe atravancava o caminho das sciencias. Elle amava o estudo, deleitava-se nas asperidões da mathematica, e ia desatar-se para sempre e saudosissimo dos seus livros, das suas oito horas de estudo, da sua banquetta de pinho pintada, e de toda aquella pobreza limpa, que as mãos de sua mulher transformavam em jaspes, mognos, razes e ouro.

O convite de ir para Pinhel, com o sogro, seu amigo, entrar no goso das honras da illustre familia, ostentar a benemerencia da sua probidade, regendo a avultada casa, vingar-se assim pacificamente dos de Miranda, nenhum d'estes incitamentos lhe descontava nas dôres. Será paradoxal o dizer que Bettancourt mais se queria refugiar no casal de Villa Cova com sua mulher e filha, e antes de melhor rosto acceitaria o seu prato á meza de Ladislau? Pois é uma sublime verdade esta! Casimiro olhava em Ladislau, no vigario, e sua irmã, e dizia-se: «Ó meus amigos, a minha dôr inconsolavel será deixar-vos. Eu hei de fugir sempre para as vossas serras, em quanto tiver vida para me lembrar o que fostes para mim e minha mulher nos dias de desamparo!»

—Cuidei que te vinha trazer mais alegria, Casimiro—dizia o fidalgo.

—V. ex.<sup>a</sup> desculpe a minha tristeza—responde Casimiro—Enterra-se hoje um meu amigo.

—Pois sim, bem sei que deves ter pena do rapaz; comtudo, cada coisa tem seu logar. Conversa com a gente, abre um riso n'esse rosto, e faz que eu me não persuada que sou aqui de mais para a tua satisfação.

Casimiro levou aos labios a mão do velho, e disse:

—V. ex.<sup>a</sup> está gracejando; mas ainda assim, magoa-me. Eu poderia esperar muitas melhorias á minha sorte, que ainda hontem era desgraçadissima no dizer



do mundo; porém, a vinda de v. ex.<sup>a</sup> com tão amoravel perdão, tamanho bem é que nem eu sonhava. V. ex.<sup>a</sup> dirá se eu...

—Não me dês sempre *excellencia*, Casimiro; chama-me alguma vez pai, se queres que eu te chame filho.

Beijou-lhe de novo a mão, em quanto Christina, tomando o maior quinhão do contentamento d'aquella adopção paternal, abraçou-se ao pescoço do velho, e acariciou-o infantilmente.

Ao anoitecer, Casimiro pediu licença para sahir.

—Onde vaes?—acudiu Ruy de Nellas.

—Vou acompanhar o cadaver de Guilherme Lira.

Encararam-se mutuamente, e voz nenhuma contrariou a piedade do amigo.

Ladislau, tomando licença de sua mulher, seguiu o compadre. O vigario ficou em companhia de Ruy e das senhoras.

Christina, ao despedir-se do esposo, no patamar da escada, disse-lhe em modelação supplicante:

—E se houver desordem?...

—Eu farei que haja paz, minha filha.

—Então vaes na idéa de te envolveres na desordem?

—Não, filha, vou na ideia de evital-a. Limpa as lagrimas, Christina, não appareças assim diante de teu pai, que me accusará de duro para ti. Bem sabes que sagrado dever eu vou cumprir, minha filha.

Sahiram.

Raro academico faltou ao sahimento do cadaver. As alas negras moviam-se vagarosas, tristes e com os olhos em terra. Ao lampejar das tochas rebrilhavam muitas lagrimas.

Guilherme Lira morrera propugnando pelos brios academicos, diziam: era um

engano. Guilherme morrera, suicidando-se. E verdade que, no correr de quatro annos, mão terrorista pesára sobre a gente coimbran, avêssa aos academicos, de cujo pão vivem. Soldados e verdeaes respeitavam a batina, porque Guilherme Lira vestia uma. Sobravam razões de gratidão áquelle desgraçado; mas o seu morrer, o derradeiro arrojo, não era já valentia; fôra um ir metter o peito ás espingardas que o abocavam.

Foi o cadaver lançado á cova. N'este acto, Casimiro sahiu de entre a multidão que rodeava a sepultura, e lançou sobre o cadaver a primeira pá de terra. Depois cruzando as mãos sobre o peito, e sem desfitar os olhos da cabeça empannada e ensanguentada do morto, disse:

—«Alli está a mocidade e a força; alli está um mancebo que deixou mãi n'este mundo; n'isto parou o grande alento d'onde os infortunios da vida desviaram as torrentes dos influxos do céu. Este homem seria um anjo do bem, se melhores condições da mocidade o não houvessem saturado de odio contra o mundo. Eu sei a historia d'esta existencia perdida, senhores. Este moço era bom; derramou inutilmente os balsamos do coração; achou-se vasio de amor; e repletou-se de peçonha e odio. Cansou-lhe a coragem para a resignação; sobreveio-lhe o delirio da vingança, vingança cega, sêde voraz de sangue; mas observai, senhores, que a tentação nem sempre venceu o instincto do céu com que fôra dotado este moço. Aquelle homem teve tantos amigos, tantos que, entre vós, um só não ha que se peje de mostrar as lagrimas. As minhas seria vergonhoso que se não vissem: eu hei de choral-as longo tempo... Vós sabeis que as portas do carcere se me abriram hoje, porque esta sepultura vai ser fechada. E eu, na presença de centenaros de testemunhas, e por aquella redemptora cruz, vos juro que acceitaria a minha prisão perpetua em troca da vida d'este homem, que era vosso, assim como tinha sido meu defensor...»

—Vingança! vingança!—bradaram algumas vozes de estudantes, que agitavam os gorros, e as tochas.

Espectaculo para terror era aquelle em volta de um cadaver!

E o brado, conglobado de mil brados, respondeu:

—Vingança!

Casimiro ergueu a mão, pedindo silencio, e exclamou:

—Paz! paz! é que eu vos peço, em nome de vossas mãis, em nome das cans do velho pai, que espera amparar-se em vosso braço! em nome de vossas irmãs que fiam do vosso auxilio o seu futuro! em nome das almas candidas que vos sorriem ao coração dias de maior felicidade! Paz vos peço eu, meus amigos, apontando-vos este moço que está por aquelles labios frios contando o que é a desordem, o que é a guerra, o que é desencaminhar-se um homem da estrada, onde ha espinhos, para tomar pela estrada onde ha abysmos. Que util lição, que excellent preceptor não está sendo este cadaver! Lembrai-vos, senhores, que este moço tem mãe.

Entraí com o espirito no coração das vossas. Avaliai o amargor das lagrimas que verterá cada uma das santas do amor, se um de vós cahir n’aquell’outra sepultura. Consenti que eu falle n’este instante pelo brado de todas, e vos peça o que ellas supplicantes a cada um de vós pedem: «Paz, meu filho!»

Callou-se Casimiro. Respondeu o ciciar da respiração alta do immoto auditorio. Retirou-se elle da margem da cova, e caminhou triste por entre a multidão, que deixára pender o braço sobre a arma escondida sob a capa. D’ahi a pouco, os academicos debandavam em grupos, e o silencio d’aquella sepultura estendeu-se pela face da cidade.

Ao sahir do cemiterio viu Casimiro diante de si a esposa, o sogro, o vigario e Peregrina.

—Viemos ouvir-te, filho—disse commovido o velho.

—É superior á nossa admiração, sr. Casimiro!—disse o vigario.

—Eu sou apenas superior aos maus pela virtude de os lastimar—respondeu Casimiro, dando o braço ao sogro, cuja sensibilidade lhe quebrantava as forças.

Desde logo, a pedido de Ruy de Nellas, começaram as senhoras os aprestos para a jornada no dia immediato á tarde. O velho futurava o rompimento de alguma revolução academica, a intervenção pacificadora de Casimiro, e a fortuita desgraça de ser empenhado pela honra a coadjuvar o partido dos estudantes.

A esta hora, meia noute seria, D. Alexandre de Aguiar, infamado, despresado, e solitario na sua angustia, esvasiava garrafas de cognac, no intento de aturdir-se e responder com a gargalhada do ebrio ao grito da vergonha. Os deploraveis perdidos, que se valem d’esta triaga, parece que a si proprios se estão castigando

com mais crueza do que poderia castigar-os a justiça humana. Noute alta, o ébrio batia com a cabeça nas vidraças de sua janella, farpava a face nas arestas dos vidros, e rugia imprecações contra Deus. As patrulhas accumulavam-se á sua porta, e gargalhavam das estupidas objurgatorias do moço. Acudiam os academicos visinhos, e bradavam-lhe:

—Calla-te ahi, miseravel; afoga-te em cognac; não appareças mais á luz do sol; mas calla-te, besta, que, para seres fera, só te falta a bravura.

O tumulto fitava o ouvido, e respondia com roucos insultos requintados em obscenidades de alcouce.

De madrugada, o neto dos Parmas d'Eça acordou de frio que tinha o peito ensopado no proprio vomito.

Sentou-se, circumvagando os olhos espavoridos por sobre a desordem que o rodeava. Ergueu-se cambaleando, recahiu n'uma poltrona, escondeu o rosto entre as mãos, e chorou.

Oh! aquellas lagrimas é que não eram infames.

O desgraçado lembrou-se que, cinco annos antes, tinha mãe, e que a prophetica senhora muitas vezes lhe dissera: «Presagia-me o coração que has de ser desgraçado, meu filho.»

—Porque?—perguntava elle.

—Porque tens dezesete annos; sahiste hontem do collegio e já hoje escarneces a religião de teus pais. Assim tão cedo deixaste estragar o coração!... D'aqui a annos, nem por amor do teu nome, nem por calculo, serás honrado!

E, cinco annos depois, e só então, lhe lembraram as palavras de sua mãe!... Era o seu anjo da guarda que as recebera então, e agora lh'as offerecia á memoria, como lenimento unico d'aquella funda ulcera do descredito, desgraça, e infamia.

Na noute d'esse dia, D. Alexandre desapareceu de Coimbra, foi caminho de Lisboa, d'ahi pediu sua legitima a D.Sueiro e sahiu de Portugal. Ha vinte e tres annos que foi, e não voltou.

---

## XVIII

### Mãe!

Às duas horas da madrugada do dia seguinte ao das scenas descriptas no anterior capitulo, chegou á porta da hospedaria, chamada do *Paço do Conde*, uma carruagem, tirada por duas parelhas. Abertas as portas, apeou uma senhora, dando a mão a um padre velho que descera primeiro, e logo a creada. O padre, respondendo á pergunta do creado do hotel, disse que a senhora condessa de Asinhoso tomaria um caldo de gallinha, e voltou a receber as ordens de s. ex.<sup>a</sup>

—Pergunte padre Francisco—disse ella—se hoje foi o julgamento de um academico chamado Casimiro de Bettancourt.

O padre foi cumprir, dizendo entre si: «que importa á senhora condessa o julgamento do academico, chamado Casimiro de Bettancourt? Pois será para assistir á audiencia que ella vem a Coimbra com viagens forçadas?!»

Volveu o padre, dizendo:

—É uma historia interessante, que parece novella, a tal do academico, senhora condessa. Em resumo, conta o estalajadeiro que, estando para ser julgado o reu, e forçosamente condemnado, appareceu a declaração d'outro academico, que mataram antes de hontem, confessando-se o matador. Em consequencia do quê, o tal Bettancourt foi posto em liberdade.

—Graças, graças, meu Deus!—exclamou a condessa ajoelhando.

O padre empedreniu-se, e encarou na creada tambem estupefacta: nenhum ousava tugar um monossyllabo.

Ergueu-se a condessa, e enviou de novo o capellão a pedir ao dono do hotel a bondade de fallar com ella por alguns minutos.

O estalajadeiro vestiu a casaca, esperou na sala a senhora condessa.

Interrogou-o ella ácerca de todas as miudezas concernentes á soltura de Bettancourt. O informador relatou-as todas, desde as severas lições que o academico dera a D. Alexandre, até ao lindo discurso, dizia elle, que o amigo de

Guilherme Lira improvisára á beira da sepultura: e n'uma especie de apostilla á narrativa contou a esquecida circumstancia de ter irrompido inesperadamente pelo tribunal dentro o fidalgo, sogro do estudante.

—Pois elle está em Coimbra?!—interrompeu vivamente a condessa.

—Vi-o eu, minha senhora! É um velho bonito! basta vê-lo para se dizer: «aquelle é um fidalgo dos antigos tempos!»

—Sabe onde mora Casimiro Bettancourt?

—Sei, minha senhora.

—De manhã tem a bondade de me guiar a casa d'elle?

—Pois não, senhora condessa?

O capellão, cujo quarto era sob o pavimento dos aposentos da condessa, apesar de contuso e moido dos solavancos da carruagem pelas barrocas da estrada real de 1840, não poudo adormecer, ouvindo até á madrugada os passos da illustre dama, e o abrir e fechar de portas d'uma janella. Certo fôra que a condessa nem sequer encostára a face ás almofadas do leito, e, de quarto em quarto de hora, ia impaciente abrir a janella e ver se rompia a alva.

Assim que aclarou o céu, já a senhora despertou a creada para lhe dar do bahu outros vestidos e ornatos.

Ao nascer do sol, estava s. ex.<sup>a</sup> vestida a rigor de viuva opulenta: modestia elegante, pompa meio velada pela côr escura do estofo.

O egresso, que perdera a esperanza de adormecer, levantou-se, e foi á antecamara receber as ordens da condessa. Sahiu ella a dizer-lhe que tomaria uma chavena de café, e ás nove horas sahiria acompanhada de sua reverendissima.

Sua reverendissima, vendo-a assim adereçada, consentiu que o demonio da maledicencia lhe encavalgasse o espirito: «Dar-se-ha caso, dizia elle comsigo, que a condessa esteja namorada d'esse Bettancourt? Querem ver que esta senhora, aos quarenta e seis annos, tresvaliou, e vai destruir o bom nome que está gosando?? Mas não!—monologou elle, tornando sobre si—Vai-te espirito aleivoso que me tentas! Aqui anda segredo que eu vou saber logo! Esta senhora

acertoso que me tens. Aqui anda segredo que eu vou saber logo. Esta senhora é o typo da honestidade, e o modelo das viúvas honradas.

Às nove horas sahiu a condessa, com o seu capellão e o estalajadeiro.

Chegaram defronte da pequena casa da Couraça dos Apostolos.

—É aqui—disse o guia.

—Obrigada. Póde ir, que eu demoro-me.

Subiu a dama a declivosa escadinha, e bateu á porta do topo. O capellão seguiu-a, gemendo.

Abriu uma creada a porta.

—Posso fallar ao sr. Ruy de Nellas?—disse a condessa.

Foi a creada á saleta em que as duas familias estavam almoçando, e noticiou que era uma senhora ricamente vestida a perguntar pelo sr. Ruy de Nellas.

—Quem póde ser?!—reflectiu o fidalgo.

—Abre o meu quarto de estudo, e diz á senhora que entre—disse Casimiro.

Quando a creada sahia da saleta, já a condessa estava á entrada, dizendo:

—Não sou de ceremonias, vou entrando, porque já conheci a voz do mano Ruy.

Levantaram-se todos. O velho abriu os braços, e ficou de braços abertos, e bocca tambem aberta.

A condessa chegou-se ao alcance do abraço, e disse:

—Parece que o mano duvida...

Duvido...—balbuciou elle—pela mesma razão que não devia duvidar... Tu tens vinte e cinco annos, Eugenia! Estás como te vi sahir de Pinhel!

—Cuidei que lisonjas eram desusadas entre irmãos, Ruy!... Pois eu dir-te-hei que estás bastante alcançado. A vida de provincia é menos salutar do que dizem as pessoas que envelhecem na corte. Senta-te, Ruy, e dá-me uma chavena do teu

café.

—Tu aqui, mana!... tu aqui!...—voltava o fidalgo—Deixa-me convencer bem de que estou acordado! Quem é aquelle senhor?...

—É o meu capellão.

—Sente-se, sr. padre capellão, sente-se.

—Qual d'estas meninas é a tua filha?—perguntou a condessa.

—É esta, aqui tens a minha Christina.

A condessa beijou-a, abraçou-a, e mandou-a sentar.

—Este é meu genro—continuou o velho apresentando-lh'o.

Casimiro deu um passo, e curvou reverentemente a cabeça.

—Este é que é o sr. Casimiro Bettancourt?—disse a condessa apertando-lhe a mão.

E a mão ardia, tremia, e apertava extraordinariamente.

—As outras pessoas,—concluiu Ruy—são filhos do meu coração: aquella é a minha Peregrina, e aquelle o meu padre João. Lembras-te, Eugenia, do José Ferreira da Rochousa, nosso caseiro?

—Lembro.

—Pois são filhos d'elle que eu herdei. Aquell'outro, que alli vês, é Ladislau, marido de Peregrina.

—E estas duas creancinhas?

—Uma é minha neta e tua sobrinha, primogenita e unica de Christina, a outra é filha de Ladislau.

A condessa, ouvindo o irmão, a cada instante relanceava os olhos a Bettancourt, unico da comitiva, que ficára de pé, no intento de servir a hospeda, e dar a sua cadeira ao capellão.



—Senta-te, Casimiro—disse o velho—Aqui tens, Eugenia, o meu orgulho, a minha gloria, o meu Casimiro sem mancha de culpa, com a sua honra illibada! Não foi preciso appellarmos para Lisboa. A justiça de Deus veio mais cedo do que a esperavamos. Eu te conto como isso foi...

—Sei tudo—atalhou a irmã—Já me informaram na hospedaria.

—Mas como estás tu aqui, mana?—tornou Ruy—Vinhas munida, talvez, de cartas para alcançares a absolvição de teu sobrinho em Coimbra?

—Não, Ruy—tartamudeou a condessa.

—Então que palpite foi esse de te botares ao caminho, sem saberes a decisão do julgamento?!

—Dizes bem, Ruy... foi um palpite...

—Bem hajas tu que vieste dar o remate á nossa satisfação! Agora vais comnosco para Pinhel, não é assim?

—Irei. E hoje janto comvosco.

—Isso estava sabido!... pois então?!

A condessa disse a padre Francisco:

—Póde ir, e descansar á sua vontade, padre capellão, que eu passo aqui o dia. Queira dar esta parte á creada.

Sahiu o padre, e todos passaram ao quarto de estudo de Casimiro, que era a parte mais alegre e arejada da casa.

—Estou entre amigos!—disse com um profundo suspiro a condessa—É a primeira vez na minha vida que digo isto!

Ruy comprehendeu a irmã, lembrou a mocidade dolorosa de Eugenia, e fez um gesto compassivo, e outro que significára: «Não lembremos o que lá vai.»

Porém, Casimiro, impressionado d'aquellas palavras disse respeitosamente:

—As felicidades de v. ex.<sup>a</sup> não devem ter sido invejaveis!... Em volta da riqueza,

da formosura, e de um nome distincto costumam reunir-se muitos amigos... ou, pelo menos, muitos que o parecem...

A condessa encarou n'elle com penetrantes olhos, e disse:

—Lastima-me, não é verdade?

—Minha senhora—balbuciou Casimiro—peço perdão... não quiz dizer que lastimava v. ex.<sup>a</sup>... Quaesquer que tenham sido suas magoas, a sua elevada posição não consente que eu me condôa...

—Está bom, está bom—atalhou Ruy—não se falla aqui em magoas, nem dó, nem lastimas! Este meu Casimiro tem uma propensão para discursos tristes, que nunca vi!... Olha que hontem á noute, mana, o que elle disse á beira da sepultura do Guilherme, ia arrancar ao fundo do coração as lagrimas de quem nunca tivesse chorado!

—É porque eu dava o exemplo, chorando, sr.<sup>a</sup> condessa—ajuntou Casimiro.

—E deve ter chorado muito!—disse ella.

—Pouco, minha senhora. Sou um homem muito resignado, ou muito forte. A mim as grandes angustias levemente me abalam. Algumas vezes tenho chorado por cousas insignificantes. Posso ver a olhos enxutos morrer minha filha, e não poderei ouvir sem lagrimas o piar de uma ave, a quem mataram os filhos no ninho. Isto será deformidade de organização; mas dureza de alma não é, minha senhora... Meditando na minha indole, vim a considerar que para mim o incentivo das lagrimas é uma certa poesia funebre e maviosa, sensação que eu não sei d'outro modo definir; ao passo que as desditas positivas, cerradas e suffocantes regelam-me a alma.

—Elle ahi está a fugir para a tristeza!—interrompeu o fidalgo.

—Deixa-o fallar, mano...—pediu a condessa.

—S. ex.<sup>a</sup> tem razão...—disse Bettancourt eu sou incorrigivel e tenho contagio. Aqui está a minha Christina absorvida tambem na sua meditação...

—Não—acudiu Christina—eu estava a pensar com alegria nas tuas tristezas passadas, meu Casimiro.

—E todos com o passado ás voltas!—clamou Ruy—Fallem no presente, descubram o futuro, e não me afflijam, que vai aqui tudo raso! Querem ver que a minha Eugenia tambem é melancolica? Em pequena eras muito, menina! O teu gosto eram sombras de arvores, fontes, ver o céu de noute... Aqui estou eu tambem a fugir para traz trinta e tantos annos! Bem diz o Casimiro que a sua scisma é pegadiça!...

—Mas olha, mano, deixa-me conversar com o teu genro, que o passado te aborreça...

—O que eu observo, Eugenia, é que tu sympathisas grandemente com elle!...

—Porque não!?

—Beijo as mãos de v. ex.<sup>a</sup>—disse Casimiro.

—Isso quando se diz, faz-se.

—O quê, senhora condessa?

—Disse que me beijava as mãos... então... beije.

Casimiro inclinou-se, e beijou de leve a mão da dama, que lhe apertou vertiginosamente a d'elle.

Este visivel estremecimento impressionou Christina e Peregrina, que se encararam de um modo que podia ser duvidar do bom senso da condessa.

—Vamos conversar, sr. Casimiro—disse Eugenia—Queira sentar-se ao meu lado. Meu mano já me disse que o sr. era filho de um militar, que morreu no cêrco do Porto.

—Sim, minha senhora, sou filho de Duarte Bettancourt.

—Conheceu seu pai? Onde estava quando elle morreu?

—Conheci meu pai. Vi-o em 1830 pela ultima vez. Estava eu no collegio dos Nobres, quando elle morreu.

—Sabe em que anno nasceu?

—Sei-o dos proprios apontamentos de meu pai.

—Escriptos por elle mesmo?

—Sim, minha senhora.

—Dá-me licença que os veja?

—Por que não, sr.<sup>a</sup> condessa? Aqui está a velha carteira de meu pai...

A condessa tomou da mão de Casimiro, com sofrega ancia, a carteira, que folheou.

—Onde é?—disse ella convulsiva.

—Aqui, minha senhora—respondeu Casimiro indicando-lhe a pagina, que a condessa leu:

*Meu filho Casimiro nasceu em 15 de janeiro de 1816. Foi baptisado em S. Domingos de Santarem aos 22 do mesmo mez. Foi creado no Cartaxo d'onde sahiu em 1820...*

A condessa murmurava ainda; mas não lia o restante da nota. Fechou a carteira, e voltou-a nas mãos, remirando-a. Depois, pregou os olhos no rosto de Casimiro, e permaneceu n'este spasma alguns minutos, até que muito do fundo do seio lhe sahiu um grito estridente, e uma explosão de lagrimas em que a luz da vista parecia innevoar-se.

—V. ex.<sup>a</sup> soffre!...—disse Casimiro.

E acercaram-se todos da condessa, que, tomando a mão de Bettancourt, ergueu-se de impeto e disse-lhe:

—Leve-me a uma janella... dê-me ar, e uma gotta d'agua.

—São nervos!—observou Ruy—É da casa, que é abafada... Abram todas as janellas... Queres tu descer ao quintal? Vai com ella, Casimiro... Vamos todos.

—Estou melhor—atalhou D. Eugenia—Já respirei...

—Costumam dar-te estes accessos, mana?

—Costumam...

Sentou-se de novo, reparando na carteira, e outra vez se lhe tingiu de escarlate febril o rosto.

—Mysterio!—disse o vigário ao ouvido do cunhado.

—Que cuidas?!—perguntou Ladislau...

—Esperemos.

A condessa affastou das fontes os cabellos empastados de suor, e disse cortando as palavras de suspensões, que pareciam o abafar de mão estranha na garganta:

—Casimiro esteve no collegio dos Nobres até...

—Até 1834, minha senhora—respondeu o filho do major.

—E depois...

—Como perdi meu pai, fui a Pinhel procurar amparo de parentes pobres.

—E nunca viu no «Diario do Governo» um annuncio perguntando se existia um filho do major Duarte Bettancourt?

—A Pinhel nunca chegou esse jornal—disse Casimiro—E quem se interessava em saber se eu existia?

—Quem?...

—Sim, minha senhora.

—Era eu.

—V. ex.<sup>a</sup>!—acudiu Casimiro com assombro.

—Com que fim eras tu, Eugenia?—perguntou o fidalgo.

A condessa fitou a vista incendiada no irmão; e disse:

—Com o fim de saber se existia... meu filho!

Assim devia ficar uma familia de Pompeia, de subito, empedrada na invasão da lava fulminante. Uns a outros, com olhos pavidos, pareciam pedir o claro sentido d'aquellas palavras.

Casimiro sentiu lavaredas no seio e descerrou os labios á expedição do lume. Estrondeavam-lhe no encephalo umas allucinações de ebrio. Dos olhos de sua mãe afuzilavam umas como frechas que lhe cortavam de lampejos o curto espaço de ar intermedio. Para os outros, ha só o termo «estupefacção» que os descreva. A condessa oscillava outra vez assoberbada pela commoção nervosa; já se não sustinha, com as mãos apoiadas nas costas da cadeira. Levantou-as, estendeu os braços como a pedir amparo. Encontrou o seio de Casimiro, e n'elle inclinou a face, exclamando:

—Meu filho!...

Mas isto tudo é um sonho!—disse Ruy de Nellas, levando as mãos ás fontes.

Casimiro ajoelhou com a mãe nos braços. As duas senhoras, sem segura consciencia do que faziam, foram amparar a condessa. O vigario pôz as mãos em attitude de quem ora. Ladislau cruzou os braços no peito contemplando o grupo.

De subito, Casimiro afastou um pouco a face, contemplou o rosto pallido da condessa, beijou-a na fronte e disse:

—Tenho mãe, meu Deus!... Eu sabia que a tinha, e havia de encontral-a!...

Então, chorou, a torrentes!

Se não chorasse enlouquecia.

---

## XIX

### Paz e contentamento

Decorridas algumas semanas, o casamento de Casimiro Bettancourt com sua prima carnal D. Christina de Nellas era validado pelo nuncio apostolico, dispensando no parentesco, e saneando a ingnorada irregularidade. A condessa perfilhava Casimiro para lhe segurar a successão de seus grandes cabedaes. Casimiro, porém, com quanta delicadeza e respeito a ternura filial lhe inspirou, disse que só acceitava a perfilhação para ser seu filho, e não seu herdeiro. Ficou interdicta, e alheia da intenção da resposta, a condessa. O filho esclareceu assim a propria demencia:

—Minha mãi herdou de seu marido: eu, filho de outro homem, que morreu pobre, peço licença para ser estranho aos haveres do sr. conde de Asinhoso. Eu sou filho de D. Eugenia de Nellas. Minha mãi ainda tem a sua legitima n'esta casa de Pinhel. Essa acceito-a como dote para egualar o patrimonio de minha mulher.

—Pois sim, filho, faça-se a tua vontade—disse a condessa.—Por minha morte ficarás agricultando algumas geiras de terra em Pinhel, que valerão doze mil cruzados. Ficarás sendo um lavrador dos menos abastados da comarca. Minha sobrinha Guiomar virá senhorear-se do vinculo e da casa que é vinculada. Tu com tua mulher e filhos irás viver no casal da Rechousa, ou n'outro semelhante, que ameaçam ruina.

—As paredes abaladas especam-se, minha querida mãi; a dignidade aluida é que nunca mais se repara. Eu amo a mediania, que é o refugio da paz. As lições da vida deu-m'as o lavrador de Villa Cova. Minha mãi prometeu-me ir ver de perto a casa de entre serras, aquelle abrigo de honrados e de santos. Venha commigo alli estar uns dias, e v. ex.<sup>a</sup> olhando d'alli para o céu, dirá: «se ha paraizo na terra, se ha bem no mundo, é aqui».

—Iremos, filho: eu tambem o desejo. Já estou convidada para ser madrinha do segundo filho de Ladislau. Bem vês que ando a cuidar-lhe do enxoval.

E, logo na semana seguinte, partiram todos para Villa Cova, e as meninas solteiras de Pinhel tambem.

Quem é este homem de jaqueta de panno azul e colete encarnado, e chapéu braguez que vai a pé, ao lado da egua em que monta a condessa?

É mestre Antonio—o carpinteiro.—Alli vai conversando em obras, que é preciso fazer aqui e acolá, nas casas arruinadas do fidalgo. A condessa trabalha por tirar este homem do officio: offerece-lhe dinheiro para erguer casa, e comprar bens. Mestre Antonio responde:

—Fidalga, grande nau grande tormenta! Deixe-me cá com a minha vida que vou bem assim. Meu filho brasileiro manda-me duzentos mil réis cada anno, e eu, a fallar verdade a v. ex.<sup>a</sup>, tenho-os alli para uma gaveta, sem saber de que me servem. A minha alegria é o trabalho. Em pegando dous dias-santos, ando como tolo sem saber em que hei de gastar o tempo.

—Mas gaste-o em trabalhar nos seus bens.

—Nos meus bens trabalho eu, sr.<sup>a</sup> condessa. Logo que me pagam o serviço, alguma cousa tenho dos bens em que trabalho.

Ficarás, por tanto, carpinteiro, honrado homem, mas homem honrado, toda a tua vida!

Custa a caber tanta gente na casa de Villa Cova! Armam-se leitos de bancos nos cazarões das tulhas. O quarto solemne dos padres é consignado ao fidalgo. A condessa occupa o de Peregrina. Que feliz barafunda alli vai! Os creados vem carregados de caça dos montes. O fidalgo quer ir á cosinha fazer umas troixas de ovos, cuja receita lhe deram os anjos. A condessa anda lá pelos campos a correr atraz da nétinha. As irmãs de Christina sobem á lapa da Crasta e entram de lá a berrar que lhes acudam, que as comem os lobos. O capellão da condessa, acertando de encontrar na livraria dos padres Militões as cartas manuscriptas de fr. Bartholomeu dos Martyres, persegue toda a gente para que lhe ouçam ler as cartas e os commentarios soporiferos d'elle.

Quem mais o atura é Casimiro que foge do bulicio para a livraria defeza ás corrimaças das cunhadas.

Chega o dia do baptisado, e n'esse dia apparece inesperado em Villa Cova um tabellião de Pinhel, a rôgo da sr.<sup>a</sup> condessa de Asinhoso. Lavra-se uma escriptura. É uma doação que faz a mãe de Casimiro ao seu afillhado Ruy, filho de Ladislau. Dôa-lhe quinze mil cruzados em inscrições nos Bancos de



Portugal, em virtude dos muitos e impagaveis favores que devia a seus pais.

Casimiro abraça sua mãe, e exclama:

—A virtude é engenhosa, minha querida amiga!

Os pais do menino beijam-lhe a mão, e Ladislau diz:

—Com a condição de que meu filho conservará o deposito como patrimonio dos desgraçados: mande v. ex.<sup>a</sup> escrever esta clausula na escriptura.

—Ladislau—disse a condessa—já lh'a deve ter escripta no coração.

Alli se detiveram trinta dias. De Pinhel, em cada semana, vinham cargas de viveres. Ladislau sentia-se, e o fidalgo respondia:

—Isto é para o capellão da mana condessa, que lê muito as cartas do fr. Bartholomeu; chora de entusiasmo; mas não o imita na temperança. Seria capaz de engulir o santo, o bom do egresso, se o pilhasse! Sem este contrapeso de virtualhas, amigo Ladislau, eramos todos victimas da gulodice do padre. Vamos lançando estes bocados ao Acheronte, que promette, ao contrario do outro, levar-nos para o céu, se não adormecer no meio do caminho.

A alegria dava graça ao velho, que, em geral, era semsaborão.

Na volta para Pinhel trouxeram comsigo a familia de Villa Cova, salvo o vigario que voltou ao amor do seu rebanho.

Sahiu para Lisboa o capellão da condessa com ordens ao procurador para vender o palacio, os trens, os primores da Asia, que opulentavam a triste vivenda da viuva. Triste, sem um amigo, como ella dizia. Ao mesmo tempo, o egresso cumpriu outras ordens com referencia ao ministro da justiça. Ultimado tudo, voltou o padre a Pinhel: ia reloucado de prazer, porque, á ultima hora, soubera que fôra nomeado conego da patriarchal. Beijou as mãos á condessa.

—Vá—disse-lhe ella sorrindo—vá imitar na pobreza ecclesiastica o seu predilecto Bartholomeu dos Martyres.

Na mesma data era nomeado conego da sé da Guarda o padre João Ferreira.

O vigario, avisado na sua pobre parochia, foi a Pinhel, depositou a mercê nas

mãos da condessa, e disse:

—Perdoe-me v. ex.<sup>a</sup> a recusa: eu não posso separar-me de minha mãe e cunhado. V. ex.<sup>a</sup> não quer que eu me deixe alli viver á sombra das virtudes dos padres de Villa Cova.

—Eis aqui um padre novo, que destôa das doutrinas do meu velho capellão!— disse a condessa—Pois sim, padre João, vá para o seu presbyterio, e venha ver-me muita vez, e tome á sua conta a minha velhice.

Christina contou a sua tia e sogra os menores incidentes do seu namôro, e mostrou-lhe o José-pastor que tão util e leal lhe fôra.

Chamou a fidalga José-pastor e mandou-lhe que dissesse a razão por que fizêra aquelles serviços ao sr. Casimiro e á menina.

O rapaz respondeu:

—Era toda a gente contra elles, e eu disse cá c’os meus botões: ora deixa estar que eu vos dou nas ventas para traz.

—E nunca te deram nada?

—Elles que me haviam de dar, fidalga??

—Então fazias tudo sem interesse?

—O que eu queria era vel-os casados. A menina estava lá em cima fechada a chorar, e o sr. Casimiro andava lá por longe escondido... fizeram-me muita pena! Foi o que foi.

—Queres tu ser padre?—perguntou a condessa.

—Padre?!

—Sim.

—Não, senhora. Antes queria ser sargento.

—Sargento!... mas tu és muito rapaz ainda para assentar praça.

—Posso assentar praça de tambor, que os tambores são do meu tamanho.

—És tolo, rapaz! Queres tu estudar para depois ser official?

—Eu já sei ler, que me ensinou o sr. Casimiro.

—Pois sim; mas agora vais aprender outras coisas para Lisboa.

—E leva-se lá bordoadada de cego?

—Não, patarata, ninguém lá te bate.

—Então, se a fidalga quer, e o fidalgo deixar, vou.

E foi para a Polytechnica de Lisboa, com recommendação da condessa.

D. Sueiro de Aguilar teve noticia d'estes successos estupendos. Sentiu guinadas de fazer as pases com a familia de Villa-Cova, e por um cabello se não descobre n'esta extrema de despejo. Guiomar ainda escreveu a sua tia, cumprimentando-a pela sua chegada. A condessa respondeu: «agradeço o cumprimento de minha sobrinha, e faço votos pela sua felicidade.»

Esta sequidão irritou D. Sueiro, que se desentranhou em apostrophes contra a canalha de Pinhel. A tia de sua mulher foi exposta á irrisão dos seus hospedes, na presença da sobrinha. Repetiram-se os vilipendiosos amores que deram o filho natural, sobrinho do carpinteiro. Desde este facto, D. Guiomar odiou o marido, cuja hediondez de character só podia ser avantajada por D. Alexandre.

Tratou a condessa de casar suas sobrinhas, com auxilio dos seus haveres. Accorreram pretendentes das duas provincias contiguas, e casaram todas com morgados, homens de bem, vaidosos de seus appellidos, mas inoffensivos, e virtuosos mesmo por vaidade de imitarem seus avoengos. As senhoras dispersas por aquelles palacetes solarengos reuniam-se em casa de seu pai, nas festas do anno, nos natalicios, e no anniversario do casamento de Casimiro. Esta clausula fôra instituida pela condessa.

A tiro de peça de Pinhel, existiam uns casebres derrocados, onde nascera, segundo informações de mestre Antonio, seu cunhado Duarte Bettancourt, filho de um soldado da ilha de S. Miguel, que ficára na metropole, e alli estabelecera uma tenda. Comprou a condessa estes pardieiros aos possuidores, e mandou-os arrazar, e sobre elles edificar um obelisco cintado por grossa cantaria, com

amazar, e sobre elles calhar um obelisco emado por grossa cantaria, com portas de ferro. Ia todos os dias ver a obra, que durou um anno, com os melhores alvaneis da provincia. Concluido o obelisco, foi entalhada na base uma lamina de ferro com esta legenda:

Á MEMORIA  
DE  
DUARTE BETTANCOURT  
MORTO NO SEU POSTO DE HONRA  
EM 1834  
MANDOU ERIGIR SEU FILHO  
CASIMIRO BETTANCOURT  
EM 1843

Ruy de Nellas, lá muito no seu interior, não gostou da lembrança. Era a natureza a puchar por elle.

N'este tempo, teve a condessa uma hora de muitas lagrimas.

Casimiro, de proposito e por veneração, nunca lhe mostrára duas cartas, que conservava entre os papeis de seu pai, assignadas pela inicial *E*.

N'uma tarde, como estivessem sentados na base da columna, Casimiro tirou da carteira dous papeis dobrados e amarellecidos.

—Que é isso, filho?

—Veja, minha mãe:

Abriu ella, e exclamou:

—É minha a letra! Como possues isto?!

—Minha mãe já deve saber como as possuo.

A condessa leu soluçante, e beijou aquelle papel, que estivera nas mãos de Duarte. Leu a segunda, e, em meio da pagina, susteve-se afogada de ancias e lagrimas.

Casimiro arrependeu-se da indiscrição, e acariciou-a, pedindo-lhe, pela memoria de seu pai, que vencesse a sua dor.

Era este o contheudo da primeira carta:

«Não soffras, D.—Conta com o meu valor. Parece-me que vou ser arrebatada para uma quinta do tio. Não sei qual. Eu te avisarei a preço de tudo. O mais que podem é matar-me meus irmãos. A minha alma irá identificar-se á tua: viverei sempre contigo na terra, e amando-te de um mundo melhor. Socega, meu amigo. Se Deus vê a nossa innocente paixão, elle nos protegerá. Se não ha Deus para nós, seremos um para o outro. Tua, *E.*»

Esta carta devia ter sido escripta antes da ida para Camarate.

A segunda dizia:

«É horrivel esta oppressão! Tenho medo de morrer abafada pela angustia. Vem, aproxima-te, dá-me alentos, se não prefiro antecipar a morte. Ai! que soledade! que abandono n'esta hora! Vem, vem, D., que eu queria ver-te antes de morrer! *E.*»

Presume-se que esta ultima carta foi escripta de Recaldim para Torres Novas, quando Duarte desceu de Bragança, a receber das mãos de Brites aquella creança, que alli está agora, homem, com o rosto de sua mãe apertado ao seio.

Em seguida áquelle trance, a condessa acamou, e teve febre por longos dias. A presença do filho, magro, livido, triste como quem pede a primasia na morte ao lado de um enfermo em perigo, abraçou-a em supplicas ferverosas a Deus, pedindo a vida. Declinaram as febres, volveram esperanças e saude, e continuou o hymno de graças ao Senhor, entoado por aquellas duas familias que rodeavam o leito de Eugenia.

Segura a convalescença, a condessa, prevendo que, por morte de seu irmão, a casa de Pinhel passaria á successora do vinculo, cuidou em construir um palacete em nome de Christina.

Casimiro objectou que d'aquelle modo passava a seus filhos a casa do conde de Asinhoso.

A mãe respondeu:

—Quererás tu privar-me que eu beneficie minha sobrinha? Isto não tem nada que ver contigo, Casimiro! As demazias da dignidade são uma impertinencia.



## Conclusão

Passaram-se vinte e um annos.

Ainda que o contrario se afigure a pessoas, que teem a boa sorte de não escrever romances, a conclusão d'um livro d'esta especie é dolorosa de fazer-se, quer os personagens tenham existido, quer vivessem, como chimeras queridas, na phantasia do escriptor.

É doloroso, digo, porque ha ahi um facto formidavel e horrendo, que tanto vinga nos personagens verdadeiros como nos imaginados: é a morte. O romancista historico tem de matal-os em nome da historia: o romancista inventor tem de matal-os em nome da verosimilhança.

Eu creio que o leitor denega sua fé aos successos que lhe contei. É injusto com a maxima parte d'elles. Ahi foram esboçadas umas pessoas que viveram, e outras que vivem com outros nomes e em outras terras. E por isso redobra a minha mágoa por não poder dizer que vivem todos.

As duas sympathicas velhinhas, Brazia de Villa Cova e Brites de Recaldim, essas ha muito que já lá vão. Com isto privo o jornalismo do innocente gaudio de annunciar duas macrobias. Brazia morreu, como lá dizem, á imitação d'um passarinho, com oitenta e nove annos de idade, em seu perfeito juizo, e conformada com a vontade de Deus. Legou os seus ordenados de setenta e nove annos ao filho mais velho de Ladislau, e o seu ouro, composto de cordão e anneis, a Peregrina. É verdade que estes valores não chegaram para as missas de que ella onerou os herdeiros por sua alma e por almas idas ha tanto tempo que ou Deus as tinha comsigo, ou o descondemnal-as seria tardio intento. Brites lá se finou em Recaldim, poucos mezes depois da sahida de D. Eugenia para o Brazil. As desventuras da filha da sua menina minaram-n'a tanto que a saudosa velha, de dia para dia, se resvalou á sepultura, pedindo a Deus que a não castigasse por ter protegido a desgraçada senhora. Aquella Apollinaria da calçada dos Barbadinhos, que o leitor esqueceu, não esqueceu á condessa de Asinhoso. De volta do Rio de Janeiro procurou-a, achou-a pobre e cega, deu-lhe abundancia, empregou-lhe os filhos, e fez-lhe o enterro annos depois.

Ruy de Nellas morreu em 1850, nos braços de Casimiro e Christina, unicos filhos que viu á hora da morte. O vigario de S. Julião d'Arga tão santos dizeres

lhe fallou n'aquella tremenda hora, que o moribundo inclinou suavemente a cabeça, e expediou a alma ao seu creador, abençoando as filhas ausentes.

Ao nono dia depois do fallecimento, a casa estava vasia, e D. Soeiro estava a empossar-se n'ella, instaurando logo demandas ás cunhadas, e articulando contra Casimiro Bettancourt um libello de subtracção de baixella vinculada: calúnia que nos tribunaes redundou em maior infamia do litigante.

Christina, Casimiro e sua mãe passaram á casa construida. Ahi receberam, volvidos tres annos, D. Guiomar de Nellas, fugitiva do marido, que a martyrisava, tornando-a serva de suas creadas, com quem elle devassamente commerciava a morte lenta da esposa. Casimiro recebeu-a com respeito, Christina com amor, a condessa com a virtuosa indulgencia que aprendera na desgraça. A perseguição de D. Sueiro alli mesmo lhe cravou a seta hervada, fazendo-a intimidar para se ir voluntariamente estender no potro de torturas. Casimiro tomou sua cunhada á sua guarda, depositou-a n'um mosteiro de Villa Real, e d'ahi requereu separação judiciaria, que conseguiu com illibados creditos. D. Sueiro, passados annos, morreu d'um tiro que por descuido se deu, andando á caça. Em Miranda vogava a suspeita de que o tiro lhe fôra desfechado por um lavrador vingativo, inconciliavel com a fidalga deshonra de sua irmã. Guiomar tomou cargo da educação de suas filhas, que não tinham educação nenhuma, e vive em paz e devotamente no seu palacio de Pinhel.

Ladislau lá está em Villa Cova, saudoso do seu primogenito, que, ha dous annos, casou com Mafalda, filha de Casimiro, e foi viver em casa do sogro. Ruy, seu filho segundo, está-se ordenando para, no futuro, continuar a missão dos sacerdotes d'aquella casa. O matrimoniarem-se aquelles dous primogenitos era plano feito desde o berço, e sancionado pelo céu. Amaram-se desde infantes, e hoje adoram-se como seus paes.

Mestre Antonio tambem já lá está no mundo das almas generosas e puras. Acabou a vida quasi sem erguer mão do trabalho. Como intrevasse aos sessenta annos, mesmo sentado no leito fazia bocetas para doce, ás quaes dava consummo a condessa, arrumando-as em rimas, e pagando-as por um preço que o artista aceitava, sorrindo á piedade da fidalga. Nunca foi possivel demovel-o de sua casa e da sua officina! Ponha o compositor os pontos de admiração que lhe parecer.

Do vigario de S. Julião sabe tambem o leitor que não ha tiral-o d'alli. As virtudes do ultimo padre de Villa Cova é preciso lembra-las elle, que o povo,



abençoando as que vê, esqueceu as outras. O egresso capellão da condessa, propendendo a bispo, fez-se politico, e fallava mais nos comicios eleitoraes que cantava no coro. Na vespera de ser nomeado, ceou com tres deputados de sua fabrica, e rebentou de madrugada, com grande terror das creadas, que affirmaram não cheirar bem o conego: o que é possível e sem que a sua alma perdesse por isso.

José Pastor, transformado em José de Castro Vieira e Silva (como elle arranjou isto!), é tenente de engenheiros, empregado nas estradas, com grandes vencimentos e creditos de habilidade. Estudou muito, fez a pontaria a engrandecer-se, não quiz saber de namoros, nem de theatros, nem de bailes, e medita em fazer-se deputado por alguma parte, no louvavel intuito de ser ministro das obras publicas: ministro, que hei de defender, posto que o considero mais de molde para os estrangeiros em vista da diplomacia de telhado, que o vimos tirar a limpo ha vinte e seis annos.

A condessa de Asinhoso é ainda uma senhora robusta com os seus 67 annos. A felicidade é a saude. Em certos dias do anno vai visitar a memoria de Duarte Bettancourt, e depois sobe, a pé, a S. Julião ouvir missa por alma d'elle. Respeitavel piedade, cujo quilate só Deus póde avaliar, a despeito da censura hypocrita com que nós fingimos representar os juizos do Senhor.

Aqui está o que podemos dizer d'estas familias. As outras filhas de Ruy de Nellas lá estão em suas casas, honrando seus maridos, e abençoando a mão liberal de sua tia que, em vida, vai disseminando a sua riqueza, já muito diminuta em comparação do que foi. Parece que o anjo da felicidade anda, de casa em casa, saudando, ora o lavrador de Villa Cova, ora o lavrador de Pinhel, ora o virtuoso de S. Julião; e dos actos de todos vai dar contas ao Senhor, que o reenvia com benções novas.

---

# Moralidade

Occorre d'esta historia, natural e concludentemente que o coração do homem, formado na sciencia e nos costumes antigos, encerra a urna dos balsamos para as chagas dos corações formados á moderna. Exemplos tres vezes bemditos: o vigario de S. Julião da Serra, Ladislau Tiberio, Peregrina e Casimiro Bettancourt.

Excellent seria que tivessemos muitas d'aquellas reliquias dos tempos obscuros, as quaes nos servissem como de quebra-luz, a fim de que a brilhante claridade dos mil lampadarios da civilisação nos não ceguem de todo.

Aqui está, muito á flor da terra, a moralidade da historia, em que tentamos esboçar uma face do *bem* e outra do *mal* d'esta vida, tão infamada por uns como glorificada por outros.

Senhor dos mundos! vós, quando creastes a brasa da sêde que requeima os labios do caminheiro do nosso deserto, mandastes ás areias que se desentranhassem em fontes! As fontes correm. E o impio sequioso bebe, consola-se e... injuria-vos.

FIM

---

# NOTAS

[1] Antonio de Oliveira Soares, que de capitão de cavallos e costumes perdidos, passou a frade arrabido e vida muito penitente.

[2] O leitor provavelmente não encontra no seu «Diccionario» o termo *reco*. O povo de Traz-os-montes, e de porção da Beira-Alta dá aquelle nome, cuja etimologia ignoro, aos cevados. Eu leio muito pelo diccionario inedito do povo d'aquellas provincias, que sabe a lingua portugueza como fr. Luiz de Sousa.

[3] Nas aldeias do norte d'esta nossa terra tão pittoresca de linguagem, algumas vezes perguntava eu quantos annos tinha tal velhinho, e não entendia esta resposta: «já passa de dous carros» Vim depois a saber que lá se contam os annos a quarenta por cada carro, por analogia com o carro de pão de quarenta alqueires.

[4] Aut Deus, aut bestia.

[5] A «Sociedade da manta» era uma congregação de mancebos destemidos que tiveram Coimbra atterrada, e reagiam ao exercito, quando não achavam *futricas* que escadeirar.

End of the Project Gutenberg EBook of O Bem e o Mal, by Camilo Castelo Branco

\*\*\* END OF THIS PROJECT GUTENBERG EBOOK O BEM E O MAL \*\*\*

\*\*\*\*\* This file should be named 62624-h.htm or 62624-h.zip \*\*\*\*\*

This and all associated files of various formats will be found in:

<http://www.gutenberg.org/6/2/6/2/62624/>

Produced by Rita Farinha and the Online Distributed  
Proofreading Team at <https://www.pgdp.net>

Updated editions will replace the previous one--the old editions will be renamed.

Creating the works from print editions not protected by U.S. copyright law means that no one owns a United States copyright in these works, so the Foundation (and you!) can copy and distribute it in the United States without permission and without paying copyright royalties. Special rules, set forth in the General Terms of Use part of this license, apply to copying and distributing Project Gutenberg-tm electronic works to protect the PROJECT GUTENBERG-tm concept and trademark. Project Gutenberg is a registered trademark, and may not be used if you charge for the eBooks, unless you receive specific permission. If you do not charge anything for copies of this eBook, complying with the rules is very easy. You may use this eBook for nearly any purpose such as creation of derivative works, reports, performances and research. They may be modified and printed and given away--you may do practically ANYTHING in the United States with eBooks not protected by U.S. copyright law. Redistribution is subject to the trademark license, especially commercial redistribution.

START: FULL LICENSE

THE FULL PROJECT GUTENBERG LICENSE  
PLEASE READ THIS BEFORE YOU DISTRIBUTE OR USE THIS WORK

To protect the Project Gutenberg-tm mission of promoting the free distribution of electronic works, by using or distributing this work (or any other work associated in any way with the phrase "Project Gutenberg"), you agree to comply with all the terms of the Full Project Gutenberg-tm License available with this file or online at [www.gutenberg.org/license](http://www.gutenberg.org/license).

Section 1. General Terms of Use and Redistributing Project Gutenberg-tm electronic works

1.A. By reading or using any part of this Project Gutenberg-tm electronic work, you indicate that you have read, understand, agree to and accept all the terms of this license and intellectual property

(trademark/copyright) agreement. If you do not agree to abide by all the terms of this agreement, you must cease using and return or destroy all copies of Project Gutenberg-tm electronic works in your possession. If you paid a fee for obtaining a copy of or access to a Project Gutenberg-tm electronic work and you do not agree to be bound by the terms of this agreement, you may obtain a refund from the person or entity to whom you paid the fee as set forth in paragraph 1.E.8.

1.B. "Project Gutenberg" is a registered trademark. It may only be used on or associated in any way with an electronic work by people who agree to be bound by the terms of this agreement. There are a few things that you can do with most Project Gutenberg-tm electronic works even without complying with the full terms of this agreement. See paragraph 1.C below. There are a lot of things you can do with Project Gutenberg-tm electronic works if you follow the terms of this agreement and help preserve free future access to Project Gutenberg-tm electronic works. See paragraph 1.E below.

1.C. The Project Gutenberg Literary Archive Foundation ("the Foundation" or PGLAF), owns a compilation copyright in the collection of Project Gutenberg-tm electronic works. Nearly all the individual works in the collection are in the public domain in the United States. If an individual work is unprotected by copyright law in the United States and you are located in the United States, we do not claim a right to prevent you from copying, distributing, performing, displaying or creating derivative works based on the work as long as all references to Project Gutenberg are removed. Of course, we hope that you will support the Project Gutenberg-tm mission of promoting free access to electronic works by freely sharing Project Gutenberg-tm works in compliance with the terms of this agreement for keeping the Project Gutenberg-tm name associated with the work. You can easily comply with the terms of this agreement by keeping this work in the same format with its attached full Project Gutenberg-tm License when you share it without charge with others.

1.D. The copyright laws of the place where you are located also govern what you can do with this work. Copyright laws in most countries are in a constant state of change. If you are outside the United States,

check the laws of your country in addition to the terms of this agreement before downloading, copying, displaying, performing, distributing or creating derivative works based on this work or any other Project Gutenberg-tm work. The Foundation makes no representations concerning the copyright status of any work in any country outside the United States.

1.E. Unless you have removed all references to Project Gutenberg:

1.E.1. The following sentence, with active links to, or other immediate access to, the full Project Gutenberg-tm License must appear prominently whenever any copy of a Project Gutenberg-tm work (any work on which the phrase "Project Gutenberg" appears, or with which the phrase "Project Gutenberg" is associated) is accessed, displayed, performed, viewed, copied or distributed:

This eBook is for the use of anyone anywhere in the United States and most other parts of the world at no cost and with almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away or re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included with this eBook or online at [www.gutenberg.org](http://www.gutenberg.org). If you are not located in the United States, you'll have to check the laws of the country where you are located before using this ebook.

1.E.2. If an individual Project Gutenberg-tm electronic work is derived from texts not protected by U.S. copyright law (does not contain a notice indicating that it is posted with permission of the copyright holder), the work can be copied and distributed to anyone in the United States without paying any fees or charges. If you are redistributing or providing access to a work with the phrase "Project Gutenberg" associated with or appearing on the work, you must comply either with the requirements of paragraphs 1.E.1 through 1.E.7 or obtain permission for the use of the work and the Project Gutenberg-tm trademark as set forth in paragraphs 1.E.8 or 1.E.9.

1.E.3. If an individual Project Gutenberg-tm electronic work is posted with the permission of the copyright holder, your use and distribution must comply with both paragraphs 1.E.1 through 1.E.7 and any additional terms imposed by the copyright holder. Additional terms

will be linked to the Project Gutenberg-tm License for all works posted with the permission of the copyright holder found at the beginning of this work.

1.E.4. Do not unlink or detach or remove the full Project Gutenberg-tm License terms from this work, or any files containing a part of this work or any other work associated with Project Gutenberg-tm.

1.E.5. Do not copy, display, perform, distribute or redistribute this electronic work, or any part of this electronic work, without prominently displaying the sentence set forth in paragraph 1.E.1 with active links or immediate access to the full terms of the Project Gutenberg-tm License.

1.E.6. You may convert to and distribute this work in any binary, compressed, marked up, nonproprietary or proprietary form, including any word processing or hypertext form. However, if you provide access to or distribute copies of a Project Gutenberg-tm work in a format other than "Plain Vanilla ASCII" or other format used in the official version posted on the official Project Gutenberg-tm web site ([www.gutenberg.org](http://www.gutenberg.org)), you must, at no additional cost, fee or expense to the user, provide a copy, a means of exporting a copy, or a means of obtaining a copy upon request, of the work in its original "Plain Vanilla ASCII" or other form. Any alternate format must include the full Project Gutenberg-tm License as specified in paragraph 1.E.1.

1.E.7. Do not charge a fee for access to, viewing, displaying, performing, copying or distributing any Project Gutenberg-tm works unless you comply with paragraph 1.E.8 or 1.E.9.

1.E.8. You may charge a reasonable fee for copies of or providing access to or distributing Project Gutenberg-tm electronic works provided that

\* You pay a royalty fee of 20% of the gross profits you derive from the use of Project Gutenberg-tm works calculated using the method you already use to calculate your applicable taxes. The fee is owed to the owner of the Project Gutenberg-tm trademark, but he has agreed to donate royalties under this paragraph to the Project

Gutenberg Literary Archive Foundation. Royalty payments must be paid within 60 days following each date on which you prepare (or are legally required to prepare) your periodic tax returns. Royalty payments should be clearly marked as such and sent to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation at the address specified in Section 4, "Information about donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation."

- \* You provide a full refund of any money paid by a user who notifies you in writing (or by e-mail) within 30 days of receipt that s/he does not agree to the terms of the full Project Gutenberg-tm License. You must require such a user to return or destroy all copies of the works possessed in a physical medium and discontinue all use of and all access to other copies of Project Gutenberg-tm works.
- \* You provide, in accordance with paragraph 1.F.3, a full refund of any money paid for a work or a replacement copy, if a defect in the electronic work is discovered and reported to you within 90 days of receipt of the work.
- \* You comply with all other terms of this agreement for free distribution of Project Gutenberg-tm works.

1.E.9. If you wish to charge a fee or distribute a Project Gutenberg-tm electronic work or group of works on different terms than are set forth in this agreement, you must obtain permission in writing from both the Project Gutenberg Literary Archive Foundation and The Project Gutenberg Trademark LLC, the owner of the Project Gutenberg-tm trademark. Contact the Foundation as set forth in Section 3 below.

## 1.F.

1.F.1. Project Gutenberg volunteers and employees expend considerable effort to identify, do copyright research on, transcribe and proofread works not protected by U.S. copyright law in creating the Project Gutenberg-tm collection. Despite these efforts, Project Gutenberg-tm electronic works, and the medium on which they may be stored, may contain "Defects," such as, but not limited to, incomplete, inaccurate



or corrupt data, transcription errors, a copyright or other intellectual property infringement, a defective or damaged disk or other medium, a computer virus, or computer codes that damage or cannot be read by your equipment.

1.F.2. LIMITED WARRANTY, DISCLAIMER OF DAMAGES - Except for the "Right

of Replacement or Refund" described in paragraph 1.F.3, the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, the owner of the Project Gutenberg-tm trademark, and any other party distributing a Project Gutenberg-tm electronic work under this agreement, disclaim all liability to you for damages, costs and expenses, including legal fees. YOU AGREE THAT YOU HAVE NO REMEDIES FOR NEGLIGENCE, STRICT

LIABILITY, BREACH OF WARRANTY OR BREACH OF CONTRACT EXCEPT THOSE

PROVIDED IN PARAGRAPH 1.F.3. YOU AGREE THAT THE FOUNDATION, THE

TRADEMARK OWNER, AND ANY DISTRIBUTOR UNDER THIS AGREEMENT WILL NOT BE

LIABLE TO YOU FOR ACTUAL, DIRECT, INDIRECT, CONSEQUENTIAL, PUNITIVE OR

INCIDENTAL DAMAGES EVEN IF YOU GIVE NOTICE OF THE POSSIBILITY OF SUCH DAMAGE.

1.F.3. LIMITED RIGHT OF REPLACEMENT OR REFUND - If you discover a defect in this electronic work within 90 days of receiving it, you can receive a refund of the money (if any) you paid for it by sending a written explanation to the person you received the work from. If you received the work on a physical medium, you must return the medium with your written explanation. The person or entity that provided you with the defective work may elect to provide a replacement copy in lieu of a refund. If you received the work electronically, the person or entity providing it to you may choose to give you a second opportunity to receive the work electronically in lieu of a refund. If the second copy is also defective, you may demand a refund in writing without further opportunities to fix the problem.

1.F.4. Except for the limited right of replacement or refund set forth in paragraph 1.F.3, this work is provided to you 'AS-IS', WITH NO OTHER WARRANTIES OF ANY KIND, EXPRESS OR IMPLIED, INCLUDING BUT NOT LIMITED TO WARRANTIES OF MERCHANTABILITY OR FITNESS FOR ANY PURPOSE.

1.F.5. Some states do not allow disclaimers of certain implied warranties or the exclusion or limitation of certain types of damages. If any disclaimer or limitation set forth in this agreement violates the law of the state applicable to this agreement, the agreement shall be interpreted to make the maximum disclaimer or limitation permitted by the applicable state law. The invalidity or unenforceability of any provision of this agreement shall not void the remaining provisions.

1.F.6. INDEMNITY - You agree to indemnify and hold the Foundation, the trademark owner, any agent or employee of the Foundation, anyone providing copies of Project Gutenberg-tm electronic works in accordance with this agreement, and any volunteers associated with the production, promotion and distribution of Project Gutenberg-tm electronic works, harmless from all liability, costs and expenses, including legal fees, that arise directly or indirectly from any of the following which you do or cause to occur: (a) distribution of this or any Project Gutenberg-tm work, (b) alteration, modification, or additions or deletions to any Project Gutenberg-tm work, and (c) any Defect you cause.

## Section 2. Information about the Mission of Project Gutenberg-tm

Project Gutenberg-tm is synonymous with the free distribution of electronic works in formats readable by the widest variety of computers including obsolete, old, middle-aged and new computers. It exists because of the efforts of hundreds of volunteers and donations from people in all walks of life.

Volunteers and financial support to provide volunteers with the assistance they need are critical to reaching Project Gutenberg-tm's goals and ensuring that the Project Gutenberg-tm collection will

remain freely available for generations to come. In 2001, the Project Gutenberg Literary Archive Foundation was created to provide a secure and permanent future for Project Gutenberg-tm and future generations. To learn more about the Project Gutenberg Literary Archive Foundation and how your efforts and donations can help, see Sections 3 and 4 and the Foundation information page at [www.gutenberg.org](http://www.gutenberg.org)

### Section 3. Information about the Project Gutenberg Literary Archive Foundation

The Project Gutenberg Literary Archive Foundation is a non profit 501(c)(3) educational corporation organized under the laws of the state of Mississippi and granted tax exempt status by the Internal Revenue Service. The Foundation's EIN or federal tax identification number is 64-6221541. Contributions to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation are tax deductible to the full extent permitted by U.S. federal laws and your state's laws.

The Foundation's principal office is in Fairbanks, Alaska, with the mailing address: PO Box 750175, Fairbanks, AK 99775, but its volunteers and employees are scattered throughout numerous locations. Its business office is located at 809 North 1500 West, Salt Lake City, UT 84116, (801) 596-1887. Email contact links and up to date contact information can be found at the Foundation's web site and official page at [www.gutenberg.org/contact](http://www.gutenberg.org/contact)

For additional contact information:

Dr. Gregory B. Newby  
Chief Executive and Director  
[gbnewby@pglaf.org](mailto:gbnewby@pglaf.org)

### Section 4. Information about Donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation

Project Gutenberg-tm depends upon and cannot survive without wide spread public support and donations to carry out its mission of

increasing the number of public domain and licensed works that can be freely distributed in machine readable form accessible by the widest array of equipment including outdated equipment. Many small donations (\$1 to \$5,000) are particularly important to maintaining tax exempt status with the IRS.

The Foundation is committed to complying with the laws regulating charities and charitable donations in all 50 states of the United States. Compliance requirements are not uniform and it takes a considerable effort, much paperwork and many fees to meet and keep up with these requirements. We do not solicit donations in locations where we have not received written confirmation of compliance. To SEND DONATIONS or determine the status of compliance for any particular state visit [www.gutenberg.org/donate](http://www.gutenberg.org/donate)

While we cannot and do not solicit contributions from states where we have not met the solicitation requirements, we know of no prohibition against accepting unsolicited donations from donors in such states who approach us with offers to donate.

International donations are gratefully accepted, but we cannot make any statements concerning tax treatment of donations received from outside the United States. U.S. laws alone swamp our small staff.

Please check the Project Gutenberg Web pages for current donation methods and addresses. Donations are accepted in a number of other ways including checks, online payments and credit card donations. To donate, please visit: [www.gutenberg.org/donate](http://www.gutenberg.org/donate)

Section 5. General Information About Project Gutenberg-tm electronic works.

Professor Michael S. Hart was the originator of the Project Gutenberg-tm concept of a library of electronic works that could be freely shared with anyone. For forty years, he produced and distributed Project Gutenberg-tm eBooks with only a loose network of volunteer support.

Project Gutenberg-tm eBooks are often created from several printed editions, all of which are confirmed as not protected by copyright in

the U.S. unless a copyright notice is included. Thus, we do not necessarily keep eBooks in compliance with any particular paper edition.

Most people start at our Web site which has the main PG search facility: [www.gutenberg.org](http://www.gutenberg.org)

This Web site includes information about Project Gutenberg-tm, including how to make donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, how to help produce our new eBooks, and how to subscribe to our email newsletter to hear about new eBooks.